

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
ARQUITETURA E URBANISMO

PTRUCIO MACIEL ARGOLO LAURENTINO

TRANSITORIEDADES E MUDANÇAS PROVOCADAS PELA FESTA DE YEMANJÁ  
NO RIO VERMELHO EM SALVADOR/BA

LARANJEIRAS/SE

2021

PTRUCIO MACIEL ARGOLO LAURENTINO

TRANSITORIEDADES E MUDANÇAS PROVOCADAS PELA FESTA DE YEMANJÁ  
NO RIO VERMELHO EM SALVADOR/BA.

Trabalho apresentado à banca final de TCC II  
(Trabalho de Conclusão de Curso II) do  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Federal de Sergipe como  
exigência parcial para aprovação na  
componente curricular ARQUI0068.

Orientadora: Dra. Maria Cecília Pereira Tavares

LARANJEIRAS/SE

2021

PTRUCIO MACIEL ARGOLO LAURENTINO

TRANSITORIEDADES E MUDANÇAS PROVOCADAS PELA FESTA DE YEMANJÁ  
NO RIO VERMELHO EM SALVADOR/BA.

Trabalho apresentado à banca final de TCC II  
(Trabalho de Conclusão de Curso II) do  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Federal de Sergipe como  
exigência parcial para aprovação na  
componente curricular ARQUI0068.

Laranjeiras/SE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de  
2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora Dra. Maria Cecília Pereira Tavares

Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de  
Sergipe

---

Convidada Interna Dra. Ana Maria de Souza Martins Farias

Professora do Departamento de Engenharia Civil e professora no Departamento de  
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe

---

Convidado Externo Dr. Fernando Aguiar

Professora do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe

---

Convidada Externa Ma. Mariely Cabral de Santana

Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia

Dedico esse trabalho aos movimentos, subjetividades e devires que constroem possibilidades de vivências, que em seus movimentos de luta pela dignidade de existir permitem mudanças substanciais e efetivas às sociedades.



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, meus grandes amores, Glória e Petrucio, por acreditarem em mim, os quais mesmo não tendo tido acesso à academia (nem eles, nem seus pais, nem seus avós) entenderam a importância desse sonho e dedicaram todo esforço financeiro, todo amor e apoio emocional, importantes durante o caminho percorrido, partiu deles os primeiros e contínuos incentivos - certamente é por eles também essa realização.

À meu irmão e irmã que sempre acreditaram e incentivaram meus sonhos. Agradeço a Philipe pelo apoio, amor e partilhas. Agradeço à Fabiane que sempre cuidou e esteve a postos para mim, quando faltou recursos, quando faltou autoconfiança.

À minha tia Bete e meu primo Hadivan, sem eles não teria sido possível essa construção, agradeço por todo afeto, confiança e apoio financeiro, por terem aberto a casa para mim, sem eles essa realização teria sido menos possível. À dona Vilma, amiga querida, que tornou os dias mais leves em Aracaju dividindo suas vivência e ouvindo as minhas, grato pela amizade e pelo suporte possível enquanto morava com minha tia.

À Bruninha e Thas, amigas queridas, que abriram as portas para mim em Salvador para que pudesse desenvolver essa pesquisa de forma tranquila. Grato por toda recepção e carinho, por também terem sido companhia durante a Festa.

Às vizinhas e vizinhos, amigas e amigos de infância com quem aprendi e vivi momentos de intervenção e diversão na rua onde cresci, vislumbrando ações pequenas para suprir a falta das políticas públicas urbanas.

À minha orientadora, Cecília, a qual se tornou uma amiga, que além de topar participar da pesquisa respeitando, contribuindo e acreditando em meu processo, foi uma importante inspiração durante a graduação, por dividir visões e experiências mais sensíveis e por incentivar processos de conhecimento mais abertos.

Em especial ao meu amigo Vinicius (Dinicius), que se tornou um irmão, importante em vários momentos desse percurso, companheiro de projetos e de várias vivências pessoais.

Às colegas de graduação, que se tornaram companheiras(os) e amigas(os) queridas(os) que fiz em Aracaju, durante às rotinas acadêmicas, no movimento estudantil, nas idas à praia, me refiro principalmente à Lívia, Mayra, Poli, Lari Elias e Lari Gama, Mari, Gabi, Neto, Rebz, Maurício, Téio, - obrigado por todas as ideias e experiências construídas, por terem sido casa em Aracaju.

Às amigas e amigos que fiz em BH, que participaram desse processo direta e indiretamente, principalmente a Gabo, Caru, Renata, Barbs, Cissa e Gabi que partilharam ideias e derivas na cidade, que sempre foram afetuosas e companheiras. À Glico e Rômulo, amigos e

companheiros queridos, que dividiram o dia a dia comigo no último ano, além de ideias e percepções, que me receberam e dedicaram todo apoio possível, grato por permitir que essa última etapa fosse mais suave e cheia de cuidado.

Às políticas de ações afirmativas, à assistência estudantil, alcançadas através das Universidades e Institutos Federais, que contribuem de forma significativa para a entrada e permanência de pobres e negros no ambiente de produção científica e de troca de conhecimentos.

À Universidade Federal de Sergipe, ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFS e a Escola de Arquitetura da UFMG por contribuírem com minha formação.

Agradeço também a todos, militantes e pessoas comuns, que defendem em ações e nos diálogos a continuidade do ensino público e de qualidade no Brasil.

Ao lado do poder, há sempre a potência.  
Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. E trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: este ponto... é simplesmente lá onde às pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe; pois tudo isso é a vida e não a morte.

Antonio Negri

## **RESUMO**

A presente pesquisa foi desenvolvida entre 2019 e 2021, produzida como Trabalho Final de Graduação para atender às exigências do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe. A pesquisa se dispôs ao estudo e investigação de processos de construção do espaço urbano a partir de narrativas e participação de movimentos contra hegemônicos ao planejamento urbano contemporâneo - o qual assume caráter hegemônico estruturalmente. Como objeto de estudo tem-se a Festa de Yemanjá que aconteceu em 2 de fevereiro de 2020 - embora para alguns fins comparativos o festejo em 2019 também tenha feito parte do processo de observação - a fim de tentar visualizar como se dá essa existência, passando pelo histórico que a forma e também por sua inserção na conjuntura da cidade contemporânea de Salvador. A discussão pretendida se dá em como o festejo contribui para o acesso e ascendência de existências, expandido a ideia de democratização no processo de construção da cidade a partir de espaços/lugares subjetivos e vivências transitórias.

Palavras-chave: Contra-usos urbanos. Festa de Yemanjá. Espaços/Lugares Transitórios. Transitoriedades. Existências Contra-hegemônicas.

## RESUMEN

La pesquisa aquí presentada se ha desarrollado entre 2019 y 2021, producida como Trabajo Fin de Grado para cumplir a las exigencias del Departamento de Arquitetura e Urbanismo de la Universidade Federal de Sergipe (UFS). La pesquisa se ha dispuesto al estudio e investigación de procesos de construcción del espacio urbano a partir de narrativas y participación de movimientos contrahegemónicos al planeamiento urbano contemporáneo - que asume un carácter hegemónico estructuralmente. Como objeto de estudio se presenta la *Festa de Yemanjá* que ha ocurrido el 2 de febrero de 2020 - aunque para algunos fines comparativos se ha incluido la fiesta de 2019 como parte del proceso de observación - para intentar visualizar cómo sucede esta existencia, pasando por el histórico que la forma y por su inserción en la coyuntura de la ciudad contemporánea de Salvador. La discusión prevista trata de cómo la fiesta aporta para el acceso y ascendencia de existencias, expandiendo la idea de democratización en el proceso de construcción de la ciudad a partir de espacios/sitios y experiencias transitorias.

Palabras clave: Contra-usos urbanos. *Festa de Yemanjá*. Espacios/Sitios transitorios. Transitorios. Existencias contrahegemónicas.

## **ABSTRACT**

The following research was developed between 2019 and 2021, produced as a Final Graduation Paper to meet the requirements of the Department of Architecture and Urbanism at the Federal University of Sergipe. The research was willing to study and investigate urban space construction processes from narratives and participation of counter-hegemonic movements to contemporary urban planning - which assumes a structurally hegemonic character. The object of study is Yemanjá's Day, that happened on February 2, 2020 - although for some comparative purposes the celebration in 2019 was also part of the observation process - in order to try to visualize how this existence takes place, going through the history that forms it to its insertion in the context of the contemporary city of Salvador. The intended discussion takes place on how the celebration contributes to the access and ascendancy of existences, expanding the idea of democratization in the city construction process from spaces/places and transitory experiences.

Keywords: Urban counter-uses. Yemanjá's Day. Transitory Spaces/Places. Transients. Counter-hegemonic existences.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
PRIMEIRA PARTE	
2 <b>DO CULTO À FESTA</b> .....	20
2.1 RELIGIOSIDADE AFROBRASILEIRA .....	20
2.2 RIO VERMELHO, SALVADOR/BA .....	41
2.3 PRESENTE DA MÃE D'ÁGUA .....	51
SEGUNDA PARTE	
3 <b>CONTRA-USOS, CONTRA-HEGEMONIA: APROXIMAÇÕES DE UMA</b> <b>DEMOCRATIZAÇÃO DA VIDA NA CIDADE</b> .....	62
TERCEIRA PARTE	
4 <b>PESQUISA DE CAMPO: DIAS COMUNS   VÉSPERAS   FESTA</b> <b>DOS PALHAÇOS</b> .....	83
5 <b>PESQUISA DE CAMPO: 02 de FEVEREIRO - DIA DE YEMANJÁ</b> .....	137
QUARTA PARTE	
6 <b>ANÁLISE A PARTIR DOS DADOS E NARRATIVAS</b> .....	161
7 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	166
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	169
ANEXO A .....	173
ANEXO B .....	174

## 1 INTRODUÇÃO

A investigação proposta por esse estudo surgiu de inquietações e observações sobre usos não comuns e não permanentes em espaços públicos urbanos usualmente utilizados de outras maneiras, usos não previstos pelo desenho e planejamento formais das cidades. Com a experiência, de início pessoal (que provocou vontade de aprofundamentos), observou-se que as pessoas alteram a cidade em determinados momentos e diariamente como fluxos/usos/paisagem, de sentidos, sensações, onde essa mutabilidade da cidade, sob essa condição, estaria também intrínseca na continuidade das relações estabelecidas entre os corpos e o espaço/lugar - de certa forma autônoma e espontânea.

Partindo-se disso, ao longo do trabalho contrapõem-se atores de formação de cidade, que não necessariamente caminham isolados, que se entrecruzam em determinados momentos. Enquanto certos atores estabelecem suas dinâmicas através de um movimento formal que atua a partir da legalidade, outros estão intrínsecos em movimentos que constroem a partir do previsível mas também de formas inesperadas. Foi utilizado o conceito de lugar/espaço e usos, da geógrafa Doreen Massey (2008) em seu livro “Pelo Espaço” que relaciona espaço, tempo e lugar a aspectos políticos, globais e pessoais. Para chegar a “lugar”, segundo a autora, é preciso antes entender o que é espaço, para isso Massey (2008) propõe que esse seja entendido de forma alternativa às abordagens comuns que se propõem a denominá-lo. Primeiramente a autora sugere que se parta de três proposições para esta conceituação: entender o espaço a partir de suas interrelações, como resultante das interações entre as pessoas e o meio, de uma esfera global a um aspecto íntimo, no micro; o espaço como possibilidade de coexistências múltiplas de trajetória - sendo as pessoas, o meio, o histórico cultural/social, etc - entendidas como trajetórias em si; o espaço como sendo inacabado, aberto, produto de interações entre as diversas trajetórias em um processo constante de feitura. O espaço é uma “estória-até-então”. O lugar para a autora é o “aqui”, um conjunto das variadas estórias-até-então, uma conexão dentro de uma complexa geometrização do poder do espaço (MASSEY, 2008).

Ainda sobre lugar, para que o entendimento seja melhor atendido, Doreen nos trás que:

(...) o “aqui” é nada mais (e nada menos) do que o nosso encontro e o que é feito dele. É, irremediavelmente, aqui e agora. Não será o mesmo “aqui” quando não for mais agora”.

“Aqui” é onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações, conjunturas de trajetórias que têm suas próprias



temporalidades (portanto, “agora” é tão problemático quanto “aqui”. Mas onde as sucessões de encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história. São os retornos (o meu, o dos pássaros) e a própria diferenciação de temporalidades que proporcionam continuidade. Mas os retornos são sempre para um lugar que se transformou, as camadas de nosso encontro interceptando e afetando um ao outro, a tessitura de um processo de espaço-tempo. Camadas como adição de encontros. Assim, algo que poderia ser de “lá” e que desse modo está implicado no aqui e agora. “Aqui” é um imbricar de histórias no qual a espacialidade dessas histórias (seu então tanto quanto seu aqui) está inseparavelmente entrelaçada. As próprias interconexões são parte da construção de identidade, o que Gupta e Ferguson (1992) chamam de “um processo histórico compartilhado que diferencia o mundo ao conectá-lo” (MASSEY, 2008, p 201-202).

Às narrativas que estabelecem dinâmicas de construção do espaço de forma mais acessível, democrática e sensível à condição do corpo e das interações se contrapõem processos característicos na formação do espaço urbano braileiro, do seu início aos dias atuais. A pensadora, arquiteta e urbanista, Ermínia Maricato (2015) em “Para Entender a Crise Urbana” retrata uma perspectiva através do recorte do sistema capitalista e em como a atuação do Estado provedor é calcada na produção de espaços a partir de ideais neoliberais hegemônicos (baseados na divisão e exploração de trabalho, na especulação do valor da terra urbana, na ausência de Reforma Urbana) que sustentam lugares e relações existentes desde os séculos anteriores em detrimento de ações que garantem de fato acessos igualitários ao urbano. Maricato (2015) baseada em Castro e Silva (1997) retrata como o acesso à cidade estruturada é relativizado e condicionado às relações moldadas pelo capitalismo:

Evidentemente, para esse capitalismo “funcionar” como parte da divisão internacional do trabalho, os trabalhadores urbanos integrados ao processo produtivo – mas excluídos de grande parte dos benefícios que o mercado do consumo assegura e, especialmente, excluídos da cidade – são submetidos a uma poderosa máquina ideológica, quando não pode ser simplesmente repressora. Além da poderosa máquina midiática, generalizada do débito político e o favor como mediação universal são relações que explicam muito a cidade e uma sui generis forma de cidadania no Brasil: direito para alguns, modernização para alguns, cidade para alguns... (Castro e Silva, 1997) (MARICATO, 2015, p. 28).

Nesse sentido, entendendo que esses movimentos formais de construção alcançam mecanismos legais e narrativas hegemônicas que tendem a padronização, valorização e protagonismo na vida e na historicidade, vê-se a importância de entender a formação da cidade a partir de movimentos que alcançam características fora dessa lógica, movimentos que deslocam lugares e que estão ligados à narrativas potentes de construção do espaço urbano, ampliando o sentido de democratização e participação na construção da vida, consequentemente da vida urbana - abrindo assim espaço para a aproximação e o pensamento de novas questões e ações que estejam mais comprometidas com as vidas postas à marginalidade.

Nessa tentativa de aproximação de novas narrativas e de percepção de espaços/lugares formados por contra-usos e por ações contra-hegemônicas, entenderemos tais conceitos, focalizando a percepção de transitoriedades e mudanças provocadas pela Festa de Yemanjá no Rio Vermelho em Salvador/BA, que acontece no dia 2 de fevereiro, anualmente. Festa que marca o histórico do bairro e que está inserida no hábito dos moradores da cidade como um todo, que não necessariamente são pescadores ou estão ligados diretamente às religiões afro-brasileiras, grupos ligados intrinsecamente à existência da festa. O presente<sup>1</sup> para o orixá acontece nas praias da cidade como um todo, entretanto o foco da observação se deu nos espaços gerados no entorno da faixa litorânea que compreende as praias da Paciência, Rio Vermelho (de onde sai o presente principal) e praia da Mariquita, não somente nos espaços entendidos como religiosos, mas também nas ruas onde acontecem a festa profana. O trabalho atém-se às transformações nesse intervalo de tempo em que os espaços/lugares cotidianos são sobrepostos pelos lugares que emergem na Festa de Yemanjá, onde acontecem alterações no espaço que diferem em variados aspectos do que é condicionado planejamento urbano durante o cotidiano. O processo do desenvolvimento dessa pesquisa foi continuamente aberto às interferências das percepções, num tempo decorrido entre 2019 e 2021, com visitas espaçadas na delimitação do bairro que passa por maiores interferências em 2 de fevereiro.

Nesse sentido, a pergunta/condição a ser respondida/investigada e que guiará o trabalho como um todo é se a Festa de Yemanjá possibilita o surgimento de lugares e espaços que permitem que as subjetividades existam e produzam acessos à cidade, sob a noção de expansão da democratização na construção participativa desse recorte de espaço urbano, a partir de narrativas individuais e coletivas: há mudanças nos espaços do Rio

---

<sup>1</sup> No candomblé o presente é uma das formas de reverenciar os orixás, o presente para Yemanjá na festa de 2 de fevereiro é formado por um balaio (cesta) principal que permanece durante todo o dia na Casa dedicada a divindade onde as pessoas depositam objetos de diversos tipos. Pierre Verger (1981) em Orixás descreve a versatilidade desses presentes que podem ser desde flores, perfumes e sabonetes à cartas, dinheiro e jóias, além do balaio é de costume o depósito de flores e objetos pelos fiéis e admiradores, de forma independente, diretamente no mar (VERGER, 1981 p. 192).

Vermelho (quais e sob quais aspectos? O que se transforma e o que permanece? Mensura-se em qual escala?)?

Sendo o objetivo geral da pesquisa investigar as transformações e agentes de criação de espaços/lugares urbanos e de acessos à cidade de formas subjetivas e coletivas e tentar compreender o contexto dessas inserções. Para que fosse possível alcançar este objetivo partiu-se da pretensão de identificar características e entender a relação dos agentes que promovem mudanças nos espaços, das transitoriedades, e investigar as determinantes que condicionam essas existências, analisar e descrever as mudanças identificadas durante a festa de Yemanjá no perímetro de estudo - o que esse espaço representa no contexto social/urbano da cidade - e dos usos no mesmo perímetro de estudo durante dias comuns desenvolvendo material de exposição visual para somar às características descritas no decorrer da pesquisa.

A pesquisa parte do método hipotético-dedutivo, foi estruturada levando em consideração métodos específicos das ciências sociais, como indica Marina Marconi e Eva Lakatos (2003) em “Fundamentos de Metodologia Científica”, devido a temática se aproximar dessa grande área. Com abordagem qualitativa, perpassando algumas técnicas como a de observação, entrevistas não diretivas e documentação e modalidades de pesquisa, de acordo com Antônio Severino (2010) em “Metodologia do Trabalho Científico”. Sendo as modalidades de pesquisa utilizadas: bibliográfica - utilizada para contextualização histórica das relações de existências na cidade na contemporaneidade, para o entendimento dos conceitos, para a inserção deles de acordo com o tema e para as análises e considerações finais; as pesquisas exploratória, etnográfica e de campo - modalidades utilizadas como referências para a observação de percurso, traçado de acordo com experiências anteriores da festa de Yemanjá e de derivas nos entornos do objeto de pesquisa; pesquisa explicativa - para guiar a análise de resultados e considerações finais relacionando material observado à ideia de acessos à cidade a partir das transitoriedades. É preciso pontuar a menção feita sobre a utilização de derivas durante a pesquisa de campo, sendo esta uma técnica metodológica prático-teórica, tendo o trabalho se aproximado desse conceito a partir do texto de Guy Debord (1958), “Teoria da Deriva”, publicado na segunda edição da revista Internacional Situacionista do ano de 1958. a partir da tradução de membros do coletivo Gunh Anopetil (2009). A deriva de acordo com Debord (1958) se apresenta como uma possibilidade de leitura psicogeográfica das cidades modernas a partir do processo de intensificação da industrialização, onde:

Uma ou várias pessoas que se lançam à deriva renunciam, durante um tempo mais ou menos longo, os motivos para deslocar-se ou atuar normalmente em suas relações, trabalhos e entretenimentos próprios de si,

para deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele corresponde. A parte aleatória é menos determinante do que se crê: no ponto de vista da deriva, existe um relevo psicogeográfico nas cidades, com correntes constantes, pontos fixos e multidões que fazem de difícil acesso à saída de certas zonas. Mas a deriva, em seu caráter unitário, compreende o deixar levar-se em sua contradição necessária: o domínio das variáveis psicogeográficas pelo conhecimento e o cálculo de suas possibilidades. Concluído este último aspecto, os dados postos em evidência pela ecologia, ainda sendo a priori muito limitado o espaço social que esta ciência propõe estudar, não deixam de ser úteis para apoiar o pensamento psicogeográfico (DEBORD, 1958, p. 1, tradução GUNH ANOPETIL, 2009).

Nesse sentido, segundo o trecho apresentado acima, as derivas feitas na pesquisa de campo se correlacionam à ideia teorizada por Debord (1928), embora tenha havido subversões ao não serem seguidos alguns passos determinados pelo autor para tal procedimento.

O trabalho foi estruturado em três partes, a primeira parte compreende o segundo capítulo, no qual remonta-se ao histórico de colonização escravocrata da cidade de Salvador e como o racismo a atinge desde então, aos movimentos de resistência que surgem a partir do processo de tráfico negreiro, propulsores da cultura afro-baiana/afro-brasileira e que consequentemente afeta diretamente contornos sociais e políticos da cidade, apoiando-se no movimento retratado por J. Lorand Matory (1998) como Renascença Yorubá e na narrativa de Pierre Verger (1981) sobre a concepção do candomblé e os atravessamentos culturais condicionados pela Diáspora Africana. Neste capítulo também é retratado o histórico de formação do bairro do Rio Vermelho à atualidade e seu contexto de inserção socioespacial em Salvador e ao histórico da Festa de Yemanjá, desde o primeiro Presente, apresentando características e personalidades presentes na organização do festejo ao longo do tempo.

Na segunda parte do trabalho é desenvolvido o terceiro capítulo, onde o texto procura discutir como a formação das cidades a partir de políticas urbanas promovidas pelo Estado são cooptadas por uma estrutura hegemônica, onde nos focamos nas influências do racismo estrutural, de acordo com a abordagem de Silvio Almeida (2021) e das ações do capitalismo globalizado, a partir de narrativas de Otília Arantes, Carlos Vainer e Ermínia Maricato (2002). Entendemos que as políticas urbanas tem sido cingidas pelo racismo e capitalismo de forma histórica e estrutural no Brasil, com contribuições nesse aspecto das autoras Djamila Ribeiro (2019), Lilia Schwarcz e Heloísa Starling (2015), criando um espaço geográfico, cultural e social marginalizado que os negros libertos, sem direitos e trabalho, ocupam na cidade pós colonial e em como os estigmas existentes até então são

intensificados desde o século XX a partir da ação do capital globalizado como componente e regulador das cidades contemporâneas. A partir da ideia de como se constitui a lógica hegemônica na construção dos espaços urbanos, a segunda metade do capítulo desenvolve conceitos e reflexões relacionadas a formação do espaço/lugar a partir dos contra-usos e de forças contra-hegemônicas, protagonizados pela marginalidade, através de autores como Rogério Leite (2007) e Peter Pelbart (2011).

A terceira parte do trabalho compreende o quarto e quinto capítulo, onde são apresentados relatórios, entrevistas e registros da pesquisa de campo, material desenvolvido ao longo de 18 visitas, em dias, meses e horários diferentes. O quarto capítulo, apresenta usos, características e contra-usos, assim como características do bairro durante os campos feitos em dias comuns, fora do período da Festa de Yemanjá, durante as Festas dos Palhaços e nas Vésperas do dia 02 de fevereiro de 2020. O quinto capítulo se volta ao detalhamento das observações durante a festa de Yemanjá, ao longo do dia 02, nos dois momentos de campo feitos, tentou-se nele dinamizar a escrita a fim de demonstrar certa personalidade e afetações que foram sentidas a partir da festa, nele está presente também imagens e frames de vídeo como tentativa de causar uma aproximação de sensações ao leitor e também para demonstrar diferenças dos campos relatados no capítulo quatro.

A quarta - e última - parte é formada pela análise de resultados, considerações finais e referências bibliográficas, nessa ordem, onde é apresentado breve relatório sobre os dados e saberes proporcionados pela pesquisa com um todo, relacionando os conceitos desenvolvidos com a pesquisa de campo, e os campos entre si, enquanto às considerações finais nos coloca a par do andamento do trabalho, dos pontos atendidos e não atendidos, além dos vislumbres para aprofundamento da temática. Os autores apresentados ao longo dessas descrições dos capítulos não conformam a totalidade de autores utilizados para desenvolvimento da pesquisa, são demonstrativos para situar alguns dos pensadores que conduziram o encaminhamento do trabalho.

Desse modo, a partir da pesquisa, nos foi possível perceber a Festa como manifestação cultural e religiosa originária de um povo submetido a escravidão a partir do processo Diaspórico Africano e do conjuntos de ações que se referem a um movimento de abrangência continental, geopolítico, de resistência como retrata Matory (1998). A Festa que acontece com o objetivo de homenagear Yemanjá, orixá cultuada em terreiros afro-brasileiros - os quais ocupam espaços populares e periféricos desde seu início aos dias atuais, de acordo com às narrativas de Verger (1981) e Jocélio dos Santos (2008) - que com a ocupação do Rio Vermelho estabelecem alterações, a partir de uma biopolítica coletiva (PELBART, 2011), em estruturas enraizadas na cidade, de formas subjetivas, por contra-usos (LEITE, 2007). Entendemos que esses movimentos apresentam uma diluição contra hegemônica dos espaços formais do bairro, condicionados pelos planejamentos

urbanos. Está presente em um espaço da cidade que não é produzido para a população que diariamente ocupa os espaços e lugares periféricos sociais e urbanos, o que altera não só de forma física, a partir desse lugar Festa que existe e que é recorrente anualmente e dos vários lugares produzidos a partir das subjetividades, mas também num campo maior, interferindo nas ações políticas urbanas onde tem o Estado como legislador das políticas desenhadas a partir de princípios hegemônicas, neoliberais, classistas (ARANTES, VAINER, MARICATO, 2002) e racistas (ALMEIDA, 2021).

Busca-se assim levantar para os mesmos a importância da construção e manutenção dos lugares diversos e representativos na cidade para que esses movimentos continuem existindo, dado o contexto atual, como forma de dissolver barreiras impostas historicamente e reconhecer não só as práticas, como também a resistência que esses espaços representam dentro desse processo de construção da cidade legal - e fora dela. Que de alguma maneira, direta ou indiretamente, o estudo apresentado possa fazer parte do conjunto de discussões que têm pautado o direito à vida urbana digna e o protagonismo das existências invisibilizadas na construção de lugares na cidade.

## **PARTE I**

## 2 DO CULTO À FESTA

O trabalho tem como ponto de partida a contextualização da Festa de Yemanjá que acontece no dia 2 de Fevereiro no Rio Vermelho em Salvador na Bahia, para isso fez-se necessária investigação sobre as condicionantes que são inerentes a existência da festa, no que a precede, no seu início e nas características presentes em sua continuação até a contemporaneidade. Para tal contextualização é preciso tecer entendimentos: que nos remete ao histórico do candomblé, sua origem e o lugar que o povo negro e sua religiosidade ocuparam/ocupam na sociedade brasileira; sobre o espaço não transitório em estudo com suas características de formação e ocupação, no qual se dá a permanência da Festa, o bairro Rio Vermelho em Salvador; sobre o histórico da festa no Rio Vermelho, características de sua celebração, consolidação desse espaço ao longo dos anos.

### 2.1 RELIGIOSIDADE AFROBRASILEIRA

Pierre Fatumbi Verger (1981), no livro “Orixás”, traz características e disserta acerca dos orixás, deuses cultuados pelos lorubas em seus lugares de origem na África - Nigéria, Benin, antiga Daomé, e Togo - e no “Novo Mundo”, Brasil e nas Antilhas, para onde foram trazidos pelos negros condicionados a escravidão. O termo “*Yorùbá*” por Saburi Biobaku, segundo menção de Verger, é atribuído a um grupo de milhões de pessoas que são originários de uma mesma região (cidade de Ifé). Nessa região existiam diversas aglomerações pequenas as quais mais se aproximavam da ideia de aldeias em sua organização. A conquista de Ifé e a recuperação dos mini estados pelo grupo *Odudua* representa um dos fatores do processo de urbanização da região, entretanto não se pode afirmar sobre uma homogeneidade política e que houvesse antes do século 19 uma identidade coletiva reconhecida segundo Verger (1981). De acordo com o que é descrito pelo autor, um dos entendimentos é que a denominação lorubá para o reconhecimento de um grande grupo de tribos que compartilham características culturais e linguísticas é um processo forjado pelo tempo, pelas relações de conflitos e associações intertribais e por interesses políticos e religiosos. Essa mesma região até o século 18 fora conhecida por diferentes nomes: por *Ulkumy*, *Ayo* ou *Eyo*; *Eyo* que em dado momento é chamado pelos árabes e pelos Haussa como *Yarriba* ou *Yourriba* – existe hipótese onde a utilização do termo “lorubá” seria para se referir exclusivamente ao povo de Oyó pelos Haussa (VERGER, 1981).



J. Lorand Matory (1998) disserta, em “Yourubá: As rotas e as raízes transatlânticas, 1830 – 1950<sup>2</sup>”, sobre as origens das religiões afro-latinas, suas influências e em como é moldada uma identidade transatlântica e geopolítica. Acerca da influência dos Oyo, o povo Yorubá histórico, Matory (1998) traz que uma hegemonia alcançada por eles no período pré colonial (1500-1800), se dá devido a conquista de grande parte do território que é conhecido hoje como Yorubaland, o apoio de entidades políticas e *eleguns* de Xangô, a assimilação parcial da língua e fortemente das práticas religiosas dos deuses yourubás pelos povos dominados. Quando o império Oyo cai em 1830, eles dominam ainda mais territórios e os deuses yourubás passam a simbolizar uma forma de poder muito mais disseminada juntamente com o forte e amplo comércio de tecidos no interior do golfo de guiné (MATORY, 1998).

*Nago, anago e inongo* (termos associado ao *ethos* Yorubá) aparecem pela primeira vez em 1777 em correspondências de comandantes de fortes europeus (inglês, francês, português) em Uidá, indicando que conseguia-se nagôs em Porto Novo, porto este que se estabeleceu em conjunto com Badagri e Lagos como principais embarcadouros de escravos comercializados pelo povo de Oyó. No Brasil, encontra-se registro com aparição da palavra em correspondência enviada da Bahia em 1756, anterior às correspondências enviadas da África. Verger defende que o uso da palavra na Bahia era tal como utilizado em Daomé, atribuindo nagôs a negros de qualquer nação, de acordo com a narrativa de Vivaldo Costa Lima. Ainda relacionado ao termo nagô, segundo citação feita por Verger do comandante do forte francês de Uidá, Gourg, o mesmo relata em carta de 1788 que “os daomeneanos destruíram completamente o território de nagôs, fato que acarretará escravos” (1788, apud Verger 1981, p. 12), onde parece existir diferenciação entre daomeneanos e nagôs mesmo sendo falantes da mesma língua, pode-se interpretar da mesma forma a comercialização de nagôs pelos oyos, também falantes de iorubá. Nesse sentido cabe trazer aqui que na região central da antiga Daomé, hoje Benin, há grupos falantes de Iroubá, assim como no Togo, sendo isso resultado do processo de integralização por descendentes diretos enviados pelos *Odudua*, após a conquista de Ifé. Estes grupos se diferenciam dos demais pela ausência de culto a alguns orixás (Yemanjá é um dos orixás não cultuados por esses grupos) e a presença de outros não cultuados por outros iorubás (VERGER, 1981).

---

<sup>2</sup> Yourubá: As rotas e as raízes da nação transatlântica, 1830 - 1950 – Artigo publicado no volume 4 do periódico Horizontes Antropológicos em 1998.

Posteriormente, já no século 19, em 1830, com a ajuda de Samuel Aiavi Crowther<sup>3</sup>, o reverendo John Raban da *Church Mission Society* escreve que o termo denominava um grande país formado por cinco regiões: Oyó, Ijebu, Ijexá, Egbwa e Ibarupa - embora outras regiões fizessem parte desse grande país. Verger nos traz que existia a necessidade de uma narrativa que demonstrasse agrupamento - tanto para os missionários, não alterando os materiais utilizados para as missões de evangelização com traduções distintas dentro de uma mesma língua, devido a variações de termos entre os grupos, quanto de forma política pela administração colonial britânica (VERGER, 1981) e pelo movimento conhecido como Nacionalismo Cultural (MATORY, 1998), a fim de imprimir uma ideia de unificação entre estas nações, colonizadas e reconciliadas, falantes de uma mesma língua e cultuantes de uma mesma religião, embora as mesmas se identificassem mais com a sua própria “nacionalidade” (VERGER, 1981).

Por Matory (1998), a ideia de unificação que é desencadeada no século 19 desdobra-se na Renascença Yorubá que tem Lagos como sítio aporte desse movimento que atinge diretamente Salvador e influencia na estruturação do Candomblé no Brasil. O autor nos traz que as religiões de matriz africanas fora da África são além de consequências diretas da ancestralidade africana, ressoantes nos negros africanos escravizados e trazidos para o Brasil, são resultado também de um movimento multinacional, político que se expande pelo atlântico negro com intensidade nas últimas décadas do século 19. A Renascença Yorubá não se refere somente a uma tradição que é compartilhada entre negros, incorpora a identidade de uma nação transatlântica, sendo as grandes metrópoles dessa nação: Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil, juntamente com cidades de Cuba, Nigéria e EUA, alcançando vários países das Américas e da costa da África ocidental. A origem desse movimento está intrinsecamente ligada às trocas e relações que se estabelecem entre os processos migratórios, no próprio continente africano e entre a África e as Américas, tendo como precursores o intercâmbio entre as nações religiosas africanas e as afro-latinas, que surgiram a partir da diáspora, viajantes, mercadores e peregrinos (MATORY, 1998).

Lagos até meados do século 19, estava sob influência do império de Benin, afastada do domínio do império Oyo, embora desde o final do século 19, com a ascensão do tráfico de escravos, a economia lagosiana permitiu que eles se tornassem independentes de Benin com o passar do tempo. Com a ruptura do

---

<sup>3</sup> Samuel Aiavi Crowther foi um ex-escravizado, nascido em Oxogum no reino de Oyó, já em liberdade foi levado para Serra Leoa em 1822, onde estudou. Após ida para Inglaterra retornou à África e se tornou bispo da igreja anglicana. Em 1852 Crowther escreveu o livro “Vocabulário Iorubá”.

império de Benin e em 1861 com o estabelecimento do poder britânico, a realidade de Lagos é forjada pelo confronto entre as forças coloniais inglesa e francesa para estabelecerem domínio em áreas maiores da região, o qual desencadeia a criação de novas formas de organização de cidades e povos, e de divisões entre eles. Com todo contexto de uma cidade cosmopolita, polo cultural e comercial do Golfo de Guiné, e de uma região dividida sob domínio de duas nações colonialistas, o que se estabelece como força potente, é o encontro de ex-escravos do Brasil e Cuba e dos Saros<sup>4</sup> que retornaram para Lagos e que em conjunto com outros retornados e cativos africanos de toda costa ocidental, de Lagos a Freetown, estabeleceram formas inter-regionais de comunicação, atuaram na formulação de uma identidade coletiva transcultural nacionalista (MATORY, 1998).

A realocação dos povos oyo, egba, egbado e ijesa em serra leoa, devido ao combate ao tráfico negreiro, política colonial britânica, ocasionou na aproximação desses povos, entre eles mesmos e com os serra-leonenses, a partir disso o reconhecimento de suas características em comum e de suas diferenças, originaram a identidade étnica “Aku”, que veio a ser incorporada pelo ethos dos novos yorubás, Matory visualiza que possivelmente o que acontece no Brasil na origem das nação Nagô ou Queto e em Cuba com a nação Lucumí se assemelha ao processo de origem dos “Akus”. Devido aos programas filantrópicos e missionários ingleses, os krios/akus são alfabetizados em inglês e cristianizados, o que os elevou a uma posição ilustre e garantiu certos privilégios, como empregos públicos, participação ativa no comércio e em projetos missionários, num primeiro momento em relação aos nativos de Serra Leoa e num segundo momento em relação aos afro-latinos, quando retornaram para Lagos - isso se dá devido ao domínio da língua e dos costumes ingleses (MATORY, 1998).

Devido ao reconhecimento de uma formação mais culta, segundo ditames da época, os Saros concebem o *Yourubá* como língua escrita, seu léxico e ortografia. A exemplo de Samuel Ajayi Crowther que escreve o “Vocabulário da Língua Yorubá” (1843) e posteriormente “A História dos Yorubás” (1921), marcas da existência/formação da nação Yorubá. Tais pensamentos dos Saros que ocupavam postos de missionários anglicanos, influenciaram diretamente o pensamento colonial inglês e consequentemente nas suas formas de tratamento, de valorização, de validação de decisões tomadas, de negociações - quando estes queriam garantir vantagens econômicas recorriam ao discurso da ancestralidade e dignidade Yorubá. As

---

<sup>4</sup> Creoles ou Krios(quando realocados em Freetown/Serra Leoa)/ Saros(quando retornaram para Lagos): Cativos africanos resgatados pela armada inglesa de navios negreiros provenientes de vários lugares da costa do Golfo de Guiné e que foram realocados em Serra Leoa.

narrativas dos Saros influenciaram de tal modo que em torno de 1880, para promover o desenvolvimento econômico de Lagos e do interior, o governador Alfred Moloney adota o discurso e promove o incentivo ao retorno de afro-brasileiros, reafirmando a ideia da unificação Yorubá, encorajando que afro-brasileiros fossem tratados como Yorubás repatriados de volta à terra mãe – reconhecendo mais tarde a importância destes terem mantido a língua dos ancestrais, o alcance do discurso foi tamanho que nos anos de 1890 e 1891, houve subsídio do governo para viagens regulares entre Lagos e as cidades da costa brasileira (MATORY, 1998).

Afro-baianos alforriados começam a retornar para a costa a partir de 1810, mas o ápice das viagens acontecem entre 1835 e 1842, após a maior insurreição até então, que antecedeu em 1835 e que levou o governo da Bahia a expulsar vários suspeitos alforriados - fortes repressões e perseguição, fizeram com que outros negros buscassem retornar para África. Ex escravizados, Matory cita como exemplo Antônio da Costa e João Monteiro, organizaram navios para amigos e familiares retornarem para a costa, enquanto outros compraram passagens em navios cargueiros. Até 1899 aproximadamente 8000 Afro-brasileiros retornaram para a costa, a proporção é de que um para cada sete lagosianos tinha retornado de Cuba e do Brasil. Os retornados brasileiros contribuíram com mão de obra especializada para a construção da Lagos Colonial, descobriram em Lagos uma realidade menos problemática de viver, tendo passado por diversos contratempos em regiões de domínio daomeneano e de outros reis da costa (MATORY, 1998).

Por volta de 1890, com a expansão do colonialismo britânico as políticas de colaboração entre o governo com os africanos passaram por mudanças desfavoráveis para a burguesia Yorubá, esta teve seus postos no governo reivindicados por ingleses brancos, que se apropriaram de discursos racistas para garantir privilégios. Lagos que em dado momento era dividida entre brancos, Saros, afro-latinos e cidadãos locais, no final do século 19, passa a ser dividida entre brancos e negros - entre 1880 e 1915 grandes movimentações de discurso racista e de resistência negra ocuparam o cenário social lacobrigense e culmina no reconhecimento de um ethos Yorubá, concepção esta diferente do que se ocorre com o Yorubá histórico, com raízes na diáspora serra-leonina, incorporando variadas formas sobrepostas de identidades política e cultural que corroboram para a formação de uma região e etnia transnacionais (MATORY, 1998).

Dado todo o contexto, emerge um movimento coletivo chamado “nacionalismo cultural” no final do século 19, a partir da década de 80 com forte ativismo nos anos 90, onde houve grande comoção da população negra, significativamente influenciado por jornalistas, escritores e compositores. A intenção do movimento era incentivar a

disseminação da “história, língua, indumentária, nomes, histórico familiar, religião, dança, teatro e formas de arte africanas” (MATORY, 1998 apud OMU 1978, p.107-108). Matory sinaliza para transição dos saros enquanto, de certa forma, “privilegiados” dentro do imperialismo britânico (privilegiados afetados por toda dinâmica de poder colonialista e exílio) para ativistas contra o poder hegemônico, entretanto é possível apontar que a transição dos Saros não foi sobre posturas antagônicas ideologicamente, sendo eles força contra hegemônica mesmo enquanto “privilegiados”, de acordo com o que foi dito acima sobre como influenciaram o governo de Alfred Moloney. Esse movimento consciente politicamente alcança e é composto pelos retornados afro-latinos, os quais passam a adotar inclusive nomes africanos e pelos devotos das religiões de matriz africana como forma de preservação das raízes sagradas - esse movimento resultou na independência da Nigéria em 1957 (MATORY, 1998).

A Renascença Yorubá acontece através de camadas sobrepostas de trocas ao que se sabe de forma mais intensa entre a costa ocidental africana e as américas negras, com diversas implicações que se acentuam entre metade do século 19 e início do século 20, mas em continuidade até a atualidade, levando em consideração as relações que se mantêm. Na época o binarismo racial era uma realidade em Lagos, a medida que nos EUA a política de segregação racial se intensificava no mesmo período e surgiam ativistas e movimentos negros ideologicamente antirracistas. Estudiosos, jornalistas, ativistas e a sociedade lacobrigense no geral (afro latinos, saros e locais) tinham acesso a textos publicados em jornais e a obras de pensadores afro-americanos, sendo muito inspirados pelos textos de E. B. Du Bois, Booker T. Washington, Edward Wilmot Blyden. A frente de publicações jornalísticas históricas em Lagos estão o jamaicano Robert Campbell, responsável por publicar em Lagos o jornal norte americano *The Anglo-African* e John P. Jackson que trabalhava como editor do *Lagos Weekly Record*, numa época que já havia intercâmbio frequente entre jornais norte americanos e africanos, onde se noticiavam acontecimentos de vários tipos sobre a vida negra nas américas: linchamentos, movimentos de resistência, alternativas de fuga como o retorno para países africanos, como a Libéria (MATORY, 1998).

Publicações de escritores africanos evidenciando o *ethos Yorubá* acontecem ao mesmo tempo que números significativos de afro brasileiros viajavam entre Lagos e a Bahia (por onde seguiam para Recife e Rio), incluindo comerciantes que intercambiavam produtos religiosos e serviços africanos para os afro brasileiros, assim como produtos brasileiros para regiões do Golfo de Guiné – esse mercado religioso e ideológico se torna uma das formas de subsistência não só da cultura,

como também dos mercadores. Outros agentes de disseminação do movimento são os navios correio com rota frequente da costa africana para a Bahia, o intercâmbio entre as casas religiosas brasileiras e africanas, assim como os professores de inglês. O termo professores de inglês se refere a afro-baianos, ex escravos e filhos de escravos libertos que retornaram para Lagos, estudaram. Alguns tornaram-se babalaôs, dominavam tanto o inglês quanto o Yourubá e reingressaram ao Brasil, sendo que uma parte deles se dedicaram ao ensino de inglês para outros negros na Bahia. Eram conhecidos tanto como professores de inglês como sacerdotes, viajando por Lagos e Salvador muitas vezes, entre o fim do século 19 e metade do século 20. Professores sacerdotes afro-baianos como Lourenço Cardoso e Martiminiano do Bonfim possibilitaram muitas trocas materiais e ideológicas, influenciaram diretamente nos trabalhos de Nina Rodrigues, etnógrafo que instituiu a linha de estudos afro-brasileiros. Lourenço e Martiminiano estiveram em comunicação direta com os terreiros, foram participantes das reformas rituais na Bahia, contribuíram assim na concepção do Candomblé de acordo com o que entendiam como africano, a partir de uma noção da vivência e estudos do ethos Yorubá, espalharam por vários estados brasileiros tipificações ideológicas da tradição (MATORY, 1998).

No tocante a Bahia, retornando para o início do tráfico negreiro, antes do movimento que organiza o que Matory identifica como Renascença Yorubá, tem-se que embora desde o início do século 16 haja presença de negros Bantu, os quais influenciam na formação do vocabulário brasileiro, é no século 17 que o tráfico se intensifica, de início com Angola e Congo e mais tarde com os países situados no golfo de Guiné: Benin, Nigéria, Togo - por possuírem os principais portos do tráfico. Negros Gegês, provenientes de território daomeneano e Nagôs, de territórios Yorubás, chegam de forma mais acentuada posteriormente, na última etapa do tráfico, já no século 19 - o comércio negreiro se mantém por mais de 350 anos. As justificativas para o tráfico de negros para trabalho escravos em plantações dos mais variados tipos, davam-se entorno da ideia de salvamento de suas almas, sendo a melhor forma de aproximá-los da igreja católica, afastando-se do paganismo de suas crenças e das religiões consideradas hereges como o Protestantismo e os Islamismo. Este era o discurso dos Homens de Negócio da Bahia<sup>5</sup> em 1698 a fim de defender a construção de um depósito de escravizados no porto de Ajudá em Benim. Inúmeras embarcações portuguesas foram nomeadas com nomes de santos, o que

---

<sup>5</sup> Homens de Negócio da Bahia: Perfil de comerciante conhecido por atuar no mercado transatlântico tanto na redistribuição de mercadorias estrangeiras quanto no tráfico de escravos (RIBEIRO, 2008, p. 10 e 11).

expressava a fé dos traficantes em terem proteção e benção divina para seus negócios que muito tinha a ver com a vontade de um deus cristão: em registros de patentes Nossa Senhora foi homenageada 1154 vezes, Bom Jesus 180 vezes, Santo Antônio 695 vezes, São José, por exemplo, era tido como protetor dos homens que negociavam negros na Costa da Mina (VERGER, 1981).

Ao chegar no Brasil, os negros e todas as características históricas de suas crenças, costumes, formas de organização social passaram por intenso processo de tentativas de apagamento quando não de embranquecimento. Em contrapartida muitas foram as formas de resistência e luta para manutenção de suas culturas: da criação de quilombos, fugas coletivas, dezenas de revoltas - a Revolta dos Malês<sup>6</sup> é a maior dentre elas - a encontros nos domingos para celebração, onde negros de diversos grupos étnicos dançavam e cantavam em suas línguas preces e louvores aos orixás, disfarçados de adoração aos santos católicos, quando questionados. Tal atitude ainda não era considerada como prática sincretista propriamente dita, o sincretismo começa gradativamente e de forma mais marcante no século 18. A associação dos orixás aos santos cristãos levou em consideração tanto as histórias dos santos, quanto características visuais da representação destes, como toda composição do plano de fundo das pinturas e altares. O sincretismo dos orixás variam de lugar para lugar no Brasil, a exemplo de Ogum, sincretizado com Santo Antônio na Bahia e com São Jorge no Rio de Janeiro. Esse processo não significava uma união entre os credos, na verdade corrobora uma tática de difusão dos cultos de forma dissimulada. Entretanto se faz presente no decorrer da história uma justaposição de credos no Brasil, onde exerce-se tanto as práticas do catolicismo quanto práticas candomblecistas, em espaços e momentos separados, às vezes simultaneamente, de forma individual a encontros coletivos em dias e festas consagradas aos santos, como é o caso da Festa do Senhor do Bonfim em Salvador (VERGER, 1981).

Até o século 19, oficialmente, a única religião permitida era a católica, com diversas batidas policiais em locais de cultos aos orixás, denúncias documentadas pelo Santo Ofício desde o século 17, forte repressão e punição às práticas consideradas hereges pela igreja, muito embora não tenha impedido que tais reuniões continuassem acontecendo. Com permissão da igreja católica os negros libertos e escravizados passaram a frequentar igrejas católicas para negros, divididos

---

<sup>6</sup> Revolta dos Malês foi um dos maiores levantes de escravos e um dos mais importantes na luta contra escravidão, aconteceu em Salvador, nos dias 24 e 25 de Janeiro de 1835, organizado pelos “malês”, grupo de escravos mulçumanos, onde era reivindicado direito às práticas religiosas, alimentado pelo sentimento causado pela crise econômica que atingiu a Bahia que levou à escassez de recursos aos mais pobres. Participaram da revolta em torno de 600 pessoas, numa realidade que 78% da população soteropolitana era de negros e mestiços (LOURENÇO, 2020).

de acordo com suas origens: Angolanos encontravam-se para devoção a Nossa Senhora na igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Pelourinho; Gegês reuniam-se na Capela do Corpo Santo na Cidade Baixa; Os Nagôs foram divididos entre homens e mulheres, os homens devotos de Nosso Senhor dos Martírios e as mulheres pertenciam a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, na Barroquinha. A partir desse encontros de devoção cristã, surge um movimento que teria dado início aos lugares de cultos aos orixás, de forma clandestina, toda a repressão e proibição da época compromete a precisão de datas de quando os terreiros começam a existir de fato em Salvador e influenciam em suas localizações, de início afastadas do centro urbano e incorporados a cidade a medida que a mesma se expande. São as mulheres devotas de Nossa Senhora da Boa Morte, Iyalussô Danadana e Iyanassô Akalá (Iyanassô Oká) auxiliadas por um babá chamado Essá Assiká que teriam fundado o primeiro terreiro de Candomblé<sup>7</sup> de Salvador chamado Ìyá Omi Àse Àirá Intilè, na rua Visconde de Itaparica, na Barroquinha - outras narrativas apresentam ainda Iya Akalá como a primeira mãe-de-santo. Esse terreiro passa por diversas mudanças de lugar, até fixar-se na avenida Vasco da Gama e posteriormente serem criados outros dois terreiros a partir dele: o Iyá Omi Àse Iyámase, no Alto do Gantois e o Centro Cruz Santa do Axé do Opo Afonjá, primeiro situado no Camarão, no Rio Vermelho, e depois fixado em São Gonçalo do Retiro em 1910 - as criadoras foram Júlia Maria da Conceição Nazaré e Eugênia Ana Santos, conhecida como Aninha Obabí, respectivamente. A criação e perpetuação dos terreiros tem muito protagonismo feminino desde o início, uma linhagem quase sempre matriarcal de autoridades religiosas, passada das mãe-de-santo para suas filhas espirituais e/ou consanguíneas. A partir desses terreiros de Salvador, os três da nação Ketu, criam-se outros terreiros tanto cidades vizinhas quanto em cidades sudestinas, como é o caso do Axe Opo Aganjú em Lauro de Freitas que vem do Axé Opo Afonjá, o terreiro Ilé Òrìsànlá Funfun em Guarulhos, numerosos terreiros se instalam no estado do Rio, entre eles o Axé Opo Afonjá em Conselheiro da Rocha, o Nossa Senhora das Candeias em Miguel Couto. A expansão acontece com comunicação e intercâmbio frequente entre as nações religiosas da África e do Brasil, e internamente entre as entidades religiosas dos terreiros afro-brasileiros de estados brasileiros, como Recife, Salvador, Rio e São Paulo (VERGER, 1981).

Sobre os orixás, os deuses cultuados no Candomblé, trataremos brevemente através da influência Yourubá, não entraremos na contribuição dos outros *ethos* africanos presentes no Brasil, mas conscientemente, de acordo com tudo o que foi

---

<sup>7</sup> Candomblé é uma palavra de origem Bantu que vem nomear uma das religiões de matriz africana existentes no Brasil (VERGER, 1981).



dito, sabe-se das várias trocas entres os vários grupos étnicos e da ideia geopolítica de unidade. Historicamente o culto de cada orixá está ligado diretamente a cidades e nações religiosas, vindo a partir de relações familiares. As relações que se estabeleceram no Brasil, entre orixá e indivíduo ou grupo são diferentes de como foram traçadas pelas tribos africanas iniciantes dos cultos, enquanto na África o orixá era cultuado por grupos ou na família onde sacerdotes tinham o papel de organizar as cerimônias, no Brasil os negros escravizados traziam consigo seus orixás e eram responsáveis por estabelecer e continuar seus compromissos com eles. Quando começa a organização de terreiros de Candomblé, o pai ou mãe de santo assume o papel de responsável por guiar os devotos nas obrigações de seus orixás pessoais - cada terreiro de Candomblé que se estabelece no Brasil é cultuante de um orixá em específico, o que simboliza o reagrupamento pós dispersão diaspórica. O culto aos orixás, a existência de cada um dos deuses, a posição que eles ocupam de acordo com uma hierarquia divina, diferencia-se entre as nações africanas, dialoga diretamente com a representatividade deles nos territórios que os cultuam - em lugares com estado ausente as lideranças religiosas eram responsáveis por manter a unidade social - sendo os orixás igualmente poderosos e seus poderes em conjunto compõem um sistema de forças universais. Verger afirma que ainda no final do século 20 não existia homogeneidade entre as nações nas interpretações dadas aos orixás: orixás que ocupam posições soberanas em determinada nação, não existem em outras; variações de nomes para o mesmo orixá; orixás diferentes para o mesmo poder; variações quanto ao gênero. A estruturação é diferente de como se concebe o divino em religiões que têm uma estrutura mais maniqueísta, com lugares bem definidos. O antepassado que desenvolveu quando encarnado certo domínio sobre algum aspecto, seja ele natural, social, político, em sua morte torna-se uma espécie de poder em estado genuíno, como parte do que permanece do ser em forma de energia, o axé. O contato com o orixá se dá diretamente, através de incorporação em escolhidos, seus descendentes, chamados de *elegun*, em momentos que são consagrados para as entidades, estas recebem homenagens e oferendas, se dispõe a curar, ouvir, aconselhar todos os que as procuram. A relação que se estabelece entre os adoradores e o divino é familiar, a partir de uma descendência, um pouco informal se comparada a religiões onde o divino assume uma postura mais austera, o que não significa falta de respeito ou insubordinação dos fiéis para com os orixás, a característica que se revela nesse aspecto é sobre uma divindade mais humanizada (VERGER, 1981).

A obra de Verger detalha várias questões intrínsecas a tradição religiosa lorubá, como se dá o culto para as entidades e as iniciações dos *eleguns*, tipos de

oferendas, as relações familiares e a diversidade que cada um se revela ainda sendo um, a concepção da ideia e/ou histórico da personalidade transmutada em um orixá ou em um ancestral adorado (quando não se identifica o fenômeno da possessão), entre outras características que são maiores do que o trabalho pretende abordar. Dentre todas informações presentes em Orixás (1981), é possível perceber ao longo da obra, a relação de variados lugares que compõem as atmosferas de convívio e das práticas religiosas em seus locais de origem, como pode-se observar em algumas citações: “Chamam-no, familiarmente, o “Compadre” ou o “Homem das **Encruzilhadas**”, pois é nesses lugares que se depositam, de preferência, as oferendas que lhe são destinadas.”; “Os lugares consagrados a Ogum **ficam ao ar livre, na entrada dos palácios dos reis e nos mercados.**”; “A colheita das folhas deve ser feita com extremo cuidado, sempre em **lugar selvagem, onde as plantas crescem livremente.**”; “Numerosos **lugares profundos (ibù), entre Igèdè, onde nasce o rio, e Lke, onde ele deságua na lagoa**, são os locais de residência de Oxum.”; “Essa última saudação é uma alusão ao nome de olodé, **proprietário do exterior (o que está fora das casas)**, dando a Omolu e à **sua presença habitual nas ruas**, em horas de sol intenso, ao meio-dia...”; “As danças para *Nanã Brukung* realizaram-se no dia seguinte, **ao redor de uma árvore (odan), um ficus que permaneceu verde**, produzindo uma sombra fresca no meio da aridez geral da paisagem.”; “Na noite da véspera realiza-se a *àisùn* (“não dormir”). Em Saketê isso se passa **numa grande praça, diante do templo de Xangô**, onde os *elégùn* vão dançar no dia seguinte ao som dos atabaques bata.” (VERGER, 1981, p. X a X, grifo do autor).

Antes de voltar-nos às características físicas e de localização atual dos terreiros é importante retomar o que foi dito acima, por Verger (1981), quanto a intensa opressão no período colonial aos costumes e religiosidade dos negros escravizados, para visualizar uma linha histórica de tratamentos institucionalizados que criminalizavam às expressões religiosas afrobrasileiras, que atravessaram o século 20 e que também formam comportamentos sociais até os dias atuais. No artigo “Por que o racismo religioso tem terreno fértil para prosperar no país”, publicado pela revista Carta Capital (2019), é possível destacar alguns marcos históricos que condicionaram as práticas religiosas não cristãs, como por exemplo o fato de antes da aprovação da primeira Constituição nacional, a Constituição Imperial de 1824, a ordenação jurídica do Brasil era guiada pelas Ordenações Portuguesas (Afonsinas, Manuelinas e Filipinas - em ordem de acontecimento), onde estavam presentes privilégios à Igreja Católica e criminalização a heresia e feitiçaria. A constituição de 1824 criminalizava cultos em qualquer ordem de espaço, público ou

privado, ou a existência de “templos” de outras religiões que não fossem a oficial do estado. Posteriormente um decreto de 1832 obrigava que todos os escravos fossem adeptos do catolicismo e em 1890 o Código Penal brasileiro tipifica atos religiosos como espiritismo e curandeirismo.

Com a proclamação do Estado Laico com a Constituição Republicana de 1891, garantindo liberdade de crença, o racismo religioso continua presente em práticas institucionalizadas: 1912 - Em Alagoas aconteceu o movimento Quebra ou operação Xangô, que destruiu os principais terreiros em Maceió e levou ao espancamento em praça pública de seus líderes religiosos, movimento que ganhou força por todo o estado; 1966 - Aprova-se na Paraíba a lei 3.443 que determinava que pais e mães de santo fossem submetidos a exames para atestar sanidade mental; 1969 - Emenda Constitucional n 1º, que condiciona “o exercício de cultos religiosos à conformidade com a ordem pública e os bons costumes”; 1972 - Na Bahia é aprovada a lei 3.097 que obriga o cadastramento de terreiros na Delegacia de Jogos e costumes, o que levou a forte repressão policial nos terreiros, apreensão de autoridades religiosas e de objetos sagrados, interrupção de cultos (CARTA CAPITAL, 2019); Dando um salto na história, mas para continuar a lógica de fatos que evidenciam racismo religioso institucionalizado, que adentra o século 21, o artigo de Jorge Santana (2020), “Mãe Gilda, Presente!” publicado pelo Jornal Notícia Preta, retrata um pouco dos ataques sofridos em vida e no pós morte de Gildásia dos Santos e Santos, ialorixá fundadora do terreiro Ilê Axé Abassá de Ogum. A mesma após violência física e moral, sendo uma das justificativas de sua morte por infarto fulminante os ataques sofridos após ter tido sua foto divulgada sem autorização pelo jornal vespertino de outubro de 1999 de alcance nacional, da igreja Universal, numa matéria intitulada “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes” (SANTANA, 2020).

O Correio, jornal baiano, no artigo “Mãe Gilda: vida e morte de luta e resistência contra a intolerância religiosa” de Vinicius Nascimento (2020) retrata os ataques direcionados ao busto de Mãe Gilda, erguido em sua homenagem, um em 2016 e o outro ataque em 2020, o último foi tipificado no boletim de ocorrência feito pela Polícia Civil como vandalismo e não como racismo religioso. A matéria ainda retrata sobre os números de casos de racismo religioso notificado nos últimos anos, em 2019 por exemplo foram 49 casos registrados pelo Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa Nelson Mandela, sendo que em 2019 e 2020 houveram 10 casos específicos de ataques a monumentos representativos das religiões afro brasileiras e a templos candomblecistas - de acordo com o Centro

Nelson Mandela, há subnotificações de registros dos crimes, por estes gerarem constrangimentos às vítimas (NASCIMENTO, 2020).

Quando observamos as características das existências das comunidades terreiros e a espacialização delas em Salvador atualmente é interessante perceber certa continuação/intensificação de aspectos presentes desde a ocupação dos primeiros espaços destinados aos cultos das entidades africanas. De acordo com o livro “Mapeamento dos terreiros de Salvador”, coordenado por Jocélio Teles dos Santos (2008), que esboça análises e dados de pesquisa desenvolvida em 2006 pelas secretarias de Reparação e de Habitação, secretarias de Salvador, em conjunto com o CEAU/UFBA (Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia), foram contabilizados 1410 terreiros existentes na cidade, sendo 667 fundados nas décadas de 80 e 90. Observa-se que o número é crescente desde a retirada da obrigatoriedade de licença da Delegacia de Jogos e Costumes para funcionamento de terreiros, através do Decreto-lei nº 25.095 de janeiro 1976 - observa-se que neste ano foram criados 46 terreiros, e nos anos seguintes o número é expressivamente maior, tendo chegado a fundação de mais de 10 terreiros por mês. Outros acontecimentos que são entendidos como fortalecedores e influenciadores das iniciativas e ações dos candomblecistas são eventos que passam a acontecer pautando às identidades religiosas afro-brasileira, a exemplo da II Conferência da Tradição Orixá e Cultura, realizada em Salvador em julho de 1983 que teve como consequência final realização de manifesto assinado por várias lideranças religiosas de terreiros a fim de reforçar a origem africana destes e de criticar o sincretismo religioso. Outros pontos, levantados por Santos (2008), que corroboram para maior disseminação das religiões de matriz africana em Salvador são:

1) o desenvolvimento de uma política governamental voltada para fins turísticos, em que a cultura afro-baiana, notadamente a sua religiosidade, passou a ser a “imagem força” do estado da Bahia; 2) a imagética do candomblé presente nos blocos afros e afoxés durante o carnaval; 3) as re-interpretações dos movimentos negros sobre a religiosidade afro-baiana (SANTOS, 2008, p. 18).

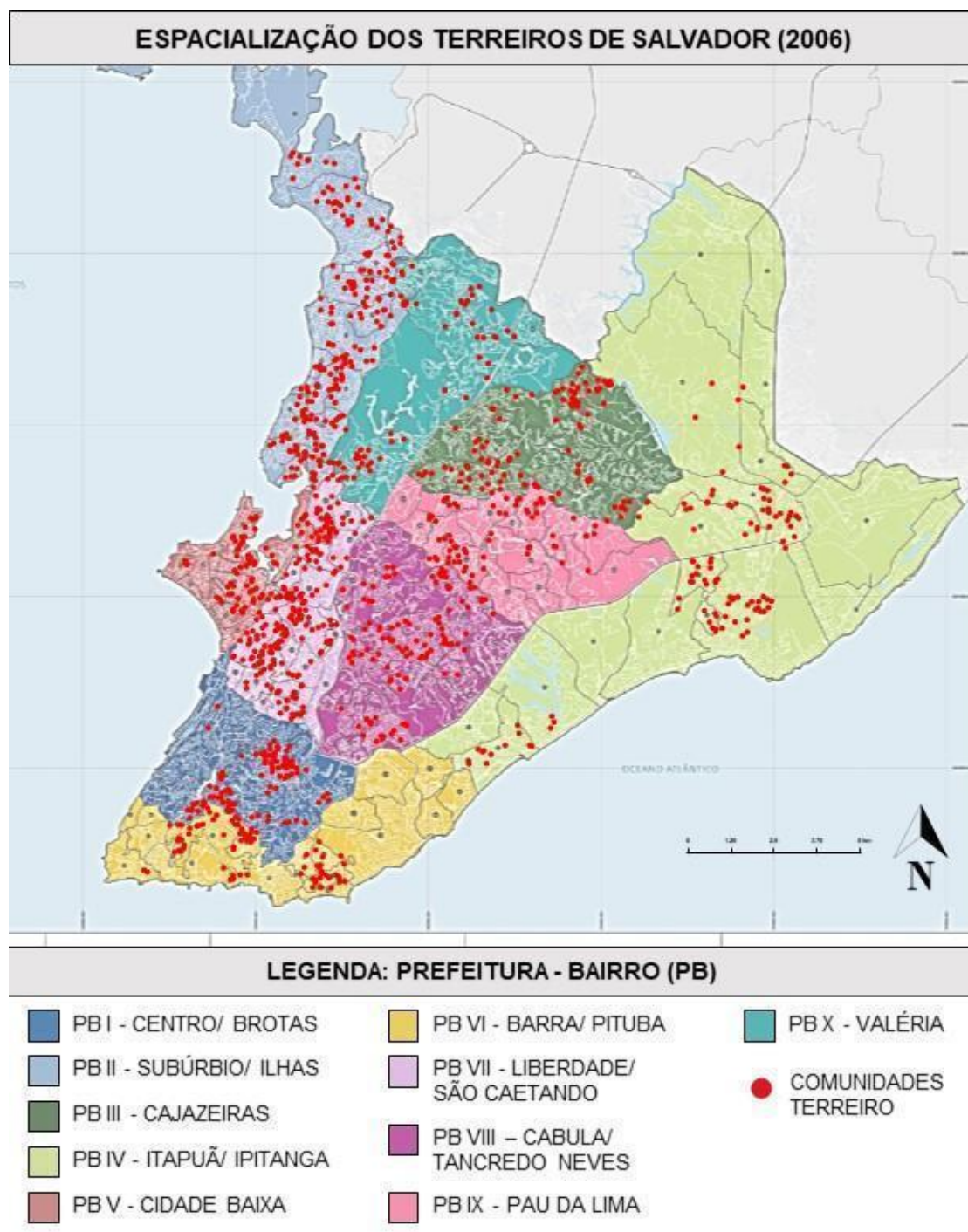
Os terreiros de Salvador ocupam em sua grande maioria as áreas periféricas e bairros populares da cidade (Figura 1), bairros de predominância negra, tendo os terreiros participado ativamente da conformação de muitos deles, à exemplo dos bairros Engenho Velho da Federação, Mata Escura e Curuzu. A região que

compreende hoje a Prefeitura Bairro II - Subúrbio/ Ilhas<sup>8</sup> (antiga região administrativa RA XVI - formada pelos bairros Plataforma, Paripe e Alto de Coutos) e a região da Prefeitura Bairro XVII - Liberdade/ São Caetano (antiga RA III - formada pelos bairros Lobato, São Caetano, Fazenda Grande do Retiro e pela Avenida San Martin), de acordo com o Censo 2000 são as regiões mais populosas da cidade respectivamente, e nessa mesma ordem são as regiões que mais concentram terreiros, as antigas RAXVI com 20% e RA III com 10,4% - os bairros que as formam são populares, carentes de infraestrutura urbana e vivenciados de diversas formas (habitação, comércio, serviços de diversas ordens, lazer) por população de baixa renda. A escolha da ocupação desses lugares pelos terreiros atravessam também às questões ambientais, no que diz respeito a encontrar terrenos com extensões favoráveis “em um ambiente ecológico adequado para a consecução de rituais, festas públicas e “assentamento” das entidades” (SANTOS, 2008, p. 17).

---

<sup>8</sup> De acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de Salvador, aprovado em 2016. Mapa 09 do PDDU demonstra graficamente essas regiões. Disponível em <[http://www.sucom.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/PDDU\\_MAPA\\_09\\_PREFEITURA\\_BAIRRO.pdf](http://www.sucom.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/PDDU_MAPA_09_PREFEITURA_BAIRRO.pdf)>, acesso em 29 de março de 2021.

Figura 1 - Espacialização dos Terreiros de Salvador (2006)



Fonte: Próprio autor<sup>9</sup>

Outros aspectos que vão enriquecer o trabalho é entender mais sobre o perfil das pessoas que ocupam os terreiros, as lideranças, os candomblecistas no geral, características presentes no espaço, etc. As edificações nas quais funcionam os

<sup>9</sup> Imagem produzida a partir da espacialização e catalogação dos terreiros de Salvador em pesquisa de 2006 apresentada no livro Mapeamento dos terreiros de Salvador (SANTOS, 2008, p. 38 e 39) sobreposta no Mapa 09 do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador de 2016 - onde contem às regiões que compreendem às Prefeituras Bairros e os bairros que as compõem.

terreiros, de acordo com a pesquisa de 2006 já citado acima, apresentam ocupações diversas: além do uso para celebração dos cultos, das práticas religiosas e administrativas, em paralelo também são usadas como residência, a maioria dos terreiros abrigam em torno de 6 pessoas, 70% dos terreiros são moradas de pelo menos uma família, quando há separação desses usos, em grande parte deles os líderes moram muito próximo aos templos. Os terreiros em Salvador, em sua maioria ficam em periferias, suas edificações são de caráter popular (Figura 2) - ver imagens presentes da página 66 a 159 do livro Mapeamento dos terreiros de Salvador. Além da moradia, alguns funcionam em conjunto com serviços de comércio: venda de caldo de cana, churrasquinho, acarajé, bar, oficinas, etc. Outras características que perpassam a existência dos terreiro contemporâneos que acrescentam ao trabalho são relacionadas ao gênero e a cor das lideranças e dos candomblecistas, é interessante voltar a Verger (1981) também como forma de perceber uma continuidade do protagonismo feminino, das pretas, nesse lugar religioso também na contemporaneidade.

O maior percentual das lideranças candomblecistas é de mulheres negras, depois de homens pretos, seguido por mulheres e homens pardos, nessa ordem - lideranças de outros grupos raciais não ultrapassam 4,6%. Quanto aos adeptos, de acordo com o IBGE, as pessoas autodeclaradas negras (43%) apresentam maior percentual de participação na religião, sendo o percentual de mulheres maior que o de homens, entre os pardos (41,6%), as mulheres também apresentam maior percentual de participação. Em relação à escolaridade dos líderes religiosos, 14% cursaram até a terceira e quarta série, 25,6% concluíram o ensino médio, 4,8% concluíram o ensino superior (SANTOS, 2008, p 19 a 26). É importante retratar a escolaridade desse grupo porque isso também define o lugar social e de construção de ideias e medidas de participação política, mais para frente precisaremos lembrar desses dados para relacioná-los ao debate de racismo estrutural e biopoder.

Figura 2 - Imagem das edificações que abrigam os terreiros do Rio Vermelho



Fonte: Jocélio Teles dos Santos

Voltando-nos novamente para a existência de conflitos gerados pelo racismo religioso, Santos (2008, p. 20) evidencia que menos de 8,6% dos terreiros informaram situações de intolerância religiosa com vizinhos, sendo a maioria das situações relatadas proveniente de fiéis de igrejas evangélicas, onde 46 lideranças relataram problemas com frequentadores da igreja Universal do Reino de Deus, para exemplificar os ataques relatados em 2006 por lideranças dos terreiros:

“O terreiro foi apedrejado e algumas pessoas foram ofendidas verbalmente por este grupo religioso” (Ilê Axé Iyá Massô Oká - Terreiro da Casa Branca, Av. Vasco da Gama)

“O vizinho tentou atropelar a mãe de Santo, por conta das festas que estavam sendo realizadas no terreiro” (Ilê Axé Omijy, Cajazeiras)

“[Um evangélico] chama o terreiro de chiqueiro, aos filhos de santo de porcos” (Ilê Axé Oromin, Santa Cruz, Santa Cruz)

“[Um evangélico] veio no terreiro xingar e ameaçar a ialorixá, dizendo que ela tinha coisa com o diabo” (Ilê Axé Min Dá, Nordeste de Amaralina)



“Pessoas praticantes de tal religião [evangélica] ameaçaram a tocar fogo no terreiro” (Terreiro de Oxossi Mutalambe, Itapoan)

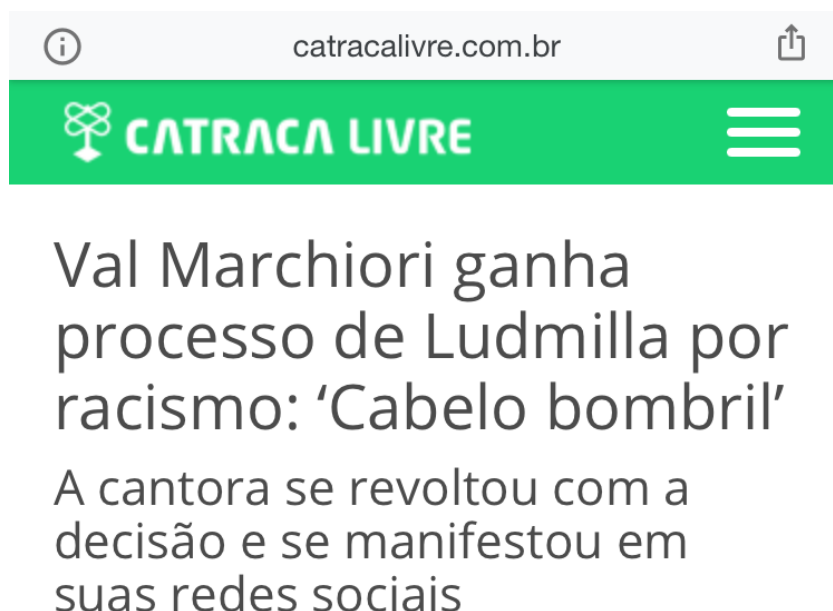
“Uma filha de santo da casa levou uma pedrada atirada por uma criança que era filha de um fiel de outra religião” (Ilê Axé Obá Oyo, Rio Vermelho)

“Um grande grupo de crentes invadiu o terreiro e tentou realizar um culto dentro do barracão” (Ilê Axé Airá Dagomin, Mata Escura)

“Uma vizinha dirigiu-se à família de santo com práticas racistas, chamando-a de macacos, macumbeiros” (Ilê Axé Omin Oluayê, Liberdade) (Santos, 2008, p. 20 e 21).

Para não ficar somente nos relatos feitos em 2006, e nos que já foram ditos aqui antes disso, para acrescentar a discussão sobre a institucionalidade do racismo, traremos mais alguns exemplos (Figuras 3 a 8) de práticas racistas que acometem o povo negro, às suas individualidades e que consequentemente coíbem suas existências, acontecidos nos últimos anos:

Figura 3 - Artigo de 21/03/2021 que retrata resultado de processo judicial: Tribunal de Justiça considerou fala como liberdade de expressão.



Fonte: (*Print screen*) Catraca Livre<sup>10</sup>

<sup>10</sup>

Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/entretenimento/val-marchiori-ganha-processo-de-ludmilla-por-racismo-cab-elo-bombрил/>>, acesso em 27 de março de 2021.

Figura 4 - Artigo de 26/03/2021 traz vídeo de pronunciamento do presidente do Brasil em relação a gesto supremacista branco feito por apoiador, apesar de repreendê-lo.

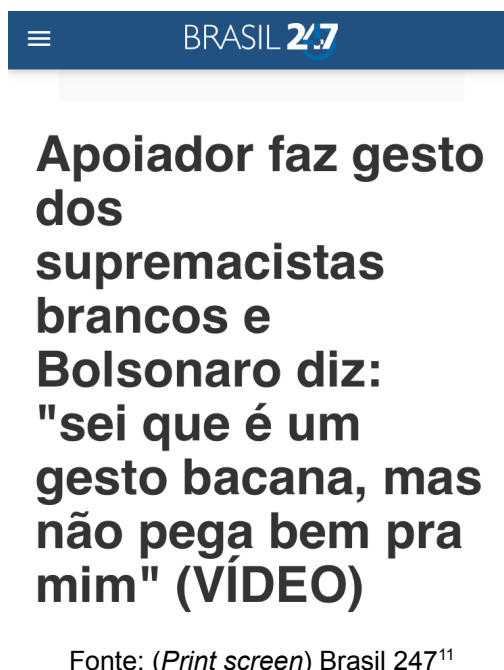


Figura 5 - Artigo de 07/08/2020 retrata resultado de denúncia de ação movida por familiares, incluindo avó evangélica.



Início / Brasil

## Adolescente é retirada da mãe pelo Conselho Tutelar após participar de ritual do candomblé

Fonte: (Print screen) Revista Fórum¹²

11

Disponível em  
<<https://www.brasil247.com/brasil/apoiador-faz-gesto-dos-supremacistas-brancos-e-bolsonaro-diz-sei-que-e-um-gesto-bacana-mas-nao-pega-bem-pra-mim-video>>, acesso em 27 de março de 2021.

12

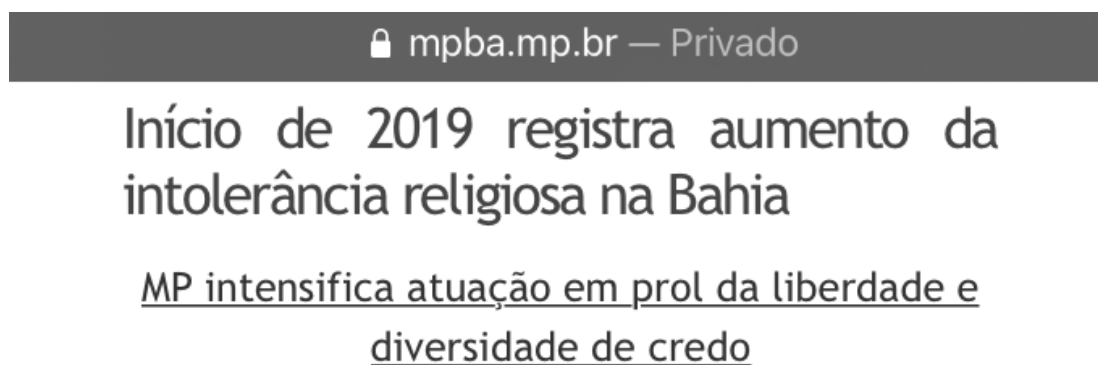
Disponível em  
<<https://revistaforum.com.br/brasil/adolescente-e-retirada-da-mae-pelo-conselho-tutelar-apos-participar-de-ritual-do-candomble/?fbclid=IwAR3XP3EYvib0ZAA0i3JBmwtSEFqkYSVcfQaZKRDLYKGJZa8BrbWA09NAvg4>>, acesso em 27 de março de 2021.

Figura 6 - Artigo de 04/11/2019 traz o protesto “O demônio quem traz são vocês! A Bahia é de todos os Santos, encantos e Orixás!” organizado por candomblecistas em resposta a declaração da organização do navio Logos Hope, onde a mesma afirmou que Salvador era conhecida por sua população acreditar em espíritos e demônios.



Fonte: (*Print screen*) Correio<sup>13</sup>

Figura 7 - Artigo de 23/01/2019 reporta aumento de racismo religioso em Salvador no mês de janeiro de 2019.



Fonte: (*Print screen*) Ministério Público do Estado da Bahia<sup>14</sup>

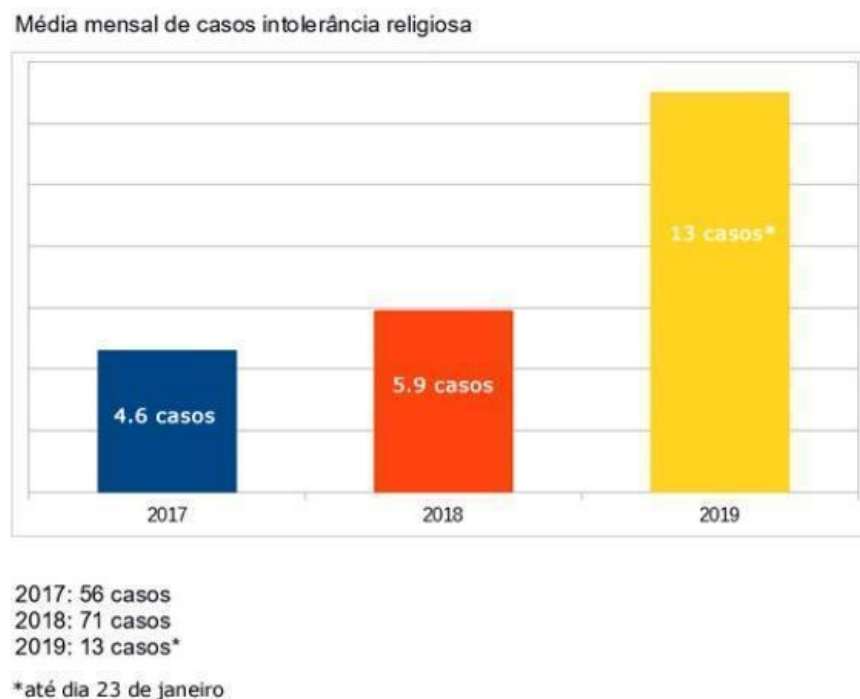
<sup>13</sup>

Disponível em  
<<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/no-dia-de-exu-ebó-coletivo-marca-protesto-contranavio-no-porto-de-salvador/>>, acesso em 27 de março de 2021.

<sup>14</sup>

Disponível em  
<[https://www.mpba.mp.br/noticia/44989#:~:text=O%20in%C3%ADcio%20do%20ano%20de,13%20casos%20de%20intoler%C3%A2ncia%20religiosa](https://www.mpba.mp.br/noticia/44989#:~:text=O%20in%C3%ADcio%20do%20ano%20de,13%20casos%20de%20intoler%C3%A2ncia%20religiosa>https://www.mpba.mp.br/noticia/44989#:~:text=O%20in%C3%ADcio%20do%20ano%20de,13%20casos%20de%20intoler%C3%A2ncia%20religiosa)>, acesso em 27 de março de 2021.

Figura 8 - Gráfico presente no artigo anterior, de 23/01/2019, estabelece comparativo mensal de casos de racismo religioso com anos anteriores.



Fonte: (*Print screen*) Ministério Público do Estado da Bahia<sup>15</sup>

De acordo com as informações que o texto trouxe até aqui, podemos perceber que a diversidade dos cultos dos orixás em territórios iorubás com as transformações e interferências pelas quais passaram, desde a fase das tribos à urbanização na África, são base para as religiões afro-brasileiras junto com todas às interferências que o tráfico de escravos e às realidades com as quais tiveram/têm que lidar até então. É importante notar também que os lugares retratados por Verger como lugares que fazem parte do processo de culto às entidades, estabelecem-se com toda a diversidade retratada anteriormente de acordo com as realidades existentes em Salvador desde a sua chegada e compõem a realidade cultural e da paisagem urbana contemporânea da cidade, veremos como isso vai acontecendo ao longo do trabalho, de acordo com as narrativas que o trabalho consegue alcançar. A Festa de Yemanjá no Rio Vermelho surge a partir de todo esse histórico retratado e o que ainda será, com isso o trabalho busca desenvolver pontos de vistas que darão base para as discussões que serão retratadas nesse texto sobre a ocupação da festa e sua representatividade para a urbanidade.

15

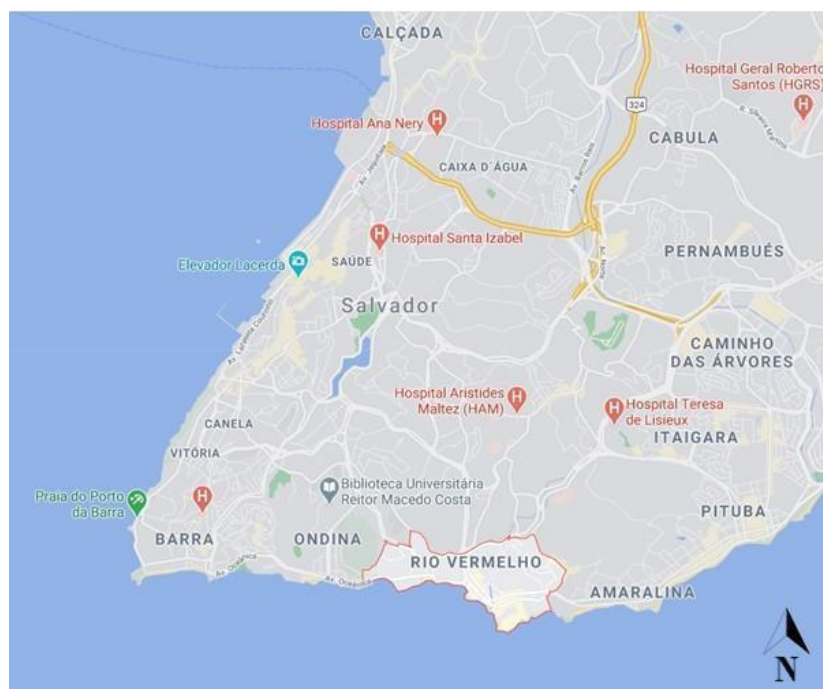
Disponível em  
<<https://www.mpba.mp.br/noticia/44989#:~:text=O%20in%C3%ADcio%20do%20ano%20de,13%20casos%20de%20intoler%C3%A2ncia%20religiosa>>, acesso em 27 de março de 2021.

## 2.2 RIO VERMELHO, SALVADOR/BA

Ubaldo Marques Porto Filho (2013) em “100 anos da paróquia do Rio Vermelho”, traz que a área onde vem a se tornar o bairro do Rio Vermelho (Figura 9), antes da chegada das embarcações e dos povos europeus, era habitada pelos povos originários tupinambás, em 1509, com o naufrágio de uma embarcação europeia que não se sabe ao certo se francesa, portuguesa ou espanhola, Diogo Álvares chega a Pedra da Concha, localizada na enseada da Mariquita. Diogo Álvares ficou conhecido como Caramuru (“homem do fogo”) entre os indígenas, devido ao uso do seu bacamarte para se proteger da antropofagia, posteriormente o mesmo veio a se casar com Catarina Paraguaçu, de origem tupinambá (PORTO FILHO, 2013, p. 21 e 22).

De acordo com Porto Filho (2013) a região, localizada na enseada da Mariquita, inicialmente também era conhecida como Aldeia dos Franceses, devido ao comércio do pau-brasil com viajantes oriundos da França, Não havia até então residentes estrangeiros na área, a utilização desta também para moradia só veio acontecer em 1552 com despacho do primeiro governador geral do Brasil, Thomé de Souza, onde o mesmo doava sesmária para a Câmara Municipal para criação de gado e armações para pesca e nomeou a região como Rio Vermelho, em alusão ao rio que fica na região, a partir daí estabeleceram-se colonos portugueses. A Aldeia dos Franceses fazia divisa com a sesmária pertencente ao Conde da Castanheira, Antônio de Ataíde (o qual nunca esteve no Brasil), primo do governador geral, sendo esta a primeira sesmária doada pelo governador e parte da área vem a formar também o Rio Vermelho - é neste sítio, na enseada de Santana, que se estabelece como o primeiro núcleo pesqueiro da Bahia e do Brasil, logo após também surge outro núcleo pesqueiro na enseada da Mariquita. Durante o século 19, de acordo com Daniel Rebouças (2021) durante a live “Rio Vermelho: Imagens e Histórias - Documentos e fotos antigas, além de histórias incríveis” exibida no canal do youtube da Tv Caramuru, também encontrava-se na região “cabanas de negros livres” (REBOUÇAS, 2021). A partir do assentamento de colonos europeus, aconteceu no Rio Vermelho a primeira miscigenação pesqueira, onde nativos e europeus compartilharam técnicas de pesca. Os núcleos de pesca formados recebem antes da Segunda Guerra Mundial o número 1 (Z-1), de acordo com organização da Capitania dos Portos proposta para o litoral da Bahia - a sede da Colônia de Pescadores só passa a ser no Porto de Santana em 1970, antes estava situada no bairro Nordeste de Amaralina (PORTO FILHO, 2013, p. 22 a 24).

Figura 9 - Área e localização do Rio Vermelho



Fonte: Print screen do Google Maps

O histórico de ocupação do Rio Vermelho passa por vários usos, desde sítio de resistência e organização de combatentes à invasão holandesa de 1624, onde o Morro do Conselho foi utilizado como posto de observação da entrada da baía de Todos os Santos, à presença marcante da igreja católica que atravessa séculos, datada desde o início da colonização da região, atuando inclusive nesse aspecto. Em 1556, onde era a antiga Aldeia dos Franceses, a Companhia de Jesus instituiu a Aldeia de Nossa Senhora do Rio Vermelho para catequizar os tupinambás, no ano seguinte ergue-se o primeiro templo católico na região, dedicado à Virgem Maria; Na segunda metade do século XVII ergue-se a capela de São Gonçalo, sem data precisa, na antiga chácara Pinheiro foi construída uma capela dedicada à São Francisco de Assis; Em torno de 1580, já tinha sido construída uma capela simples para Nossa Senhora de Sant'Ana, na enseada de Santana posteriormente foi construída igreja de alvenaria, no largo de Santana (tendo recebido em 1952 a imagem de Nossa Senhora de Fátima, santa portuguesa em peregrinação pela América Latina). A igreja de Sant'Ana permaneceu no largo até 1967, quando houve a inauguração de uma nova igreja nas proximidades. Dado o contexto católico, Porto Filho (2013) relata a existência de diversos festejos no bairro dedicados aos santos católicos (PORTO FILHO, 2013, p.24, p. 28 a p. 32, p.45).

A partir do século XIX, o mar que toca a costa do Rio Vermelho fica famoso pelo boato de possuir águas que curavam diversos tipos de doenças, atraindo

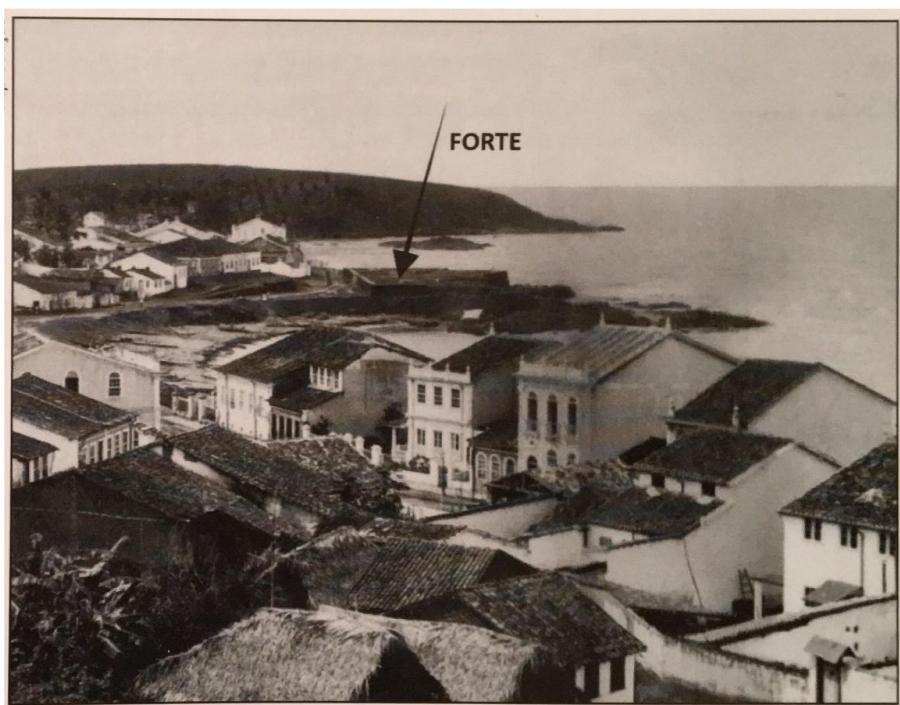
diversos tipos de pessoas. Em visita a Salvador Dom Pedro II, de acordo com trecho trazido por Porto Filho (2013, p 25), o monarca relata algumas características do bairro, como sítios e a existência de ruínas de um forte no local:

Às 5  $\frac{1}{4}$  fui ao Rio Vermelho. O caminho é muito lindo, atravessando-se diversas chácaras, ainda que, pela maior parte, mal tratadas, e a praia de onde se descobre o Forte de Santo Antônio da Barra, de um pitoresco majestoso.

Estive perto das ruínas de um forte, achando-se ainda uma peça, aliás muito estragada, deixada no chão (PORTO FILHO, 2013, p. 25).

O local passa a atrair turistas durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a região se tornou importante e sofisticado destino turístico, Porto Filho (2013) retrata alguns usos e mudanças no Rio Vermelho, promovidos durante esse período como a construção de vários palacetes e casarões (Figura 10), inauguração de dois hotéis com restaurantes, comércios como empórios, lojas de tecidos, fábrica de cerveja, etc; Foi criada em 1906 linha de bonde elétrico para ligar o centro turístico ao centro urbano de Salvador, criou-se também dois cinematógrafos, clube de tênis, clube social, hipódromo, uma filarmónica e um estádio de futebol.

Figura 10 - Fotografia do Rio Vermelho em 1885, de Rodolfo Lindemann.



Fonte: Porto Filho, 2013



Porto Filho (1991) em “Rio vermelho”, retrata alguns acontecimentos no bairro do Rio Vermelho em relação a estruturação urbana que acontece no século XX, como a primeira linha de ônibus que passou a funcionar em 1926, ligando a região ao corredor da vitória, pela avenida oceânica inaugurada em 1922. O calçamento de ruas começou em 1923 - até essa época o atual bairro era formado por três regiões povoadas à beira mar, Mariquita, Santanna e Paciência. Em 1945 começa a ser construído o primeiro loteamento residencial com infraestrutura completa, casas edificadas nos moldes dos chalés europeus, que passou a atrair moradores proeminentes da sociedade, como banqueiros, funcionários públicos, empresário bem sucedidos, fazendeiros, o que levou o loteamento ser reconhecido como o lugar dos novos ricos e de pessoas importantes do bairro, em 1950 outro condomínio de inspirações muito próximas, passou a compor o cenário das novas moradias da região, Conjunto Residencial Ipase, ambos localizados mais afastados da faixa litorânea - no mesmo, 1950, a criação da avenida Otávio Mangabeira, ligando o bairro ao aeroporto da cidade, impulsiona a valorização do Rio vermelho, como influência no eixo de crescimento urbano de Salvador (PORTO FILHO, 1991, p. 25 e 26). Com a ascendência do Rio Vermelho como atrativo turístico, e consequentemente com o desenvolvimento promovido também a partir dele, a região começa a atrair uma população fixa à medida que esse acaba sendo um dos motivos para que a área perdesse o movimento anterior enquanto a população de moradores crescia. Famílias de prestígio, o que autor denomina como clãs, passam a compor o cenário de moradores do local, sendo alguma delas de sobrenome: Imbassahy, Hegouet, Borges, Castro, Villas Boas, Mello, Taboada, Didier, Dultra, etc (PORTO FILHO, 2013, p. 36, p. 44 e p. 45).

Nas décadas de 60 e 70 o Rio Vermelho passa por algumas mudanças urbanas, em 1972 houve a construção do emissário submarino, obra de engenharia sanitária, que aterrou a enseada da Mariquita, comprometeu praias e pôs fim a pesca de xixarro, momento de grande movimentação pesqueira, após a construção do emissário, o largo da Mariquita passa por processo de “reurbanização”, é construída uma segunda ponte sobre o Rio Camurujipe a fim de desafogar trânsito do bairro. Às décadas de 60 e 70 são marcadas também pelo *boom* imobiliário em toda cidade, grande ocupação tanto de construções novas verticais quanto de horizontais, supressão de vegetação, novas áreas construídas para moradia de “classe alta”, o que há de citação em relação a moradias e usos que não sejam voltadas para um público de maior poder aquisitivo, se refere ao Conjunto Santa Madalena, inaugurado em 1970, que pertence ao bairro Engenho Velho da Federação, nas proximidades do Rio Vermelho e à presença marcante dos pescadores em toda história do bairro.



Embora a praia de Santana tenha sido bastante frequentada por ricos na época - sendo as praias do Rio vermelho (Sereia, Paciência, Mariquita, Buracão e Santana) um ponto forte no bairro em vários momentos na história - nela também estava presente o dia a dia da atividade pesqueira e de seus trabalhadores - o que ocorre até hoje:

Os pescadores, geralmente homens pretos ou mulatos bronzeados pelo sol tropical, gostavam de usar chapéus longos e, todos os dias, às primeiras horas do alvorecer, saíam para pescar em alto mar, somente regressando ao entardecer ou na boquinha da noite (...) A balaustrada de Santana, vizinha ao núcleo de pesca, ficava apinhada de gente, na maior parte simples curiosos que para lá se dirigiam apenas para assistir ao bonito espetáculo da chegada dos barcos ou dos solitários e destemidos jangadeiros (PORTO FILHO, 1991, p. 50).

O afastamento da elite se dá, como descreve Porto Filho (1991, p. 82) através de adjetivos classistas, a partir da utilização da população periférica aos fins de semana e feriados após a construção da avenida Cardeal da Silva:

(...) principal via de chegada aos sábados, domingos e feriados, de verdadeiras legiões de farofeiros desembarcados dos ônibus da Federação e adjacências. Nesta época houve também a invasão dos moradores da Vasco da Gama, principalmente do populoso trecho conhecido como Vila América. Como consequência natural dessa avalanche de intrusos, considerados indesejáveis, pois provinham de camadas sociais mais baixas e que tomavam a praia de assalto, houve o afastamento dos frequentadores tradicionais, ou seja, das pessoas que residiam no Rio Vermelho, as quais passaram a procurar e frequentar outras praias, cujo o ambiente fosse ainda selecionado, existentes lá pelas bandas da Pituba, Piatã e Itapuã (PORTO FILHO, 1991, p. 82).

Bairro marcado por festividades, carnaval, quermesses, concursos de beleza (Figura 11). Movimento este que tem uma ascendência na época dos veranistas, pode-se falar da festa de Sant'Anna (Figura 12) por exemplo, comemorada pelo calendário litúrgico em julho e que a partir de 1870 passou a ser comemorada em janeiro, devido a grande rotatividade de pessoas e atividades organizadas pelos veranistas, como festejos de largos e várias programações até o carnaval. De acordo com Porto Filho (1991) o Rio Vermelho sempre foi um bairro de frequentadores

boêmios, isso é devido também aos variados bares disponíveis, segundo o autor, para diversos públicos, entretanto proibidos para mulheres, se referindo aos anos da década de 60; O autor retrata também as disputas de futebol informal, de ser uma marca do bairro e de uma atividade comum compartilhada de forma discreta entre os praticantes, conhecida como “gerais” - orgias hétero praticadas em espaços não movimentados, como construções, campo de futebol e na praia, sempre à noite (PORTO FILHO, 1991, p. 53, p. 93, p. 163 a 174). O trabalho de Júlia do Santos (2013), “Produção e consumo cultural no Rio Vermelho”, aborda sobre a consolidação do Rio Vermelho no cenário cultural, no que se refere ainda sobre a ocupação do bairro, a autora relata sobre a presença de um dos mais importantes escritores baianos, Jorge Amado, casado com a também escritora e fotógrafa Zélia Gattai, casal morador do Rio Vermelho; Santos (2013) cita ainda a passagem e hospedagem de personalidades internacionais “Também hospedou nomes ilustres do meio cultural, como o escritor chileno Pablo Neruda, o filósofo francês Jean Paul Sartre, a escritora Simone de Beauvoir e o ex-presidente de Portugal Mário Soares” se referindo a estadia na Casa do Rio Vermelho, casa de Jorge e Zélia (SANTOS, 2013, p. 50).

Figura 11 - Desfile do Bando do Anunciador antes da festa de Sant'Anna em 1955, autor desconhecido - imagem presente nos arquivos da biblioteca Juracy Magalhães



Fonte: (*Printscreen*) Federico Calabrese

Figura 12 - Festa de Sant'Anna em 1930, autor desconhecido - imagem presente nos arquivos da biblioteca Juracy Magalhães



Fonte: (*Printscreen*) Federico Calabrese

Roney Gusmão (2017) no artigo “Requalificação pela desqualificação: o discurso da reurbanização no “novo” Rio Vermelho”, avalia que a partir dos meados do século XX o bairro passa por intensa política de ocupação de prédios de alto padrão, o que denota uma paisagem verticalizada do litoral e que vêm a influenciar diretamente no conforto térmico na parte mais interna do bairro, sendo que num movimento paralelo o seu entorno passar a ser densamente ocupado por favelas (GUSMÃO, 2017, p. 532 e 533). No século XXI a mudança de algumas leis urbanas municipais de Salvador influenciam diretamente no direcionamento que se dá à algumas áreas da cidade, o artigo “O processo de transformação urbana de Salvador” de Lays Britto (2017), Márcia Mello (2017) e Raissa da Matta (2017), apresentam pontos que tocam diretamente os bairros da orla marítima, como o aumento de gabarito das edificações liberado para 8 regiões litorâneas no PDDU de 2008, sendo o Rio Vermelho uma delas, e liberação do uso da Transferência do Direito de Construir, aprovado em uma emenda na lei nº 7.400/2008, seção VI, artigos 259 a 265 - direcionamentos legais que beneficiariam diretamente o mercado imobiliário, incentivando a construção de mais condomínios fechados, comprometendo qualidade urbana e ambiental, o que às autoras afirmam como a contemplação dos “interesses privados em detrimento do interesse público, estando longe de incentivar a produção de espaços urbanos mais generosos e inclusivos” (BRITTO, MELO E MATTÁ, 2017, p. 121).

Gusmão (2017) retrata ainda sobre o processo de gentrificação<sup>16</sup> que envolve o Rio Vermelho, devido ao projeto de “revitalização” do trecho da orla que passa pelo bairro, inaugurado em 2016 - projeto que compõe uma série de reformas que ocorreram em Salvador para a Copa de 2014. Melhorias aconteceram ao longo do trecho, como ampliação de calçada, reforma da quadra de futebol e de ciclovias, melhoria de iluminação, em contrapartida algumas ações como a exclusão de ambulantes da região e a privatização do antigo Mercado do Peixe (Figura 13) - onde duas empresas privadas ganharam processo licitatório para administração do espaço por 15 anos.

A Vila Caramuru (Figura 14), como passou a se chamar, estabeleceu exclusividade para marcas de cervejas além de diversas diretrizes estéticas para as novas instalações *gourmets*, cobrando valores muito acima do que os comerciantes populares que trabalhavam nos quiosques antes da reforma, de contrato temporário, podiam pagar - as parcerias público-privadas (que abrangem possibilidade de parcerias com empresas nacionais e internacionais) para gestão do solo urbano público está prevista na Lei Municipal n. 5.245, de 05 de fevereiro de 1997, no seu artigo 3º (GUSMÃO, 2017, p. 533, p. 541 e p. 542). O que torna problemático a participação de empresas privadas sem participação popular, como retrata o autor, nas decisões de um espaço público, que deveria ser para o bem comum, é sobre a quem atende às decisões das intervenções, nesse sentido, o autor remonta aos lugares e às intenções de invisibilização de existências:

Como resultado, as favelas soteropolitanas ainda hoje são invisibilizadas em pontos turísticos da cidade. Bairros marcados pela movimentação cultural de Salvador, a exemplo de Barra, Rio Vermelho ou partes do Centro Histórico, não ficam tão nitidamente entremarcados por favelas. (...) A limpeza social, e consequentemente étnica, é realidade histórica na cidade de Salvador (GUSMÃO, 2017, p. 541).

No que se relaciona às opiniões do moradores do bairro, percebe-se no artigo de Gusmão (2017), como o próprio também coloca, que as opiniões são divergentes, muitas pessoas se colocam conscientes quanto ao impacto gerado aos comerciantes

---

<sup>16</sup> Através de Fabio Raddi Uchôa (2014), no artigo Espaços e Imagens da Gentrificação no Centro de São Paulo, **gentrificação** é um termo cunhado inicialmente por Ruth Glass em 1963 para nomear movimento que acontece em Londres e em outras cidades inglesas, de forma recorrente, onde há ações realizadas por agentes privados em espaços urbanos a fim de valorizá-los e que tem como consequência a mudança de público frequentador da região reformada, o que o autor infere ser “um processo de substituição de classes sociais, associado à valorização do espaço” (UCHÔA, 2014, p. 48).

populares e ambulantes, além da ideia de valorização do turismo em detrimento de projetos que realmente solucionem problemas estruturais do bairro. O que é intrigante são algumas colocações de moradores sobre o antigo Mercado do Peixe, que deixa explícito um raciocínio de exclusão de perfis populares em contrapartida a valorização da nova ocupação, o que a nova estrutura e a revitalização proporcionou em termos de “valorização” do espaço:

Felizmente a prefeitura destruiu aquela excrescência que era o Mercado do Peixe, um antro de drogados e putas (Manoel, 70 anos).

Esse bando de sacizeiro<sup>17</sup> foi removido daqui e agora quer voltar a todo custo, vandalizando as ruas, fazendo baderna e protestos (Sandro, 68 anos).

O prefeito quer o bem desta cidade. Somente os vândalos não veem porque eles querem a bagunça e a vagabundagem (Sérgio, 45 anos) (GUSMÃO, 2017, p. 534).

Tinha muita droga, muito roubo e prostituição naqueles botecos do Mercado do Peixe. Gente de bem já não ia mais lá (Antônio, 50 anos).

Os maconheiros espantavam turistas. Eu mesmo não levaria minha família naquele velho Mercado do Peixe. Agora está limpo, tem vigilância e comida boa (João, 40 anos).

O antigo Mercado do Peixe estava muito inseguro. E aqueles botecos eram sujos e só atraíam malandros. Hoje até o prefeito vem morar aqui do lado (Sérgio, 45 anos) (GUSMÃO, 2017, p. 543).

Figura 13 - Mercado do Peixe em foto de 2005, autor desconhecido - imagem presente nos arquivos da biblioteca Juracy Magalhães



<sup>17</sup> Sacizeiro é um adjetivo utilizado em Salvador e alguns lugares da Bahia para se referir a pessoas usuárias de drogas.

Fonte: (*Printscreen*) Federico Calabrese

Figura 13 - Vila Caramuru - Mercado do Peixe após revitalização da Mariquita



Fonte: Fábio Marconi<sup>18</sup>, sem data

Com base no que foi dito acima, é importante situar também nesse momento o Rio Vermelho atualmente (Figura 14), de acordo com a última pesquisa feita pelo IBGE em 2010, para acrescentar às informações dos aspectos de sua ocupação contemporânea, características que se relacionam diretamente com o acesso e vivências contemporâneas do bairro. Ao longo do trabalho entenderemos como essa construção se dá de acordo com o panorama geral de formação dos bairros de Salvador pós abolição e ao longo do século XX.

Figura 14 - Região da Prefeitura-Bairro VI em Salvador/BA



<sup>18</sup> Disponível em <<https://www.salvadorbahia.com/experiencias/mercado-do-peixe/>>, acesso em 09 de abril de 2021.

Fonte: Mapa retirado da CONDER/INFORMS/SEDIG, 2016

A Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia relata no Painel de Informações – Dados Socioeconômicos do Município de Salvador por Bairros e Prefeituras-Bairro, dados de 2010 levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística onde o Rio Vermelho figura, entre os bairros da áreas de competência da Prefeitura-Bairro VI (Barra/Pituba), como um dos bairros: com menor percentual de habitações em aglomerados subnormais (de 1 a 15%); População residente não alfabetizada acima de 15 anos até 2010 menor que 2%; Índice de Desenvolvimento Humano Municipal muito alto (numa classificação dividida em muito baixa, baixa, médio, alta e muito alta); Não está localizada em zona especial de interesse social; Quanto ao percentual da população total residente por cor/raça os dados apresentam que 43,51% de seus moradores em 2010 eram de cor branca e 15,28% de cor preta; 10,1% dos moradores do bairro em 2010 recebiam entre 0 e 1 salário mínimo, 24,4% entre 5 e 10 salários mínimos e 7,8% não apresentavam rendimento (CONDER/INFORMS/SEDIG, 2016).

Em comparativo o bairro Alto das Pombas que fica numa zona especial de interesse social, sob administração da mesma Prefeitura-Bairro que fica o Rio Vermelho, os dois bairros apresentam realidades bem opostas visualizadas em alguns recortes: a população do Alto das Pombas era formada em 2010 por 43,50% de negros e 46,56% de pardos, enquanto o percentual de brancos era de 8,34%; 44% recebiam entre 0 e 1 salário mínimo e 15,2% não possuíam renda, 2% recebiam entre 5 e 10 salários mínimos. A densidade demográfica do Alto das Pombas (285,32 HAB/HA) é mais que o dobro do que a do Rio Vermelho (107,94 HAB/HA) (CONDER/INFORMS/SEDIG, 2016).

## 2.3 PRESENTE DA MÃE D'ÁGUA

*Yemoja*, o orixá que justifica a festa em estudo, vem de *yèyé omo ejá*, expressão iorubá que significa “mãe cujo os filhos são peixes, é um orixá da nação Egbá, antes estabelecida entre a antiga Ifé e a atual capital do estado de Oyó, Ibadan, onde existe o rio *Yemoja*, sudoeste da Nigéria. Com a migração dos *egbás* para Abeokutá (atual capital do estado de Ogun), no oeste, no início do século 19, a nação estabeleceu outra morada para entidade, levando seus objetos sagrados do rio *Yemoja* para o rio *Ògún*, que não tem aproximação com o orixá de mesmo nome, segundo Verger (1981). O principal templo de *Yemoja* fica no bairro Ibará em Abeokutá, seus devotos se dedicam a uma procissão anual seguida de pessoas

carregando estátuas de madeira e tambores, desde a coleta de água para lavagem dos objetos sagrados no rio *Lakaxa*, afluente do rio *Ògún*, à passagem para saldar as pessoas importantes do bairro, começando pelo rei, no retorno da procissão (VERGER, 1981).

No Brasil e em Cuba, Yemanjá é entidade muito popular e está mais ligada às águas salgadas, essa relação do mar como local de morada do orixá, pode ser interpretada segundo as histórias que explicam a divinização da entidade, que a mesma é filha de *Olóòkun*, deus ou deusa (com variação de lugar para lugar) do mar, a qual entrega para a filha uma porção engarrafada para que a mesma pudesse quebrar num momento de adversidade, em dado momento que não estivessem juntas, devido a migração de *Yemoja*. A garrafa foi utilizada para escapar de um cerco ordenado por seu marido *Olofin-Odùduà*, rei de Ifé, ou por outros problemas matrimoniais (com variações das motivações entre histórias): *Yemoja* quebra a garrafa e transforma-se em um rio que a leva para a casa de *Olóòkun*. No Brasil, Yemanjá é conhecida também como Dona Janaína, princesa ou Rainha do mar, é sincretizada com Nossa Senhora da Imaculada Conceição, cujo o dia de comemoração é 8 de dezembro, mas é no dia 02 de Fevereiro que são realizados os festejos da Rainha do mar, dia de Nossa Senhora das Candeias que é sincretizada com Oxum, outra entidade das águas, mais ligada às águas doces (VERGER, 1981).

O Axé de Yemanjá é assentado em pedras marinhas, conchas, guardadas em uma porcelana azul. Verger se refere a festa de Yemanjá, que é comemorada em 2 de fevereiro no Rio Vermelho, como um momento de grande agitação e comoção social para saudação da entidade:

Neste dia, longas filas se formam diante da porta da pequena casa construída sobre o promontório, dominando a praia, no local onde, nos outros dias do ano, os pescadores vêm pesar os peixes apanhados durante o dia. Uma cesta imensa foi instalada de manhã, logo cedo, e começa então um longo desfile de todas as origens e de todos os meios sociais, trazendo ramo de flores frescas ou artificiais, pratos de comidas feitas com capricho, frascos de perfumes, sabonetes embrulhados em papel transparente, bonecas, cortes de tecidos e outros presentes agradáveis a uma mulher bonita e vaidosa (VERGER, 1981, p. 192).

A festa de 02 de fevereiro (Figura 15, 16, 17 e 18), dedicada a entidade africana, reconhecida como Patrimônio Cultural de Salvador em 01 de fevereiro de 2020 (A TARDE, 2020) acontece no Rio Vermelho, bairro de Salvador, desde 1923,



segundo pescador entrevistado pelo Tribuna da Bahia em 14 de dezembro de 1970, Eustáquio Bernadino de Sena, um dos fundadores do Presente da Mãe d'Água, como era conhecido o festejo até os anos 60, em trecho da entrevista, trazido por Porto Filho (1991), o pescador afirma que participaram da primeira organização 29 pescadores e cada um contribuiu financeiramente para a realização do presente (PORTO FILHO, 1991, p. 95). O dia da celebração pelos pescadores da Casa do Peso, no Rio Vermelho foi inspirado na comemoração dos pescadores de Itapuã que homenageavam a divindade no mesmo dia.

Figura 15 - Festa de Yemanjá, 2 de fevereiro de 1930 (Rio Vermelho/Salvador), autor desconhecido - imagem presente nos arquivos da biblioteca Juracy Magalhães



Fonte: (*Printscreen*) Federico Calabrese

Figura 16 - Festa de Yemanjá, 2 de fevereiro de 1960 (Rio Vermelho/Salvador), autor desconhecido - imagem presente nos arquivos da biblioteca Juracy Magalhães



Fonte: (*Printscreen*) Federico Calabrese



Figura 17 - Festa de Yemanjá, 2 de fevereiro de 1974 (Rio Vermelho/Salvador), autor desconhecido



Fonte: (*Printscreen*) Instagram @villalobos

Figura 18 - Festa de Yemanjá, 2 de fevereiro de 1974 (Rio Vermelho/Salvador), autor desconhecido



Fonte: (*Printscreen*) Instagram @villalobos

De acordo com Porto Filho (2013), o Presente para Yemanjá começou a ser feito após sugestão aos pescadores para que houvesse melhora da pesca, visto o momento de escassez que eles passaram em 1923, após ouvir que o presente estava sendo feito de maneira errada e que o recomendado seria obedecer os preceitos do candomblé e dos costumes ritualísticos africanos, os pescadores resolveram convidar para organização da festa a ialorixá Júlia Bugã, em 1928. A festa de 1928, aconteceu em dois momentos, foi feita uma missa em homenagem a Senhora de Sant'Anna, na Igreja de mesmo nome da santa, enquanto na Casa dos Pesos/Casa de Yemanjá (Figura 19) mãe Júlia estava a frente da ritualística candomblecista. A partir de 1930 os pescadores deixam de oferecer a missa à Senhora de Sant'Anna devido aos insultos feitos pelo padre Arthur Peixoto, no ano anterior, em relação a cerimônia direcionada a Yemanjá (PORTO FILHO, 2013, p.36 e 73). Sobre o incidente, Porto Filho (2013, p. 37 **apud** Licídio Lopes, 1984, p. 58 - 66):

O padre não queria dizer a missa, mas, a muito custo, resolveu celebrar. Depois, fez uma prática desfazendo da Rainha do Mar e dos Pescadores, dizendo que era ignorância deles festejar uma mulher com rabo de peixe e outras coisas mais, o que ofendeu os pescadores e suas famílias (PORTO FILHO, 2013, p. 37 **apud** LICÍDIO LOPES, 1984, p. 58 - 66).

Figura 19 - Casa de Yemanjá



Fonte: Próprio autor, 2019

A Casa dos Pesos como também é conhecida a Casa de Yemanjá, nome que remete a sua origem, é o local onde fica a imagem da orixá, aberta durante todo o ano, onde é depositado presentes para entidade e acolhimento dos fiéis, de acordo com Porto Filho (2013) foi construída em 1919, era uma edificação que tinha como finalidade dar suporte à atividade pesqueira (PORTO FILHO, 2013, p. 36). A Casa de Yemanjá recebeu em 1969 uma estátua, do escultor Manoel Bonfim, colocada em frente ao templo, em 1972 houve restauração da edificação, construção de anexos, parede de contenção entre o patamar do espaço e a praia e melhoria da escada que dá acesso à faixa de areia, em 1988 houve nova reforma do espaço (PORTO FILHO, 1991, p. 69).

Amine Barbuda (2015) em sua dissertação “Salvador em Festa de Yemanjá: Análises da festa no planejamento estratégico” relata usos e acontecimentos presentes na festa nos anos de 2014 e 2015. Segundo a autora, na festa de 2014 teria acontecido pela primeira vez a inserção de portões para acesso a festa que tradicionalmente era de acesso livre, foi limitada a quantidade de vendedores, a marca de cerveja que seria vendida no espaço (a cerveja autorizada em 2014 e 2015 foi Schin) e marcas de produtos alimentícios em geral - vendedores ambulantes e a comercialização de cervejas de outras marcas só foram permitidos entrar após o término da bebida após às 17h do 02 em 2014 e em 2015 não houve repetição da lógica de gradeamento. Em 2015 em relação ao monopólio de marcas a serem vendidas no percurso da festa, houve controle e a marca de cerveja autorizada para ser vendida foi novamente a Schin (BARBUDA, 2015, p. 80).

Quanto aos usos nesses anos e na dinâmica espacial no percurso da festa, Amine Barbuda (2015) retrata que tanto em 2014 quanto em 2015, a festa aconteceu da praia da Paciência ao Beco do Boi, tendo começado a movimentação de pedestres (danças, aglomerações e caminhadas), cortejos e vendedores na Rua da Paciência desde o dia 01 à noite, sendo em 2014 uma das festas de maior público durante os últimos anos por ter acontecido num final de semana. Os mapeamentos da autora (Figuras 20 e 21) descreve algumas ambiências durante a pesquisa de campo, como: lugares de cultos (nas praias que margeiam o Rio Vermelho), a comercialização de bebidas em todo o perímetro da festa, concentração de pessoas nos perímetros próximos aos largos, serviços de moto táxi, venda de flores, bares e barracas na avenida Cardeal da Silva, café tradicional feito por moradores na Praça da Travessa Almirante Barroso. Barbuda (2015) destaca que o presente encomendado pelos pescadores a um artista plástico (movimento que ocorre tradicionalmente nas festas e que geralmente Yemanjá é branca) chegou às 6 da manhã, o artista fez a imagem da entidade, mas “O artista não participa da decisão



de como será o presente ou seus rituais. O ritual é um segredo irrevelável, segundo os relatos colhidos com participantes e através de pesquisa, esta é uma característica fundamental do aspecto religioso da festa.” (BARBUDA, 2015, p. 83)

Figura 20 - Mapeamento de ambiências na Festa de Yemanjá em 2014, pelo dia



Fonte: (Print screen) Amine Barbuda, 2015

Figura 21 - Mapeamento de ambiências na Festa de Yemanjá em 2015, pela noite



Fonte: (Print screen) Amine Barbuda, 2015

Tendo em vista o que foi apresentado anteriormente, nos subcapítulos 1.1, 1.2 e 1.3, que nos situa em relação algumas das características que atravessam a Festa de Yemanjá, no que diz respeito ao espaço em que acontece, o seu histórico de formação e a sua continuidade no cenário contemporâneo, é possível entender e imprimir algumas relações que vão nos fazer compreender outras características que serão trabalhadas nos capítulos seguintes desse trabalho e que serão formadas também pelas impressões coletadas no trabalho de campo a ser apresentado no próximo capítulo.

Para compreensão da discussão que o trabalho pretende propor, fixaremos alguns entendimentos que conseguimos concluir até então: O candomblé é um religião de origem afro-brasileira que surge no Brasil, pela temporalidade apresentada por Verger (1981) entre o final do século 19 e início do século 20, embora a história apresente relatos de cultos afros no Brasil desde a chegada dos negros escravizados, surge nas margens do centro urbanizado de Salvador com forte participação das mulheres negras, sofre repressão antes mesmo de ser entendido como candomblé, ainda enquanto culto às entidades africanas (VERGER, 1981); A cultura afrobrasileira é forjada a partir da ancestralidade, desde a chegada dos primeiros negros escravizados, mas também por um projeto geopolítico apresentado por Matory (1998) como Renascença Yourubá, onde o início data entre a segunda metade do século 19 e início do século 20 e tem continuidade até os dias atuais. Um movimento cujo o objetivo era perpetuação de um ideal de valorização da cultura africana e de resistência dos lugares de poder ameaçados pelas forças hegemônicas européias, abrange uma nação transatlântica formada pela costa africana e América negra - onde Salvador figura como uma das metrópoles dessa nação (MATORY, 1998).

O candomblé historicamente surge na periferia e sua ocupação se mantém popular e periférica, de participação negra e feminina, majoritariamente, ainda na atualidade, tendo contribuído para formação de bairros populares e marginalizados de Salvador, onde muitos estão inseridos - é preciso lembrar da localização também influenciada pela disponibilidade e aproximação de áreas verdes, dado a importância desses espaços para os rituais candomblecista (SANTOS, 2008); O bairro do Rio Vermelho, surge inicialmente a partir da colonização de um território Tupinambá, e sua ocupação fixa ao longo da história se dá por grupos privilegiados da sociedade - espaço cristão, de classes financeiras privilegiadas, como retrata Porto Filho (1991) e Júlia do Santos (2013). Na contemporaneidade o Rio Vermelho se mantém como um bairro de classes privilegiadas e de maioria populacional branca (CONDER/INFORMS/SEDIG, 2016), sendo resultado de intervenções urbanas, assim como em toda Salvador de projetos urbanos que invisibilizam realidades populares e periféricas e privilegiam setores privados e das elites (GUSMÃO, 2017); Mesmo existindo em Salvador uma realidade inteiramente atravessada pela cultura afro-brasileira, existe uma realidade racista, com aumento de crimes de intolerância religiosa de acordo com artigo de



2019 apresentado pelo Ministério Público do Estado da Bahia - a realidade de Salvador é é compartilhada nacionalmente afetada também por casos de racismos institucionais e retrocesso de espaços conquistados pela população negra, exemplificado nos recortes de matérias apresentados no subcapítulo 1.2. Perpassa a Festa de Yemanjá do Rio Vermelho em Salvador/BA, todo histórico retratado, é uma festa que surge a partir das camadas populares e negra, na rua, em um bairro de classes financeiras privilegiadas, que no decorrer do tempo tem participação de diversos grupos e classes sociais (PORTO FILHO, 1991) e se mantém como festa de rua e popular nos últimos anos, apesar da interferência de setores privados que são beneficiados em detrimento de comerciantes ambulantes (BARBUDA, 2015).

## **SEGUNDA PARTE**

### **3 CONTRA-USOS, CONTRA-HEGEMONIA: APROXIMAÇÕES DE UMA DEMOCRATIZAÇÃO DA VIDA NA CIDADE**

Para avançar no trabalho e dar base para as discussões seguintes é necessário deixar dito que o que se pretende neste capítulo é tentar perceber algumas das características alcançadas com a formação de espaços urbanos a partir de usos não planejados, de forças que se estabelecem de maneira contrária às dispostas pelos planejamentos e pelas decisões administrativas convencionalizadas, pelos usos padrões. Nesse sentido, pretende-se estabelecer compreensões sobre as dinâmicas de algumas das ideologias presentes na produção do espaço urbano, que acontecem de forma ideológica e sistemática e alcançam a realidade soteropolitana, e das consequências que surgem dessa produção. Dessa forma pretende-se estabelecer o sentido da diluição e da existência alternativa, paralela e contrária.

Assim então parte-se da ideia de que o espaço urbano brasileiro surge de forças que atuam desde o seu início, onde entendemos estar entre essas forças ideológicas o capitalismo e o racismo estrutural, constituintes desse espaço que vem a se desenvolver de acordo ao que se tem como legal. Ideologias que assumem caráter não só de formadoras como também mantenedoras de uma lógica hegemônica. Silvio Almeida (2021) em “Racismo Estrutural” traz que a existência do racismo dá-se a partir da ideia de raça que surge na modernidade, em meados do século XVI, onde a expansão econômica e o conhecimento do novo mundo alimentaram as reflexões renascentistas acerca da época e consequentemente a acerca do homem - o qual passa a ser um dos principais objetos filosóficos (e também sujeito) no projeto iluminista. Com o Iluminismo e as revoluções neoliberais, o ideal do homem europeu (entenda-se como tudo que se refere a ele) é levado juntamente com as máximas da civilização iluminista. As ideias civilizatórias disseminadas pautando conceitos de liberdade, igualdade e razão universais, de Estado de direito e de mercado para os povos considerados primitivos - processo que desencadeia no que entende-se como colonialismo, responsável por diversas formas de “destruição e morte, de espoliação e aviltamento” nas Américas, África, Ásia e Oceania (ALMEIDA, 2021, p. 27).

Com a Revolução do Haiti, levante do povo negro no final do século XVIII contra o colonialismo francês, estabelece-se um marco contra as ideias iluministas, já que o povo escravizado exige acesso aos direitos e conquistas celebradas pelo Iluminismo. O movimento culmina na Independência Haitiana em 1804, mas em contrapartida enfrenta grande resistência das nações colonialistas que se utilizam do conceito de raça para justificar a desumanização e a escravidão dos negros. O processo em curso, somado ao pensamento positivista, corrente filosófica do Iluminismo que surge no século XIX, se

desdobra através da ciência com os princípios deterministas (geográfico e biológico), ganhando espaços nos meios políticos e acadêmicos (ALMEIDA, 2021).

Mais tarde, após a primeira crise do capitalismo, na segunda metade do século XIX, quando as nações colonizadoras protagonizam o imperialismo e estabelecem novas políticas de exploração (a ser entendido como neocolonialismo) com políticas discutidas na Conferência de Berlim de 1884, os imperialistas se pautam na ideia de inferiorização racial dos povos colonizados para justificarem a invasão e divisão de territórios africanos. O racismo é aparelhado como ferramenta ao longo de séculos, opera de maneira sistêmica e faz parte de um processo estabelecido entre grupos raciais - onde a subalternidade e o privilégio desses grupos, distintos, são reproduzidos em vários sistemas da sociedade: na política, na economia e nas relações de convívio (ALMEIDA, 2021).

Essa máquina ideológica que alcança a contemporaneidade e estabelece parâmetros de exploração e socialização ainda hoje, seja através do trabalho, seja através do lugar ocupado na cidade, gera territórios segregados, interessantes para alimentação do capitalismo. Para Almeida (2021, p. 34) “O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas - bairros, guetos, bantustões, periferias, etc”, a partir disso é importante deixar dito, mesmo que prolixamente, que a manutenção e estruturação do racismo e das políticas todas a partir dele vêm sendo feitas a partir de potências exploratórias que detêm ao longo do tempo os meios de construção de sociedades. Retomando saberes desenvolvidos durante o capítulo anterior, percebemos uma manutenção da lógica de segregação e de estrutura social, onde desde o surgimento das religiões afrobrasileiras à atualidade a sua continuidade de ocupação se dá nas regiões periféricas da cidade de Salvador. Cabe retomar também, como já dito, que esses espaços são de predominância negra, que são espaços da cidade com baixo IDH onde a infraestrutura é precária e drasticamente destoante com parâmetros dos bairros onde vivem as classes privilegiadas. De acordo com Silvio Almeida (2021):

Ainda que hoje seja quase um lugar-comum a afirmação de que a antropologia surgida no início do século XX e a biologia - especialmente a partir do sequenciamento do genoma - tenham há muito demonstrado que não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos, o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários (ALMEIDA, 2021, p.31).

O racismo estrutural, como retrata Almeida (2021), diferencia-se de outras duas concepções elaboradas anteriormente, a concepção individualista e institucional. A

concepção individualista entendia que “não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo” (ALMEIDA, 2020, p. 36). A partir da concepção institucional, evolução teórica das discussões sobre o tema, reconhece-se que “o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições” (ALMEIDA, 2020, p. 37). As instituições agem através da atribuição, que pode ser de forma indireta, de privilégios e desvantagens baseados na raça - “constituídas por formas econômicas e políticas gerais - mercadoria, dinheiro, Estado e direito” (ALMEIDA, 2020, p. 38) - que funcionam de formas distintas de sociedade para sociedade.

Sobretudo o funcionamento dessa lógica é atravessado pela capacidade de grupos dominantes, hegemônicos, reguladores das organizações políticas e econômicas, se manterem no poder através da criação/perpetuação de normas e padrões que naturalizem e justifiquem sua permanência no lugar de poder. Como traz Silvio (2021) “Isso demonstra que, na visão institucionalista, o racismo não se separa de um projeto político e de condições socioeconômicas específicas” (ALMEIDA, 2020, p. 41). Na concepção estrutural o racismo se manifesta da mesma forma que a sociedade é estruturada, de forma naturalizada em todas as relações (política, econômica, jurídica, pessoais) que atingem e são formadas pelos indivíduos, onde a existência de racismo institucional denota não somente uma falha da instituição (que é parte do projeto), mas a existência sistêmica de alimentação dessa lógica de dominação presente em todas as relações da sociedade, sobre essa relação Almeida (2021) explica:

Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista.

Esta frase aparentemente óbvia tem uma série de implicações. A primeira é a de que, se há instituições cujos padrões de funcionamento redundam em regras que privilegiam determinados grupos raciais, é porque o racismo é parte da ordem social. Não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido, mas que fique a ressalva já feita: a estrutura social é constituída por diversos conflitos - de classes, raciais, sexuais, etc. - o que significa que as instituições também podem atuar de maneira conflituosa, posicionando-se dentro do conflito (ALMEIDA, 2021, p. 47 - 48).

A segunda consequência é que o racismo não se limita à representatividade. Ainda que essencial, a mera presença de pessoas negras e outras minorias em espaços de poder e decisão não significa que a instituição deixará de atuar de forma racista. A ação dos indivíduos é orientada, e muitas vezes só é possível por meio das instituições, sempre

tendo como pano de fundo os princípios estruturais da sociedade, como as questões de ordem política, econômica e jurídica (ALMEIDA, 2021, p. 49).

O racismo, de acordo com as discussões apresentadas por Almeida (2021), é estrutural, sob essa afirmativa o autor nos situa de que esse saber não justifica o racismo como algo imutável, mas que para além de pensá-lo sob a sombra do racismo individual e institucional e da busca de ações para combatê-los, é importante e é preciso também pensá-lo de forma complexa, como um arranjo sistêmico, a fim de que se reflita sobre “mudanças profundas, nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2021, p. 50). O autor coloca que o racismo estrutural é desdobrado em dois processos: político e histórico. Enquanto processo político, o racismo é investido através desse poder, muitas vezes simbólico, mas que atua através de padrões (comportamentais, regulatórios) impostos que qualificam e desqualificam indivíduos, estabelecendo vantagens e desvantagens sociais (ALMEIDA, 2021).

De acordo com a ideia de raça, essa politicidade é formada por duas camadas: na dimensão institucional o Estado é o principal ator, somente através dele é possível atuar através de meios jurídicos e extrajurídicos, na criação e aplicação de dispositivos legais que mantenham o funcionamento sistêmico do racismo e alcance as relações sociais, de maneira direta. Na dimensão ideológica, a atuação política se dá através de narrativas que produzem a ideia de coexistência social pacífica dentro dos diversos conflitos com participação do Estado, das escolas, universidades, mídia, redes sociais e algoritmos na construção e adequação de ideologias unificadas (ALMEIDA, 2021).

Enquanto processo histórico, o racismo se estrutura na história de acordo com as especificidades de formação de cada sociedade, onde se manifesta “de forma circunstancial e específica” e “em conexão com as transformações sociais” (ALMEIDA, 2021, p. 55). Tem-se, de acordo com Silvio Almeida (2021) que a criação dos Estados contemporâneos são formados a partir de projetos políticos e incorpora à formação desses Estados contemporâneos a utilização da divisão de raças. Isso acontece de maneira estratégica para criação de políticas de Estado e de atores não estatais, estabelecendo assim hierarquias sociais e políticas de desenvolvimentos de acordo com a relação dos acontecimentos históricos. Sobre como isso orquestra políticas econômicas e de progresso, Almeida (2021) pontua:

Demonstra isso a existência de distintos modos de classificação racial: no Brasil, além da aparência física de ascendência africana, o pertencimento de classe explicitado na capacidade de consumo e na circulação social. Assim, a possibilidade de “transitar” em direção a uma estética relacionada

à branquitude, e manter hábitos de consumo característicos da classe média, pode tornar alguém racialmente “branco” (ALMEIDA, 2021, p. 56).

Sob esse contorno entende-se que o racismo estrutural juntamente com as políticas liberais e neoliberais, por Silvio Almeida (2021), está no cerne da formação da sociedade brasileira, presente desde o início e continuamente reelaborando as relações sociais e políticas, estabelecendo lugares e direitos diferenciados entre grupos minoritários e grupos hegemônicos. Cujo o padrão e a manutenção do poder desses grupos dominantes são construídos historicamente de maneira legal, ideológica e política com aparelhamento do Estado e de seus sistemas jurídico, econômico e político. A construção das cidades, dos seus espaços e dinâmicas sob a égide da legalidade e desses já ditos sistemas sociais, são conduzidas estrategicamente ao longo de séculos e o planejamento urbano, como política pública governamental através dessa lógica reflete no território distintas formas de ocupação, de acessos e de tratativas entre espaços e experiências urbanas.

De acordo com Inaiá Carvalho e Gilberto Corso (2008) em “Como anda Salvador” a segregação é uma importante marca das cidades contemporâneas e atrai estudos e olhares de cientistas sociais e urbanistas desde a primeira metade do século passado. No início às discussões tem como pauta a relação segregacionista entre negros e brancos, de forma legalizada, e posteriormente, entre brancos e minoria etno-raciais, fenômeno mais discutido nos EUA, dado o processo de guetificação que aconteceu em cidades americanas. Na França, por exemplo, essa discussão tem dado maior ênfase na segregação social a partir da ocupação de grupos pobres nas periferias de grandes centros urbanos, relação entre classe e mercado e seu engendramento no espaço urbano (CARVALHO e CORSO, 2008).

Segundo Carvalho e Corso (2008), as pesquisas no Brasil têm sido direcionadas mais sob o contexto sócio ocupacional, onde se percebe uma ligação direta e evidenciada em estudos estatísticos entre cor, ocupação e território. A segregação como característica e enquanto problemática urbana evidenciada nas cidades contemporâneas brasileiras, como já dito, é resultado de políticas de desenvolvimento e de acesso a terra ao longo da história. Cabe falar por exemplo da lei de nº 601 de 18 de setembro de 1850, conhecida como Lei de Terras que dispõe sobre as terras sem dono legal, devolutas, que retornaram para a responsabilidade de destinação do Império, como retrata Lilia Schwarcz e Heloísa Starling (2015) em “Brasil: uma Biografia”. Essa lei buscava organizar o país para o eventual fim da escravidão, a qual havia sido apresentada desde 1843 - votada dias antes de ser determinado o fim do tráfico. A lei tinha como objetivo “desestimular pequenos agricultores de subsistência e impedir a aquisição de terras pelos futuros imigrantes” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 274).

Djamila Ribeiro (2019) também coloca que a partir dessa lei, se abre um argumento para a continua impossibilidade da aquisição de terras por negros, se enquanto escravizados não havia possibilidade de aquisição de propriedade, enquanto ex-escravizados não tinham fundos para a compra de terras, em contrapartida a mesma facilitava a aquisição para grandes latifundiários e tenha havido concessões aos imigrantes europeus, visualizada através da criação de colônias. Segundo Djamila (2019) essa lei afirma que a terra foi transformada em mercadoria (RIBEIRO, 2019). É interessante pontuar também, a partir de Schuarcz e Starling (2015), como são caracterizadas algumas das reformas urbanas feitas no Rio de Janeiro, galgando um lugar de cidade moderna, civilizada e inspirada no modelo de urbanização da Paris burguesa contraposta a uma realidade paralela, em áreas que o destaque era o trabalho de escravos e libertos:

Mas o “moderno” mundo urbano deveria espelhar uma sociabilidade branca e ademais europeia. Quem sabe por isso, de um dia para outro, nos locais de maior acesso foram sendo edificadas palácios, jardins públicos e amplas avenidas. A corte obteve, ainda, outras melhorias: arborização (a partir de 1820), calçamento com paralelepípedo (1853), iluminação a gás (1854), bondes puxados a burro (1868), rede de esgoto (1862) e abastecimento domiciliar de água (1874). O mundo do trottoir e dos novos consumos também se modificava. Para o novo comércio elegante, a rua Direita - que misturava estabelecimentos de moda com pequenos armazéns de secos e molhados - parecia não ser mais suficiente. O acanhado das ruas, o odor de esgoto, o serviço urbano dos escravos, o cheiro de maresia, tudo contribuía para a contínua decrepitude do local (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 277).

Em Salvador, a realidade segregacionista alcança a contemporaneidade, incorporando novos debates, novas estratégias de manutenção das lógicas hegemônicas, onde algumas características são continuadas. Se em seu início a segregação se dava, como na maioria das cidades brasileiras onde existe interferência de uma realidade escravocrata, no interior da residência - onde escravizados e agregados ocupavam as áreas inferiores das casas das famílias de posse. Com a expansão urbana no final do século XIX negros e pobres passam a ocupar a cidade em sentido diferente das famílias detentoras de recursos. Enquanto a maioria negra e pobre passa a assentar-se em regiões ao norte, onde está situada a Liberdade, Lapinha, Cidade Nova, os ricos passam a ocupar áreas da região sul, como o Campo Grande, Graça e Vitória (tendo como referência o até então centro da cidade), à medida que o centro histórico vai deixando de ser predominantemente residencial. Sendo estes um dos primeiros indícios de grupos com realidades sociais e econômicas



antagônicas ocupando de forma concentrada espaços distintos (CARVALHO e CORSO, 2008).

A dinâmica de ocupação de Salvador é desenhada de forma mais perceptível a partir da concentração de operários nas proximidades das primeiras fábricas nas extremidades da cidade e a partir das primeiras normas, presentes no Código de Postura de Municipal de 1920 e 1926, que determinaram áreas a serem ocupadas pelas habitações da população de baixa renda. A partir da década de 60, Salvador presencia uma forte intensificação no processo de modernização. A ocupação das classes ricas avança no sentido da orla atlântica, enquanto as classes média e populares se intensificam entre os bairros mais centrais, no subúrbio ferroviário e na conurbação com municípios vizinhos (CARVALHO e CORSO, 2008).

Através da Lei da Reforma Urbana de 1968, a Prefeitura transferiu suas propriedades para, que eram equivalentes a maioria das terras ao município, para o setor privado, comprometida com o setor imobiliário, implementou a abertura de vias em fundos de vale, desapropriando assim diversas ocupações tradicionais de baixa renda. Várias dessas ocupações passaram por processo de remoção de áreas da Orla Atlântica, que teve seu uso destinado também ao setor turístico. A partir da década de 80, com a criação de um novo centro urbano, com a criação de grandes empreendimentos e equipamentos urbanos, na região do Iguatemi, a expansão em direção à orla norte se intensifica ainda mais (CARVALHO e CORSO, 2008). Sobre esses processos e as consequências visíveis na ocupação territorial, Carvalho e Corso (2008) retrata que:

Essas intervenções, associadas à realização de investimentos complementares, pesados e seletivos, centrados na infra-estrutura e no projeto industrial, interferiram decisivamente na conformação de um novo padrão de produção do espaço urbano, com a configuração de três vetores bem diferenciados de expansão da cidade: a Orla Marítima norte, o “Miolo” e o Subúrbio Ferroviário, no litoral da Baía de Todos os Santos. O primeiro constitui a “área nobre” da cidade, local de moradia, serviços e lazer, onde se concentram a riqueza, os investimentos públicos, os equipamentos urbanos e os interesses da produção imobiliária. O segundo, localizado no centro geográfico do município, começou a ser ocupado pela implantação de conjuntos residenciais para a “classe média baixa” na fase áurea da produção imobiliária através do Sistema Financeiro de Habitação, tendo a sua expansão continuada por loteamentos populares e sucessivas invasões coletivas, com uma disponibilidade de equipamentos e serviços bastante restrita. Finalmente, o Subúrbio Ferroviário teve sua ocupação impulsionada inicialmente pela implantação da linha férrea, em 1860, constituindo, a partir

da década de 1940, a localização de muitos loteamentos populares, que foram ocupados nas décadas seguintes sem o devido controle urbanístico, com suas áreas livres também invadidas. Transformou-se em uma das áreas mais carentes e problemáticas da cidade (...) (CARVALHO e CORSO, 2008, p. 86).

A análise de Inaiá Carvalho e Gilberto Corso (2008) a partir de dados censitários de 1991 e 2000 retratam como o território está disposto a partir da ocupação da população residente a fim de compreender as hierarquias e a estruturação social de Salvador e de sua região metropolitana. Os autores dividem a cidade em 9 grupos territoriais (superior, média-superior, média, média popular, popular, popular inferior, popular operário agrícola e popular agrícola). De forma resumida, os mapas e textos nos mostram realidades drasticamente distintas, onde os grupos presentes no setor superior, formados por empresários, gestores dos setores público e privado e por intelectuais (profissionais com nível superior) ocupam de forma predominante, juntamente com os setores médios<sup>19</sup> (que também ocupam as áreas tradicionais e mais antigas), as áreas da orla atlântica de Salvador e de Lauro de Freitas, quase que como uma faixa contínua. Essa faixa é interrompida pelo Nordeste de Amaralina, que tem origem como ocupação irregular e que se consolidou ao longo do tempo como bairro popular, pelo bairro da Boca do Rio, de mesmo histórico, e pelo bairro da Paz nas proximidades da avenida paralela (CARVALHO e CORSO, 2008).

A ocupação dessa região é caracterizada pela presença de “equipamentos públicos e privados mais importantes, modernos centros de comércio e serviços, grandes equipamentos urbanos (shoppings, multiplex, parques e centros de convenções) e as oportunidades de trabalho e obtenção de renda”, essa região apresenta também os maiores valores de solo urbano e os maiores percentuais de moradores brancos, o percentual de negros como dirigentes do setor público e privado (CARVALHO e CORSO, 2008, p. 89). Os setores populares<sup>20</sup> estão presentes no miolo da cidade e no subúrbio ferroviário e sua população residente não tem possibilidade de consumos nos demais espaços, onde as

---

<sup>19</sup> Setores médios: Média superior (formado por intelectuais predominantemente); Média (profissionais de nível superior, micro empregadores e trabalhadores técnicos, em cargos de supervisão e de escritório, ocupações médias na educação e na saúde, etc); Média popular (trabalhadores de ocupações médias com presença considerável de ocupações populares como trabalhadores manuais da indústria, profissionais auxiliares e do comércio) - essa categoria está presente na análise dos dados censitários de 1991 (CARVALHO e CORSO, 2008, p. 88).

<sup>20</sup> Setores populares: Popular (trabalhadores manuais nos setores industrial e comercial, prestadores de serviços com certa qualificação); Popular Inferior (ambulantes, biscateiros, trabalhadores prestadores de serviços não qualificados, trabalhadores domésticos); Popular agrícola (trabalhadores de atividades tidas como rurais); Popular operário agrícola (trabalhadores de indústria petroquímica e da construção civil) (CARVALHO e CORSO, 2008, p. 88 e 89).

ocupações se caracterizam a partir da autoconstrução com parcelamentos clandestinos, essas regiões apresentam os menores valores de solo urbano, e população majoritária negra e parda (CARVALHO e CORSO, 2008).

A realidade soteropolitana do século XXI tem a segregação sócio espacial intensificada e forte auto segregação das elites - em novos condomínios de luxo cada vez mais equipados. Isso é resultado do processo histórico de condução das políticas urbanas, sobreposto por novos atores, onde pode-se expor a interferência do capital internacional, como o turismo-imobiliário e as parcerias público privadas, por exemplo - relação retratada no capítulo anterior. Embora algumas dinâmicas tenham mudado a classificação entre algumas regiões dos setores falados anteriormente, não houve nenhuma mudança drástica quanto a posição que cada um desses setores ocupavam. Há crescimento dos processos de valorização e especulação do solo urbano de áreas já valorizadas enquanto à medida que é extremado o processo de precarização de áreas mais populares, onde os pobres ficam cada vez mais à margem de espaços urbanos equipados. A espoliação urbana é continuada com a participação do Estado que legitima medidas que tornam maximizadas as realidades categoricamente distintas:

Como fiador dessa aliança, o Estado velou para que houvesse uma divisão de órbitas de atuação e uma distribuição horizontal do excedente, de forma a assegurar uma equalização da rentabilidade dos investimentos realizados nas diferentes órbitas, reservando o setor imobiliário para o capital nacional, adotando uma postura permissiva frente aos movimentos especulativos e tomando outras iniciativas que submeteram a organização do espaço urbano aos interesses e demandas do capital imobiliário. E se os tempos, os atores e os mecanismos de espoliação urbana se transformaram, o poder do capital imobiliário permanece e até se fortalece nos dias atuais, como bem demonstra a recente e polêmica revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador, acontecida numa madrugada do final do ano de 2007, centrada na liberação do gabarito da orla e em outros interesses desse capital, gerando uma sobre-valorização de terrenos já valorizados que grandes proprietários mantinham ociosos, pouco se preocupando com o conjunto e com o “resto” da cidade (CARVALHO e CORSO, 2008, p. 103).

Assim, as transformações do presente vem atualizando velhos processos, exacerbando as desigualdades sociais e espaciais e a perversidade da segregação, ainda que isto se deva menos a necessidades e determinantes intrínsecos da globalização que aos interesses e às opções das elites nacionais e regionais, que vem orientando a articulação do Brasil ao

capitalismo mundializado e o desenvolvimento das regiões metropolitanas (CARVALHO e CORSO, 2008, p. 105).

Embora haja progressos no campo teórico e legislativo sobre a cidade, direcionadas à equiparação de direitos e de acessos, onde urbanistas e acadêmicos de modo geral - nacionais e internacionais - se debruçam sobre a tentativa de compreender, debater e buscar soluções para as problemáticas urbanas. No contexto internacional, podemos citar Henri Lefebvre que tem importante contribuição às discussões sobre a vida e construção urbanas, onde “O Direito à Cidade”, uma de suas obras, que pauta o contexto urbano a partir do processo industrial, o qual intensifica características históricas problemáticas, atravessadas pelas interferências capitalistas e pelas resistências urbanas, que vem pensar criticamente sobre a produção do espaço cidade como produto (LEFEBVRE, 2001). No contexto nacional, muitas são as contribuições de intelectuais sobre a temática, vimos e veremos alguns deles ao longo do trabalho, mas em termos jurídicos alcança-se nos últimos tempos, como retrata Glória Cecília, Naiara Amorim e Taiane Moreira (2019) em “Salvador e os Descaminhos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano”, resultado dos movimentos de lutas e pela Reforma Urbana ferramentas legais que representam importante passo para democratização da construção das cidades.

A criação do Estatuto das Cidades, Lei 10.257 de 10 de julho de 2001, implantada a partir de 2006, é uma dessas ferramentas, a qual estabelece a função social da propriedade e que busca garantir o acesso à cidade e de seus serviços de forma digna. Assim também como outras regulamentações de sistemas que incorporam o urbano, abrangendo estados e municípios, além da repercussão e incentivo de planos diretores participativos (GOMES, SERRA e NUNES, 2019). Mecanismos estes de suma importância, nesse ponto a crítica evidenciada não é sobre a legislação que visa garantir direitos, entretanto esses mecanismos não são suficientes para garantir a conduta eficiente do Estado, cooptado pelos interesses neoliberais e das demais forças dominantes da sociedade, como retrata as autoras:

Nesse contexto, tendências hegemônicas do urbanismo corporativo e neoliberal seguem (re)estruturando as cidades latino-americanas. A natureza corporativa da urbanização brasileira, já apontada por Milton Santos em 1993, parece se consolidar como tendência dominante, numa escala sem precedentes (GOMES, SERRA e NUNES, 2019, p. 21 e 22).

No que se refere aos últimos Planejamentos de Desenvolvimento Urbano de Salvador (2004, 2008, 2012 e 2014), posteriores ao Estatuto da Cidade, a condução dos

planos promulgados pelo município evidencia parcialidade de interesses, medidas que encenam processos participativos, provocando esvaziamento de sentido dos mecanismos. No que se refere ao último planejamento, Plano Salvador 500, em um dos pontos está prevista a formulação de planejamento estratégico abrangendo toda cidade, entenderemos a problemática dessa metodologia logo à frente (GOMES, SERRA e NUNES, 2019). De forma geral os últimos quatro planejamentos de Salvador demarcam oposição entre as decisões políticas tomadas e necessidades evidenciadas no território urbano, para as autoras:

Os problemas apontados no processo de elaboração e aprovação do Plano Diretor indicam sua falta de legitimidade social e política. Há um desencontro entre a política e o urbano, pois a política institucionalizada despreza demandas social e territorialmente referenciadas ao fechar seu espaço de formulação à deliberação cidadã (GOMES, SERRA e NUNES, 2019, p. 37).

Como retrata Oflíia Arantes, Carlos Vainer e Ermínia Maricato (2002) em “A Cidade do Pensamento Único”, entre os modelos de planejamentos que vêm sendo feitos, o planejamento estratégico ascende a competitividade urbana como pauta a ser somada às outras pautas contemporâneas, onde processos urbanos são estrategicamente mantidos em favor do capital. A partir de Vainer (2002), entende-se que o planejamento estratégico, que tem pensadores catalães como principais disseminadores dessa ideologia, traduz pensamentos e técnicas do planejamento empresarial - idealizados pela *Havard Business School* - para aplicação no planejamento urbano, onde tem-se o caso de Barcelona como principal portfólio dessa ideologia (ARANTES, VAINER e MARICATO, 2002). As cidades como empresas precisam garantir espaços atrativos para o investimento do capital nacional e internacional, produzindo territórios competitivos entre si, como mercadorias, onde a garantia de funcionamento se dá de acordo com a falsa ideia de unificação de interesses em favor do bem comum, onde o Estado participa como interlocutor e legislador das medidas. Sob essa perspectiva, de acordo com Carlos Vainer (2002), o funcionamento do ideal do planejamento urbano estratégico se dá a partir do aparelhamento de três proposições que o constitui: A cidade como mercadoria (trabalhando atrativos/equipamentos/paisagens de acordo com o perfil de vendedores/investidores de interesse); A cidade como pátria (produzida a partir da falsa ideia de consenso); A cidade como empresa (sob a negação da cidade como espaço político, do pensamento crítico/filosófico/utópico, onde o pensamento pragmático gira em torno da produção a partir do desígnios das classes dominantes (ARANTES, VAINER, MARICATO, 2002). Sobre a cidade empresa, Vainer (2002), coloca:

Lógica implacável: um novo conceito de planejamento impõe novos atores; o *market lead city planning* exige que os protagonistas das ações e decisões sejam os mesmos que protagonizam as peripécias do mercado. A parceria público-privada assegurará que os sinais e interesses do mercado estarão adequadamente presentes, representados, no processo de planejamento e de decisão (ARANTES, VAINER e MARICATO, 2002, p. 87).

A cidade transfigurada como mercadoria de luxo é destinada a visitantes e usuários que são financeiramente interessantes para o consumo (solventes) e para compor a aparência paisagística. A cidade de acordo com o planejamento estratégico, como retrata o autor, é “destinada a um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, visitantes e usuários solváveis” (ARANTES, VAINER e MARICATO, 2002, p. 83). A exemplo do planejamento estratégico do Rio de Janeiro, do qual houve participação de consultores catalães, se soma aos critérios utilizados como propaganda (como a ideia de cidade segura e a oferta de uma diversidade de produtos atrativos) a ideia de cidade justa e democrática - mesmo que não seja segura e democrática para a maioria da população residente. De acordo com o planejamento estratégico do Rio de Janeiro, da segunda metade dos anos 90, a pobreza é definida de forma estratégica como um problema de paisagem, onde é apontado no diagnóstico a preocupação com a “forte visibilidade da população de rua” (Plano Estratégico do Rio de Janeiro, p. 50 apud ARANTES, VAINER e MARICATO, 2002, p. 82). Sobre a formulação da pobreza no tratamento dado pela cidade condicionada a mercadoria, Vainer (2002) aponta:

Os pobres são entorno ou ambiente pela simples razão de que não se constituem, nem os autóctones, nem os virtuais imigrantes, em demanda solvável. Em todos os níveis, tanto do ponto de vista concreto (infra-estruturas, subsídios, favores fiscais, apoios institucionais e financeiros de todos os tipos) quanto do ponto de vista da imagem, não resta dúvida: a mercadoria-cidade tem um público consumidor muito específico e qualificado (ARANTES, VAINER e MARICATO, 2002, p. 82).

Até esse momento, buscou-se permear pontos condicionantes que formam o espaço urbano onde se pode perceber que este, de maneira legal, é formado a partir de planejamentos urbanos questionáveis incorporadas à ideologias discriminatórias e intensificadoras das desigualdades que impossibilitam a vida de diversas formas. Decisões institucionalizadas, levadas por prefeituras e gestores públicos, o quais deveriam agir de maneira oposta, através do cumprimento de mecanismos que visam possibilitar a equiparação de direitos, o combate às desigualdades e a garantia de democratização de

decisões sobre as políticas a serem desenhadas - em favor da dignidade do morar/viver na cidade. Esse desencontro de ideias e representatividades acontece de maneira sistematizada, incorporado às políticas administradas aplicadas através do Estado, de maneira a dar manutenção às hegemonias em curso. Ermínia Maricato (2002) coloca que:

O urbanismo brasileiro (entendido aqui como planejamento e regulação urbanística) não tem comprometimento com a realidade concreta, mas com uma ordem que diz respeito a uma parte da cidade, apenas. Podemos dizer que se trata de idéias fora do lugar porque, pretensamente, a ordem se refere a todos os indivíduos, de acordo com os princípios do modernismo ou da racionalidade burguesa. Mas também podemos dizer que as idéias estão no lugar por isso mesmo: porque elas se aplicam a uma parcela da sociedade reafirmando e reproduzindo desigualdades e privilégios. Para a cidade ilegal não há planos, nem ordem. Aliás ela não é conhecida em suas dimensões e características. Trata-se de um lugar fora das idéias (ARANTES, VAINER e MARICATO, 2002, p. 122).

Posto isso, o trabalho pretende caminhar agora através de narrativas que buscam entender a cidade formada através de outros vieses, que é ilegal e/ou que acham aberturas para acontecerem e construírem o espaço urbano de formas que fogem a previsão da legalidade, a partir de outras premissas, de maneira sensível e potente, que tem seu movimento também construído na história. É preciso ter memória sobre o histórico já tratado no capítulo anterior porque se soma às discussões e incorpora o delineamento do tema. As abordagens não pretendem dessa forma romantizar a falta de assistência do Estado, estabelecendo sentido na valorização do ônus. Pelo contrário, o que se espera é perceber a cidade sendo construída de maneira diluída, paralela, gerando e possibilitando experiências mais humanizadas e protagonizadas pelas marginalidades, ainda que incorporada em certos aspectos ao pragmatismo hegemônico.

Nesse sentido, a cidade caminha também pela construção do que não é hegemônico. Esses atores de construção, diversos, muitas vezes passam despercebidos e/ou as narrativas acabam não alcançando as discussões sobre construção de espaços/lugares justamente por não serem visíveis pelo pragmatismo imposto. Através disso, a narrativa de Doreen (2008), por exemplo, nos coloca uma noção de construção de espaço e lugar como sendo aberta, construída ao longo do tempo através de diversas histórias-até-então. Onde o espaço é conjunto das simultaneidades de histórias (das desconexões, dos não-encontros, das relações a serem ou não estabelecidas, das exclusões, conflituosas) enquanto os lugares são as coleções dessas histórias, as repetições. Quando se pensa a partir daí, não existe negação dos movimentos históricos (não-humanos,

político e social) que vêm condicionando esses espaços/lugares, mas eles existem naturalmente no agora à medida que são mudados, imbricados por toda diversidade de acontecimentos (MASSEY, 2008). Doreen (2008) ao retratar um estudo (estudo Comédia de 1995) sobre espaços públicos e às forças de concessão diárias e contínuas que os formam, coloca aspectos importantes de serem pensados, relacionados à democracia incansavelmente reivindicada à construção desses espaços. É interessante porque nesse aspecto ela complexifica a ideia de participação política, de inclusão, associadas ao caráter caótico das diferenças e a prática indissociável da ação de negociar:

Tais espaços “públicos”, desregulamentados, permitem que uma população urbana heterogênea decida, por si mesma, quem, realmente, vai ter o direito de estar ali. Todos os espaços são, de algum modo, regulados socialmente, se não por regras explícitas (são proibidos jogos de bola, vagabundagem), então pelas regulações, potencialmente mais competitivas (mais semelhantes ao mercado?), que existem na ausência de controles explícitos (coletivos? públicos? democráticos? autocráticos?). O espaço aberto, nesse sentido específico, é um conceito dúbio. Da mesma forma que contestamos às novas privatizações e às novas exclusões, deveríamos nos voltar para a questão das relações sociais que poderiam construir uma nova e melhor noção de espaço público. E isto deveria incluir, algumas vezes, enfrentar as necessidades de exclusão negociada.

(...) Como prova do que digo e, precisamente, por causa dos componentes de caos, abertura e incerteza que ambos incorporam, espaço e aqui, especificamente lugar, são potencialmente cadinhos criativos para a esfera democrática. O desafio é ter a confiança para tratá-los desta forma. Pois instituir espaços públicos democráticos (e certamente, de forma mais geral, os espaços de lugares) exige operar com um conceito de espacialidade que mantenha sob exame minucioso, sempre, o jogo das relações sociais que os constroem (MASSEY, 2008, p. 217 e 218).

Rogério Proença Leite (2007) no livro “Contra-usos da Cidade” apresenta uma discussão mais voltada à crítica de políticas oficiais do patrimônio que agem através de processos de revitalização de espaços urbanos, que conseqüentemente passam por gentrificação. Através da analogia entre conceitos levantados por Michel de Certeau (2000) - estratégia e tática - e Sharon Zukin (1994) - paisagens de poder e vernacular - que se referem a espaços de poder e dissoluções (formas de usos fora do lugar), o autor imprime a ideia de contra-usos no espaço urbano como forma de apropriação do espaço a partir da profanação da ordem estabelecida por planejamentos:



Adequando essa distinção entre “estratégias e táticas” à problemática dos usos políticos do espaço urbano em processos de *gentrification*, gostaria de sugerir um desdobramento do esquema de Certeau, a partir da contribuição de Sharon Zukin: diria que as “táticas”, quando associadas à dimensão espacial do lugar, que as torna vernaculares, se constituem em um *contra-uso* capaz não apenas de subverter os usos esperados de um espaço regulado como de possibilitar que o espaço que resulta das “estratégias” se cinda, para dar origem a diferentes lugares, a partir da demarcação socioespacial da diferença e das ressignificações que esses contra-usos realizam (LEITE, 2007, p. 215).

A análise de Rogério (2007) se dá a partir da observação do Bairro do Recife, em áreas revitalizadas e nos entornos dessas áreas não revitalizados até então. O autor a partir do contexto socioespacial existente e de seu histórico construtivo, permeia inúmeras questões que condicionam os espaços enobrecidos (e o público esperado) e os espaços condicionados ao esquecimento, de acordo com as tratativas dadas pelo poder público (consequentemente o público inesperado/indesejado). Uma das reflexões é sobre os usos e as tratativas dadas a dois lados de uma mesma rua, a rua do Bom Jesus, que concentra um conjunto de comércios que vão dar o caráter legal dos usos diurnos e noturnos. A diferenciação se dá entre as soluções projetuais empregadas em uma das calçadas em contrapartida a certo abandono da outra, onde a intencionalidade é consequentemente a distinção de sociabilidades e apropriações. Através dos termos de Proença Leite (2007), a “calçada-luz” seria destinada aos turistas e consumidores atrativos enquanto a “calçada-sombra” estaria disponível para as diversas possibilidades de usos e existências dos excluídos da “calçada-luz”. Onde, embora houvesse sem grande frequência tentativas de dispersão de ambos os públicos entres esses espaços, eram momentos de pouca durabilidade (PROENÇA LEITE, 2007, p. 229).

O autor destaca também o caráter segregatório das áreas mais internas do bairro, tanto em relação a estrutura desses espaços quanto em relação a retirada de moradores das áreas revitalizadas e a falta de absorção desses nos espaços que surgiram a partir da reforma - de trabalho legal ou informal, de lazer ou simplesmente de passagem. Sobre esse caráter, a coerção investida aos excluídos se dá tanto por mecanismos do Estado, onde a segurança pública por exemplo vai determinar quem pode ou não frequentar o espaço tido como público e aberto - onde essa percepção está atrelada ao que se espera do espaço, nesse objeto de estudo especificamente, se incorpora e agrega ao conjunto patrimonial, ao lugar da ideia de tradição que se quer mostrar- como também através da objeção indireta, que não é física, transmitida através de olhares, da não credibilidade, do não

reconhecimento (PROENÇA LEITE, 2007). Sobre isso, um dos trechos do trabalho, dentre vários, que exemplifica bem a relação imposta:

Seus moradores, muito deles antigos moradores, tornavam perceptível a forma profundamente assimétrica com que “participavam” das festividades do principal Pólo de Animação Cultural da Rua Bom Jesus: as catadoras de lata (latinhas descartáveis de cerveja e refrigerantes) percorriam, apressadas, as ruas, sabendo que sua presença era não apenas indesejada como arriscada.

(...) Queixaram-se de não as deixarem colocar barraquinhas para vender água ou refrigerantes e reclamaram que mal podiam apanhar as latas que enchiam a sacola com a mão. “[...] a vida nossa aqui da favela é apanhar latinha e assim mesmo ninguém deixa chegar perto, que o empresário nem os polícias deixa. É um pão que a gente vai arrumar, para comprar um pão no outro dia” (PROENÇA LEITE, 2007, p. 231).

Os horários são influenciadores na dinâmica tanto dos usos, quanto dos contra-usos, onde o autor aponta diferenças simbólicas e uma trégua entre esses momentos, estabelecido entre o encerramento das ocupações diurnas e início das atividades noturnas. As diferenças apontadas não estão relacionadas à transição de lugares socioespacialmente ocupados, mas sim dentro das próprias sociabilidades de cada grupo e do aprofundamento de algumas das características geradas a partir dessa relação. O autor se refere a ocupação de algumas ruas internas dos bairros por garotas de programas, cis/travestis/trans, por um maior distanciamento dos moradores de ruas para marquizes mais distantes do perímetro de ocupação noturna da região enobrecida, por exemplo, como alguns dos aspectos observados com a mudança de horário. No campo do enfrentamento e negociação entre as sociabilidades no espaço, Proença Leite (2007) discorre sobre o tom estabelecido do contra-uso, onde com ele se expõe realidades sistemáticas, a sociabilidade se dá conflitiva, as existências fogem ao controle e à intenção/projeto (ferramenta de exclusão) demarcada a partir da ideia de unicidade pautada na realidade de alguns é dissolvida. Quanto aos espaços nos entremeios das regiões revitalizadas, dos espaços enobrecidos, que possibilitam bolsões de existências e trocas não admitidas no contorno das regiões enobrecidas, o autor conceitua como contra-espacos e apresenta como exemplo o Pólo Moeda, uma ocupação espontânea em uma área até então não revitalizada do Bairro do Recife:

Os meninos que eram impedidos de permanecer no Bom Jesus começavam a ressurgir, surpreendendo o crédulo transeunte que pensava não existir

menores em situação de rua no cenário enobrecido. Um dos “pontos de fuga” do Bairro do Recife era exatamente outro polo que se desenvolveu à revelia do Plano de Revitalização. O chamado Pólo Moeda é um caso de ocupação espontânea, numa área do bairro que ainda não tinha sido “revitalizada”. Seu surgimento radicaliza o que estou chamando de contra-uso, exatamente porque pode ser compreendido como uma resposta às fronteiras enobrecidas que demarcavam socioespacialmente o Pólo Bom Jesus. O Pólo Moeda seria, assim, um contra-espço: nele, subvertiam-se quase todas as sociabilidades que não podiam ocorrer em outras áreas do bairro (PROENÇA LEITE, 2007, p. 261).

Com o intuito de pensarmos essa perspectiva de construção dos contra-usos na amplificação dos direitos e sentidos de apropriação do espaço, não só na construção de lugares, mas na construção de uma realidade maior, com importâncias corrosivas e também incorporadoras, numa relação dialética, das estruturas legais/hegemônicas, faz-se um paralelo e entra-se de forma breve numa discussão retratada por Peter Pál Pelbart (2011) em “Vida Capital”. O intuito não é de romantizar a falta de representatividade e o orquestramento expropriações sistematizado pelas políticas hegemônicas, mas como forma de estar atento às características desses movimentos contrários à ordem e à vitalidade intrínseca à eles. Para compreender a analogia precisamos deixar evidente um dos atores já falados através das contravenções que entendemos por contra-usos, relacionemos esses corpos atores com o conceito de multidão discutido por Peter Pál Pelbart (2011), a partir de discussões iniciadas por outros pensadores como Foucault, Deleuze, Guattari, Hardt, Agamben, Negri, entre outros. De acordo com Pelbart (2011) a multidão seria o conjunto de corpos em práticas subjetivas, em resposta ao sistema hegemônico, ao Império Capitalista Globalizado que a age através de conexões<sup>21</sup> - que tem o racismo imbricado em suas mais

---

<sup>21</sup> Capitalismo Conexionalista é retratado por Pelbart (2011) através das discussões de Luc Boltanski e Ève Chiapello como uma evolução do capitalismo, onde o sistema incorpora e se refaz a partir de várias críticas e reivindicações libertárias, autonomistas, hedonistas, existenciais, imaginativas” feitas a partir da crise econômica e de credibilidade pela qual o sistema passou no final da década de 60. Atuante a partir daí através de rizomas, os autores também retratam esse novo modo como capitalismo em rede “A partir daí cada qual deveria descobrir seu potencial específico no interior de uma estrutura mais maleável, com conexões mais abertas, mais ágeis, mais desvoltas” estabelecendo dinâmicas como “a capacidade de conectar-se, com pessoas de seu meio de trabalho, com pessoas de outros meios, com pessoas de outros universos, ampliando suas informações, seu horizonte, sua capacidade de navegação no magma de oportunidades, sua possibilidade de inventar projetos interessantes” onde objetivo continua o mesmo, visando o lucro e manutenção do próprio sistema, mas que o modo operante acontece de maneira rizomática (PELBART, 2011, p. 96 e p. 97).

diferentes esferas (PELBART, 2011). Os corpos dissonantes estabelecem uma relação de construção e hackeamento da ordem, onde a vida marginal é expropriada não mais só de forma mecânica através do trabalho, mas em sua totalidade:

(...) Afinal, o que nos é vendido o tempo todo, senão isto: maneiras de ver e de sentir, de pensar e de perceber, de morar e de vestir? O fato é que consumimos, mais do que bens, *formas de vida* - e mesmo quando nos referimos apenas aos estratos mais carentes da população, ainda assim essa tendência é crescente. Através dos fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos constantemente, absorvemos maneiras de viver, sentidos de vida, consumimos toneladas de subjetividade (PELBART, 2011, p. 20).

A multidão se estabelece como um corpo desenfome, através das infinitas subjetividades, expandido o sentido de democratização na construção da vida. Se estabelece de forma diferente ao que se entende por povo e massa, onde: povo “é concebido como um corpo público animado por uma vontade única”, enquanto o povo tende a unicidade e a multidão varia dela; massa é a ideia oposta de multidão, “Homogênea, compacta, contínua, unidirecional, a massa é todo o contrário da multidão, heterogênea, dispersa, complexa, multidirecional” (PELBART, 2011, p. 26). A multidão está longe de ser um corpo passivo, sem protagonismo e afastado das ações políticas, pelo contrário, se o sistema hegemônico capitalista atua através de redes e na tentativa de controle, absorve e age a partir das concessões para que estabeleça-se os frutos de uma pseudo democracia. É nesse movimento que o poder da multidão é incorporado à lógica que expropria as dinâmicas do comum e das subjetividades (é um movimento interno de profanação da ordem). Quando os Estados, cooptados pelas forças hegemônicas, deliberam ações que não são inclusivas na totalidade, mas minimamente representativas e falha, à ele se contrapõe não só as contestações a partir das dissolução internas, mas também novas reações contra hegemônicas, nesse momento fora de legalidade e do incorporado - o novo, na ordem de representação das forças e ideias, é construído a partir desse movimento:

(...) Mais e mais o trabalho contemporâneo aparece como atividade produtiva da multidão (e não do capital), de sua inteligência coletiva, de seu conhecimento comum, de sua paixão, afetividade, inventividade, em suma, de sua vitalidade. Nem por isso deixa ele de ser explorado e expropriado pelo capital, antes pelo contrário, o capital encontra aí, nessa força-invenção disseminada por toda parte, uma reserva inesgotável. Resta o fato incontestável que a potência de vida da multidão, no seu misto de

inteligência coletiva, afetação recíproca, produção de laço, capacidade de invenção, que é cada vez mais a fonte primordial de riqueza do próprio capitalismo, deborda a axiomática capitalística. Pois é também o lugar onde se gestam novas modalidades de insubmissão, de rede, de contágio, de inteligência coletiva, a exemplo dos engenheiros de informática que desenvolvem programas socializados gratuitamente, burlando as regras do *copyright*, ou de cientistas se rebelando contra o patenteamento de invenções por parte das multinacionais. Portanto, mesmo que o poder abrace a vida como um todo, intensiva e extensivamente, no avesso dessa integralização exaustiva aparece a potência biopolítica da multidão em sua desmesura (PELBART, 2011, p. 84).

À multidão, na reivindicação autônoma de suas subjetividades infinitas, vontades, necessidades, desejos, concebem uma pluralidade de apropriações fora do domínio que não os alcança enquanto assistidos e nem os detém. O interessante de pensar nessa dinâmica a partir do que não é o dominante, é que a gente volta a pensar a partir do óbvio, do que é visto comumente, a valorizar e se atentar à importância das formas de vida como detentoras de poder em sua coletividade. Poder que no caso em questão de estudo geram espaços/lugares inconcebíveis pela legalidade, não alcançados em seus sentidos e formas de afetação, negociação, ocupação. Com base nessas percepções cabe pensar na representatividade e produção da legalidade de maneira que essa não seja limitadora das existências, sem delegar o ilegal ao lugar do impreterido, pelo contrário, onde se alcançam esferas democráticas não atendidas. Ao longo do trabalho percebemos esse legado sendo construído no Brasil pelos movimentos sociais, pelos corpos fora da ordem, pelas mulheres negras na propagação e organização de sua fé, pela Renascença Yórubà (Matory, 1998), por exemplo. Pedro Pál Pelbart (2011) lança mão de questionamentos que podemos direcioná-los sob a perspectiva de construção dos espaços urbanos:

Num capitalismo conexionalista, que funciona na base de projetos em rede, como se viabilizam outras redes de vida que não às comandadas pelo capital, redes autônomas, que eventualmente cruzam, se deslocam, infletem ou rivalizam com as redes dominantes? Que possibilidade restam, na conjunção de plugagem global e exclusão maciça, de produzir territórios existenciais alternativos àqueles ofertados ou mediados pelo capital? De que recursos dispõe uma pessoa ou um coletivo para afirmar um modo próprio de ocupar o espaço doméstico, de cadenciar o tempo comunitário, de mobilizar a memória coletiva, de produzir bens e conhecimentos e fazê-los circular, de transitar pelas esferas consideradas invisíveis, de reinventar a corporeidade, de gerir a vizinhança e a solidariedade, de cuidar

da infância ou da velhice, de lidar com o prazer ou a dor? (PELBART, 2011, p. 139)

A força que emana da multidão, é compreendida através de Peter Pelbart (2011) como biopotência. O conceito parte da ideia de biopoder e biopolítica, enquanto biopoder se refere a um “regime geral de dominação” da vida (PELBART, 2011, p. 86), a biopolítica pode ser entendida através de duas linhas de pensamento. Através de Foucault, quem apresentou o termo em 1974 e que se refere ao poder como ferramenta de domínio sobre a vida, mais tarde outros filósofos, a exemplo de Deleuze, promovem uma inversão no sentido do termo, o qual passa a designar o oposto. Assim, relacionando-o ao poder exercido pela vida dominada: “Daí a inversão, em parte inspirada em Deleuze, do sentido do termo forjado por Foucault: biopolítica não mais como poder *sobre* a vida, mas como potência *da* vida (PELBART, 2011, p. 25). Participa da biopolítica, no termo avesso, da biopotência da multidão, de acordo com Pelbart (2011):

Todos e qualquer um, e não apenas os trabalhadores inseridos numa relação assalariada, detêm a força-invenção, cada cérebro-corpo é fonte de valor, cada parte da rede pode tornar-se vetor de valorização e de autovalorização. Assim, o que vem à tona com cada vez maior clareza é a biopotência do coletivo, a riqueza biopolítica da multidão (PELBART, 2011, p. 139).

A partir desse aporte, nos inclinamos ao sentido de Festa, direcionando-nos por algumas narrativas que nos colocam caminhos para pensar esse movimento. Pretende-se assim não só nos aproximar de pensamentos sobre esse lugar de reordenação do espaço formal, sobre o estabelecimento de outros sentidos de ocupação, nesse aspecto assumindo o caráter de contra-uso e contra-hegemônico em si (onde se estabelecem variações e exceções de festa para festa). Como também, para além disso, complexificar a emergência das subjetividades, que em suas variações estabelecem sentidos contra-hegemônico e de contra-uso em relação inclusive à Festa - estabelecendo lugares próprios, compartilhando em dados momentos contextos e características.

De acordo com Sudré (2010) em “A Festa e a Cidade: Experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano”, a partir de relatos, imagens e pensamentos de outros autores, a Festa é um movimento necessário aos indivíduos, uma forma de experimentação do espaço urbano, lugar atravessado por trocas abarcadas por uma esfera cultural da vida em sociedade, um movimento onde objetiva-se o sentido contrário a destinação comum ou ainda diluído pelos instantes não-produtivos. O autor cita alguns festejos que acontecem no Brasil, desde o carnaval emblemático de algumas cidades, a parada LGBTQIA+, Festa do

Peão de Boiadeiro em Barretos, Festival Folclórico de Parintins, a festas mais religiosas como a Marcha para Jesus e a celebração da Semana Santa em Nova Jerusalém - festas com motivações diversas (SUDRÉ, 2010).

Sobre motivações diversas, é interessante citar o que Sennett (2003) retrata em “Carne e Pedra”, por exemplo, em relação ao surgimento dos festivais durante os primeiros anos da Revolução Francesa, que segundo o autor é um importante marco desses eventos na civilização ocidental, originando algumas nuances. Sennet (2003) retrata que as ruas de Paris se enchiam nesse período com manifestações populares, o autor traz o exemplo das “mascaradas” (SENNETT, 2003, p. 250) onde pessoas fantasiadas de máscaras e vestindo-se de aristocratas e padres, montados em jumentos satirizavam seus antigos senhores, à medida que as manifestações começaram a ameaçar os próprios líderes revolucionários. Os festivais foram criados com o intuito de dispersar esses movimentos, a fim de neutralizar o comportamento dos cidadãos, concebendo coreografias, roupas e gestos que fossem afins à multidão, de forma intencionalmente abstrata (SENNETT, 2003).

Sennet (2003) traz que foi “no segundo ano da Revolução que os organizadores desses verdadeiros carnavais revolucionários deram início à ocupação sistemática dos locais abertos” (SENNETT, 2003, p. 251). Aspectos interessantes a serem pontuados se relacionam à dinâmica que essas comemorações assumem, tendo horários e programações, especificando trajetos a serem percorridos, pontos e momentos previstos para as marchas, para os momentos de dança, onde havia ampla sistematização e expectativas dos momentos previstos e das ocupações pretendidas. Ao relatar os festivais de Châteaueux e de Simonneux que aconteceram em 1792, respectivamente produzidos por Jacques-Louis David e Quatremère de Quincy, o autor deixa em evidência a intenção repressora das liberdades de ação, de disciplinar o povo, de demonstrar controle e poder do Estado, embora nenhum dos festivais tenham acontecido como planejado, fugindo aos cerceamentos. Sobre a dissonância no emprego da ideia de liberdade por esses Festivais e o que está intrínseco ao caráter dessa ideia, Sennett (2003) pontua:

Os festivais deram uma lição clara e perturbadora sobre a liberdade que procurava vencer resistências, abolir obstáculos e recomeçar da estaca zero: concebida como um espaço puro e transparente, ela entorpece o corpo, atuando como um narcótico. Independência e autonomia só despertam quando há alguma impureza, dificuldade e obstrução, como partes da sua própria experiência (SENNETT, 2003, p. 254).

O que a narrativa de Sennett (2003) nos faz perceber é a existência da Festa antes da festa (festivais), atribuindo características sobre isso podemos citar aspectos anteriores

que entendemos não serem interrompidos com a criação dos festivais, como a autonomia do corpo em manifestações independentes, o caráter político e perturbador da ordem intrínsecos à esses movimentos, da ocupação e performance espontâneas (mesmo que motivadas) nos espaços de encontros (SENNETT, 2003, p. 250). Embora o cenário da abordagem seja urbano, cabe trazer como exemplo os corpos em Festa em sociedades não urbanas para expandir um pouco mais o sentido e significados de Festa. O trabalho de Perrone-Moisés (2015), “Festa e Guerra”, trabalha sobre esses eventos e as motivações de como se dá esse movimento para os povos Timbira, povos originários no Brasil, perpassando por culturas de outros povos indígenas. Para início, Perrone-Moisés nos coloca em proximidade com o significado do pátio, local importante no cotidiano da tribo Timbira, estabelecido de forma centralizada, passível de diversos usos:

O pátio de uma aldeia timbira é justamente o lugar onde temos visto sua política, já que é onde diariamente se reúnem os homens. No pátio se conversa, é verdade, mas outras conversas noutros locais não são menos importantes. É também o local onde são feitas partilhas de comida entre gente de casas diferentes, e onde são recebidos os estrangeiros; é preciso atravessá-lo para ir ter com gente do ‘outro lado’; é marca geométrica da conexão. Mas o pátio é, principalmente, o palco das festas (PERRONE-MOISÉS, 2015, p. 5 e 6).

Ao relatar certos aspectos das festas entre alguns povos indígenas, a autora nos coloca sob uma relação que encontra complexidade no olhar das sociedades modernas ocidentais e embora soe um pouco dissonante se comparadas, a pretensão não é de opor os sentidos de festa entre sociedades, mas de reconhecer a amplitude do sentido e variabilidades. A Festa em grupos presentes no trabalho de Perrone-Moisés (2015) evidencia certa abertura de sentidos, que caminha para a extroversão e abundâncias, onde a imprevisibilidade não só não é questionada, como faz parte dos momentos presentes ao longo das cerimônias. Por exemplo “As cauinagens dos Tupinambá horrorizavam os jesuítas pela gritaria, a confusão de corpos, o descontrole geral” (PERRONE-MOISÉS, 2015, p. 27), entre os Wari e Wayana para que haja festa há necessidade de convidados externos, de outros grupos/povos/místicos/mortos, atravessa a discussão a ideia de socialidade ampliada. A relação que se estabelece entre anfitriões e convidados podem ser lidas como inesperadas, os convidados são uma espécie de inimigos que comungam do mesmo espaço de Festa, onde a dinâmica estabelecida pode desencadear em entendimentos ou grandes brigas, como retrata Perrone-Moisés (2015):



(...) Essa (para nós) curiosa mistura de atenção e ironia por parte de anfitriões diante de apresentações de seus opostos-parceiros ocorre também com certa frequência; seria, evidentemente, mais uma das muitas operações de oposição e composição realizadas nas festas. Muito do excesso que caracteriza as festas dos índios liga-se diretamente ao fato fundante de convidados e anfitriões serem contrários: na Amazônia, é comum a bebida ser servida aos convidados em tom de desafio e provocação (PERRONE-MOISÉS, 2015, p. 5 e 6).

Poderíamos aprofundar mais um pouco sobre a perspectiva de Perrone-Moisés (2015), entretanto, para não correr o risco de abrir em pontos que não conseguiremos alcançar a discussão levantada pela a autora, nos ateremos ao dito como forma de exemplificar sentidos de Festa. A Festa religiosa, onde investigou-se os lugares subjetivos nesse trabalho, acontece em meio a uma relação dialética onde entendemos que ao mesmo tempo que ela profana, em relação ao espaço em que acontece, existem profanações da ordem que incorpora sentidos para além do religioso em si, é nesse sentido também, das extrapolações do comum e de dentro da exceção que encaminha-se o contorno das observações - que se correlaciona com as narrativas tratadas até então.

Ao caminhar através da ideia de profanação, encontramos em “Profanações” de Giorgio Agamben (2007) definição que se incorpora ao já dito anteriormente e nos dá campo de visão para o que será exposto através da pesquisa de campo:

O termo *religio*, segundo uma etimologia ao mesmo tempo insípida e inexata, não deriva de *religare* (o que liga e une o humano e o divino), mas de *relegere*, que indica a atitude de escrúpulo e de atenção que deve caracterizar as relações com os deuses, a inquieta hesitação (o “reler”) perante as formas - e as fórmulas - que se devem observar a fim de respeitar a separação entre o sagrado e o profano. *Religio* não é o que une homens e deuses, mas aquilo que cuida para que se mantenham distintos. Por isso, à religião não se opõem a incredulidade e a indiferença com relação ao divino, mas a “negligência”, uma atitude livre e “distraída” - ou seja, desvinculada da *religio* das normas - diante das coisas e dos seu uso, diante das formas da separação e do seu significado. Profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular.

A passagem do sagrado ao profano pode acontecer também por meio de um uso (ou melhor, de um reuso) totalmente incongruente do sagrado. (AGAMBEN, 2007, p. 66).

Agamben (2007) coloca ainda que a profanação tende a reorganizar o poder, devolvendo o restrito ao uso comum, o que toca diretamente a temática em questão. Quando os barracões são arrumados para Festa, num espaço de acesso comum, público e o “candomblé acontece na rua”, como retrata uma das entrevistadas durante a pesquisa, a multidão produz lugares que conversam entre eles nas proximidades mesmo que em sentidos que tendemos a ver como opostos, os quais na verdade diluem a ideia de lugares fixos ou de separação - embora essa moral esteja incutida nas relações de apropriação. Sobre a relação entre profano e sagrado, infelizmente o trabalho não conseguirá alcançar, dado a importância de relacionar o que seria essa relação para várias das nações africanas presentes no espaço da Festa de Yemanjá, entretanto conseguimos visualizar através dos estudos de Verger (1981) que o sagrado e os significados religiosos assumem lugares diferentes entre o cristianismo e entre os cultos estabelecidos pelos diversos ethos africanos - inclusive muitas vezes entre eles mesmos (VERGER, 1981). Entendemos que Agamben passa por esse lugar ao retratar como o sacro e profano acontecem no cristianismo, na tentativa de separação dessas esferas, enquanto que em algumas religiões consideradas pagãs (a partir do estigma cristão), essa relação se faz tênue, no que é constituído como divindade e o humano (AGAMBEN, 2007).

Entende-se que a atmosfera religiosa, o espaço da fé e da crença alcançado pela Festa de Yemanjá, acontece a partir do lugar do não sagrado se pensarmos no sentido dos poderes hegemônicos que atravessam o espaço e o lugar social. Para visualizar melhor, precisa-se remontar às discussões feitas no primeiro capítulo, onde vemos a partir de Porto Filho (1991), de forma brevemente, que o Rio Vermelho tem, desde seu início, fortes influências cristãs em sua ocupação. Essa influência, dá-se tanto na ocupação por igrejas católicas, quanto através das festas religiosas de largo, no lugar de deslegitimação que o Presente é colocado em seu início através de pronunciamento do padre em exercício na igreja de Santana (PORTO FILHO, 1991) e através do sistema estruturalmente racista que incide sobre as manifestações das religiões de matriz africana, no espaço contemporâneo de Salvador.

Sendo assim o trabalho em sua continuação pretende se aproximar da ideia de cidade a partir desses movimentos, que por estabelecerem lógicas de ocupação a partir dos usos legais, mas também os transfigurando, se constituem como contra-usos e que por estabelecerem novos sentidos, ampliação das subjetividades, mecanismos de profanação constroem uma democracia alargada de utilização do espaço. Essa ideia se mostra contraposta à ideologia empregada pelos grupos dominantes da sociedade, desempenhando assim caráter dissolvente e regenerativo das formas de vida, numa política contra hegemônica e coletiva. Os corpos, a partir do contexto da discussão, principalmente a partir de Pealbart (2011), que nos aproxima mais da unicidade do indivíduo, de sua realidade

corpórea e de sua representativa enquanto partícula de poder, são demonstradores de vontades e de afetos diretos. São esferas individuais de vida atravessadas pelas perpetuações históricas, políticas, sociais e culturais. No reconhecimento da biopotência da multidão (dos corpos periféricos na autoproclamação de desenvolvimento de técnicas que os aproximam - e conseqüentemente aproximam todos os corpos - à complexidade da vida, do estar na cidade, do viver coletivo, das aspirações individuais e de grupos, de trocas diversas, de enriquecimento do sentido íntimo de vida) reconhece-se também sentidos, lugares, inventividades e processos simbióticos.

## **TERCEIRA PARTE**

#### **4 PESQUISA DE CAMPO: DIAS COMUNS | VÉSPERAS | FESTA DOS PALHAÇOS**

Tendo em vista o que foi apresentado anteriormente, nos subcapítulos 1.1, 1.2 e 1.3, que nos situa em relação a algumas das características que atravessam a Festa de Yemanjá, no que diz respeito ao espaço em que acontece, o seu histórico de formação e a sua continuidade no cenário contemporâneo, é possível entender e imprimir algumas relações que vão nos fazer compreender outras características que serão trabalhadas no capítulo 3 deste trabalho e que serão formadas também pelas impressões coletadas no trabalho de campo a ser apresentado. Num primeiro momento a pesquisa de campo, registrada através de fotografias e relatórios, tratou de capturar usos e características presentes em dias fora da Festa de Yemanjá, essas visitas aconteceram em nos dias 16 de fevereiro de 2019 e 08 de fevereiro de 2020 - dias que aconteceram a Festa dos Palhaços no Rio Vermelho (evento que acontece anualmente), em 2019 os registros foram feitos em 02 e 04 de agosto, 23 e 24 de setembro e 08 de novembro, em 2020 houveram registros nos dias 30 de janeiro, 04 e 08 de fevereiro, em 2021 nos dias 03 de fevereiro e 17 de março. Os registros relacionados a festa e as alterações que acontecem no bairro a partir dela e com o foco mais direcionado à pesquisa aconteceram em 2020, nos dias 31 de janeiro e 01 e 02 de fevereiro, entretanto antes de maiores delimitações por conta da pandemia COVID19 foram feitas capturas de alguns espaços da festa em 2019, nos dias 01 e 02 de fevereiro e nas comemorações do dia de Yemanjá em 2021, no dias 01 e 02 de fevereiro. Os registros feitos procuraram demonstrar as mudanças dos lugares do bairro em relação aos seus usos cotidianos, entretanto a pesquisa não aconteceu linearmente, alguns lugares surgiram como importantes ao longo da pesquisa, nem todos os lugares foram fotografados em todas as visitas, embora haja impressões escritas sobre os espaços - tendo sido observados.

Percebe-se o Rio Vermelho como um bairro de ocupação um pouco variada, sendo tanto de caráter habitacional, como turístico, onde alguns serviços se sobressaem como restaurantes e casas noturnas - que além do serviço de alimentação, oferecem atrações artísticas - e o setor de hotelaria. Está presente no Rio Vermelho também serviços como supermercados, farmácias, postos de gasolina, a biblioteca pública Juracy Magalhães Júnior, academias, galerias de arte, laboratórios de manipulação, lojas de comércio variados, como calçados, roupas, artigos de praia, lojas de móveis, o shopping Rio Vermelho (que também concentra serviços variados), antiquários, agência de bancos, igrejas, faculdades e colégios, entre outros. Serviços citados estão localizados principalmente nas ruas centrais e próximas a orla, comércio mais voltados para públicos mais populares estão localizados nas regiões menos favorecidas de estruturas no bairro, regiões que têm predominância de residências tipologicamente populares, estão localizadas nas

extremidades do bairro, na divisa do Rio Vermelho com os bairros do Vale das Pedrinhas, a na direção nordeste do bairro e com o bairro de Ondina, na região oeste (Figura 22). O bairro tem poucos trechos arborizados, alguns trechos situados em terrenos privados e áreas de encosta, com espaços públicos - praias, praças, quadra de esportes, taludes levemente íngremes e arborizados com coqueiros - distribuídos ao longo da orla, com algumas praças na região mais interna do bairro nas áreas menos populares.

A pesquisa se concentrou em capturar imagens e analisar os espaços mais próximos da orla, regiões que acabam sendo influenciadas pelo fluxo da Festa de Yemanjá, em 02 de fevereiro - percurso que será demonstrado através de mapa (Figura 23). Durante as visitas tentou-se estabelecer algumas questões para observação e para o registro de materiais, registro dos mesmos lugares durante as visitas a fim de obter material comparativo ao longo da pesquisa para observar mudanças visíveis entre os dias comuns e o dia do festejo em estudo. Para dar sequência às fotografias que haviam sido tiradas durante a Festa de Yemanjá em 2019, quando iniciou-se a organização de material para justificar a pesquisa.

O percurso ocorreu nas áreas do perímetro de estudo, estabelecendo certos entornos no primeiro momento (Rua da Paciência, Rua Guedes Cabral, parte da Rua Odilon Santos), entretanto os registros foram sendo feitos em outros espaços de acordo com o entendimento de lugares que seriam interessantes para compor a pesquisa e demonstrar às mudanças de ocupação. As visitas que tiveram intuito de registrar usos corriqueiros e não formais no bairro em dias comuns, foram feitas em horários e dias variados.

Figura 22 - Mapa Geral do Rio Vermelho: Mancha de áreas e pontos referenciais



Fonte: Próprio autor, 2021



Figura 23 - Percurso de pesquisa



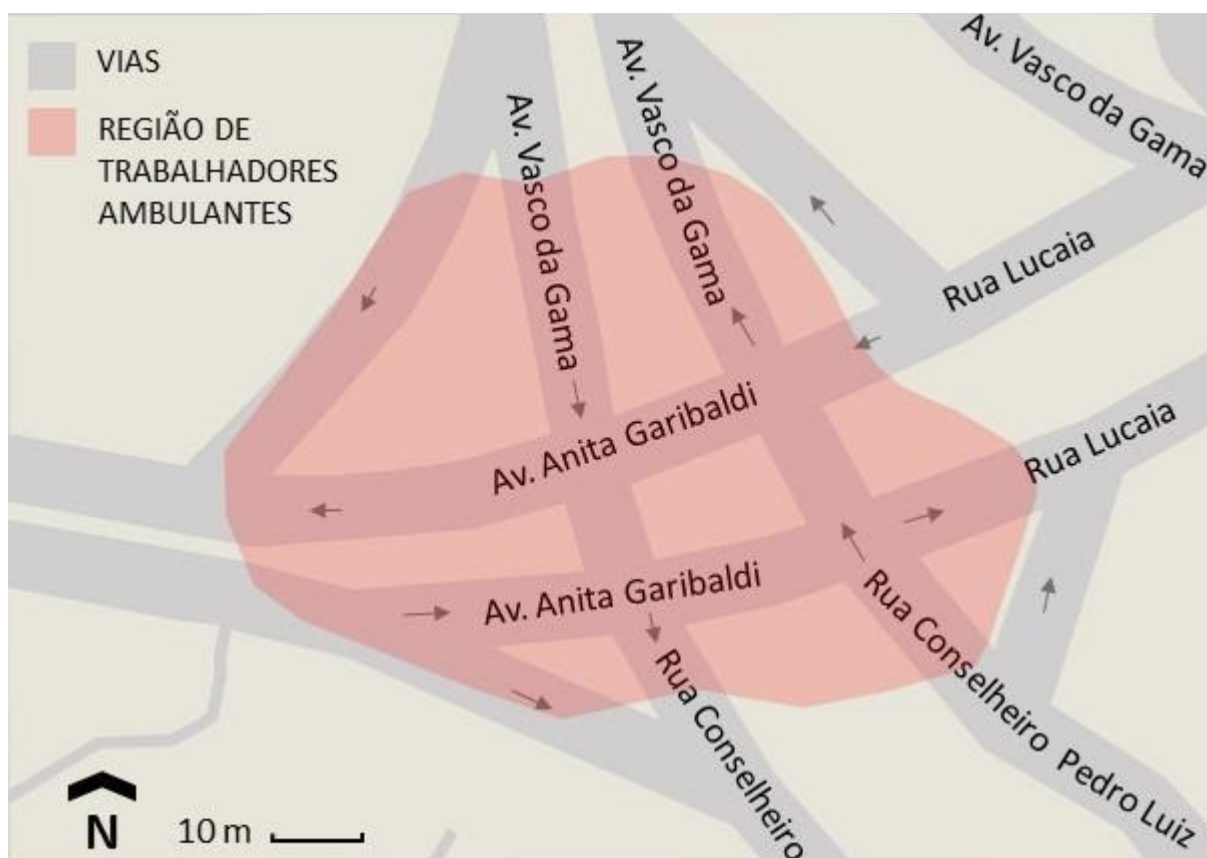
Fonte: Próprio autor, 2021



### Lugares e usos relevantes para entendimento do estudo:

- Cruzamento - Rua Lucaia, Rua Conselheiro Pedro Luiz, Avenida Garibaldi e Avenida Vasco da Gama (Figura 24 e 25): Região está situada no limite dos bairros Engenho Velho da Federação e Rio Vermelho, situada à norte do bairro. É uma área de grande fluxo de carros, calçadas estreitas e pouco arborizada - sensação de aridez e desconforto enquanto pedestre. É um trecho de grande fluxo de carros, é onde começa uma das ruas (Rua Conselheiro Pedro Luiz) que permitem acesso ao interior do bairro e à orla. Foi possível notar nesse ponto uma presença constante de trabalhadores informais, nos semáforos presentes no espaço, vendendo artigos variados - pano de chão e toalhas de prato, frutas, água, suco, taboca (espécie de comida local). Houve tentativa de conversas, mas os ambulantes não se sentiram confortáveis para gravar falas e vídeo, não quiseram se identificar. Uma das vendedoras, na visita de 02 de agosto de 2019, quando perguntada se também trabalhava como ambulante na Festa de Yemanjá, informou que sim e que ao invés de vender água e suco, costuma vender flores, mas que não era do axé, não gostava da festa e que era cristã, frequentadora da Igreja Universal.

Figura 24 - Ponto 1 - Cruzamento: Rua Lucaia, Rua Conselheiro Pedro Luiz, Avenida Garibaldi e Avenida Vasco da Gama



Fonte: Próprio autor, 2019

Figura 25 - Usos no Ponto 1 - Cruzamento: Rua Lucaia, Rua Conselheiro Pedro Luiz, Avenida Garibaldi e Avenida Vasco da Gama



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Rua Conselheiro Pedro Luiz (Figura 23 e 26): Trecho da pesquisa que tem usos diversos, em seu início, mais próximo ao cruzamento com a Rua Lucaia, Avenida Garibaldi e Avenida Vasco da Gama pode ser encontrado edifícios residenciais, alguns comércios, o restaurante Boteco do Caranguejo, a Escola Municipal Senhora Santana. A partir do trecho que é perpendicular às ruas José Taboada Vidal e Canavieiras os usos vão ficando mais diversos, encontrando-se bares, restaurantes, estacionamentos privados, padarias, farmácia, academia, laboratório clínico, posto de gasolina, também fica nessa rua a boate San Sebastian (boate LGBTQI+), uma agência do banco Bradesco e uma loja da rede Americanas. Em relação às ocupações informais, nas proximidades da boate San Sebastian foram identificados ambulantes, ocupação que em alguns momentos se estende até o semáforo que fica no Largo da Mariquita, com vários vendedores de frutas e outros produtos, entretanto pode-se observar maior oferta de frutas. Nesse mesmo trecho foi possível conversar com o sr. Antônio que informou trabalhar em uma das calçadas - nesse ponto existe uma espécie de armário voltado para a rua (em uma das edificações) onde ele guarda materiais - o mesmo trabalha a mais de uma década nesse local, consertando cadeiras de fio e contou participar da Festa de Yemanjá e que mora na Ribeira - bairro localizada na região da Cidade Baixa. As calçadas nesse trecho são desuniformes, com partes deterioradas, estreitas, o canteiro próximo o cruzamento é permeável e tem alguns coqueiros, na continuidade da rua os canteiros são estreitos, cimentados - a função que se presume é de separação das vias de carro - com poucas árvores quando se aproxima do Largo da Mariquita, há ciclofaixas estreitas nas duas vias da rua e é uma rua de fluxo moderado, entretanto se torna intenso em horários de pico. Foi possível conversar com Natália, em uma das visitas feitas, a qual informou vender panos diariamente durante horário comercial e contou participar da Festa de Yemanjá, tanto para se divertir como para trabalhar, como ambulante informal - devido a necessidade de pagamento de licença para trabalhar de forma autorizada, durante a festa ela costuma vender balas e doces, informou não residir no bairro.



Figura 26 - Rua Conselheiro Pedro Luiz



02 de agosto de 2019 | Sexta feira às 10:49



04 de agosto de 2019 | Domingo às 10:50



23 de setembro de 2019 | Segunda feira às 16:36

8 de novembro de 2019 |  
Sexta feira às 15:5208 de fevereiro de 2020 |  
Sexta feira às 18:2303 de fevereiro de 2021 |  
Quarta feira às 15:19

30 de janeiro de 2020 | Quinta feira às 17:53 – 22:09

Fonte: Próprio autor, 2021

• Rua José Taboada Vidal (Figura 23 e 27): Pequena rua que interliga a rua Conselheiro Pedro Luiz à avenida Cardeal da Silva e ao Largo de Santana. Nesse trecho foi possível notar fluxo de carro contínuo nos horários de visita, galeria de Arte, academia, restaurantes, algumas ocupações em prédios históricos seculares. Calçada estreita, remete ao processo de urbanização inicial do bairro, sem arborização. Em relação a usos diferentes da forma do espaço, foi possível observar a permanência na rua, alternando entre às calçadas, de um posto de recarga de celular e de jogos de sorte, onde Jaciara trabalha, não entramos no mérito da fiscalização, mas é um uso que destoa da função da calçada - não imprimindo aqui um julgamento negativo sobre isso - a mesma informou não morar no bairro. Enquanto conversava com Jaciara, ela estava acompanhada de outras duas pessoas, uma delas, o sr. Antônio - um senhor de mais ou menos 70 anos, não mora no bairro e é uma espécie de cliente e conhecido, informou também participar da Festa de Yemanjá, mas que “antigamente a festa era melhor” - estavam todos conversando em clima descontraído.

Figura 27 - José Taboada Vidal



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Rua Canavieiras (Figura 23 e 28): A análise se deu no trecho da rua mais próximo da rua Conselheiro Pedro Luiz, no qual funciona o bar e no lado oposto o uso visível é de um estacionamento que tem entrada pra rua Conselheiro Pedro Luiz, seguindo a rua, acessa-se setor de casas residenciais de padrão alto e mais alguns bares e restaurantes. O



trecho analisado possui calçada estreita, pouca arborização e durante às visitas não foi identificado nenhum uso diferente e informal.

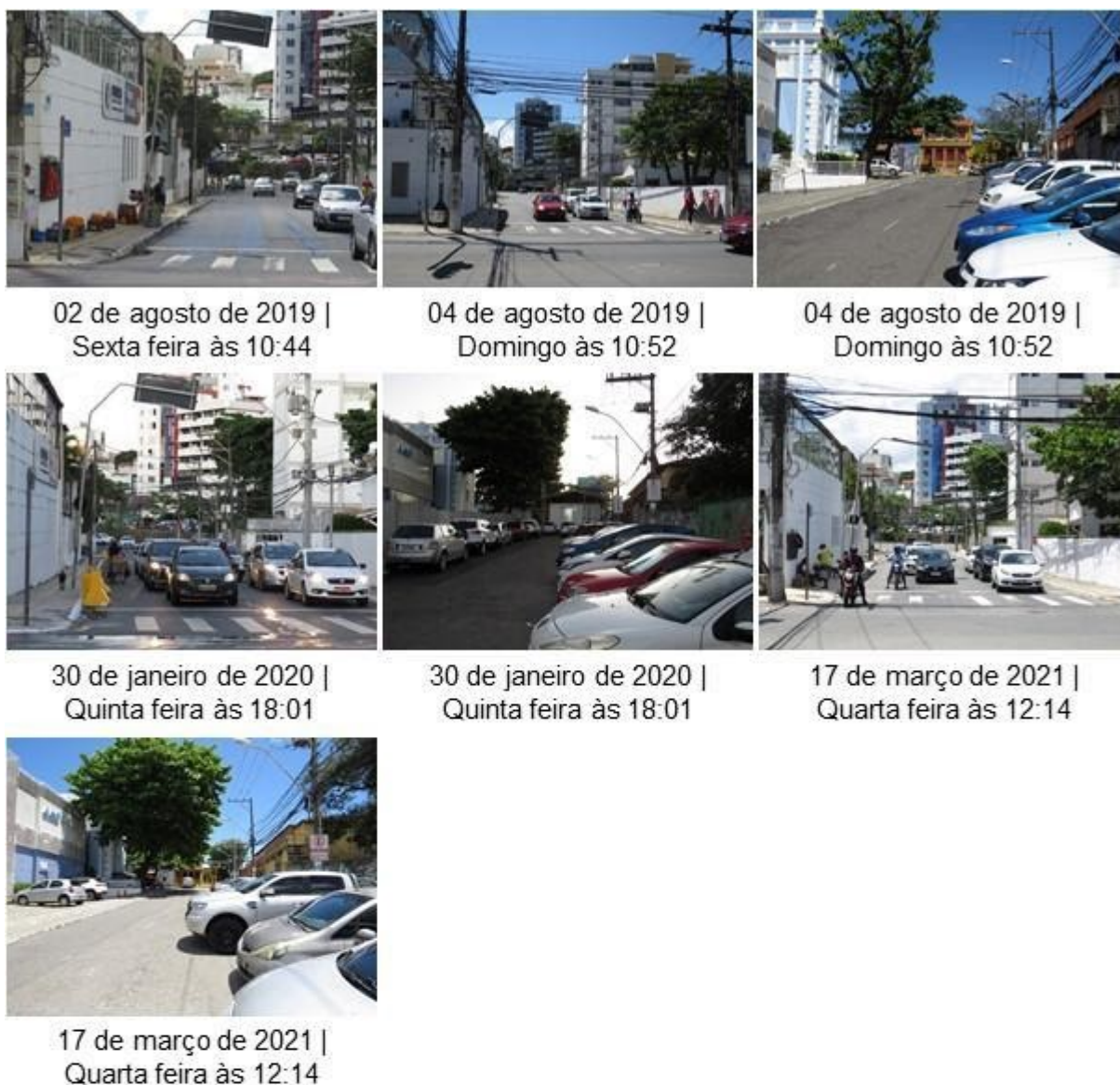
Figura 28 - Rua Canavieiras



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

- Rua Vieira Lopes (Figura 23 e 29): Atravessa a rua Conselheiro Pedro Luiz e encontra com a Rua João Gomes, nos trechos analisados da rua, o primeiro, onde está a Universidade Salvador, Campus Rio Vermelho, existe uma concentração de ambulantes que em sua maioria vendem frutas, no horário comercial, o uso não foi identificado nas visitas que aconteceram nos fins de semana. O segundo trecho, onde fica a Clínica AMO, funciona como estacionamento, estando a rua fechada no seu encontro com a João Gomes.

Figura 29 - Rua Vieira Lopes

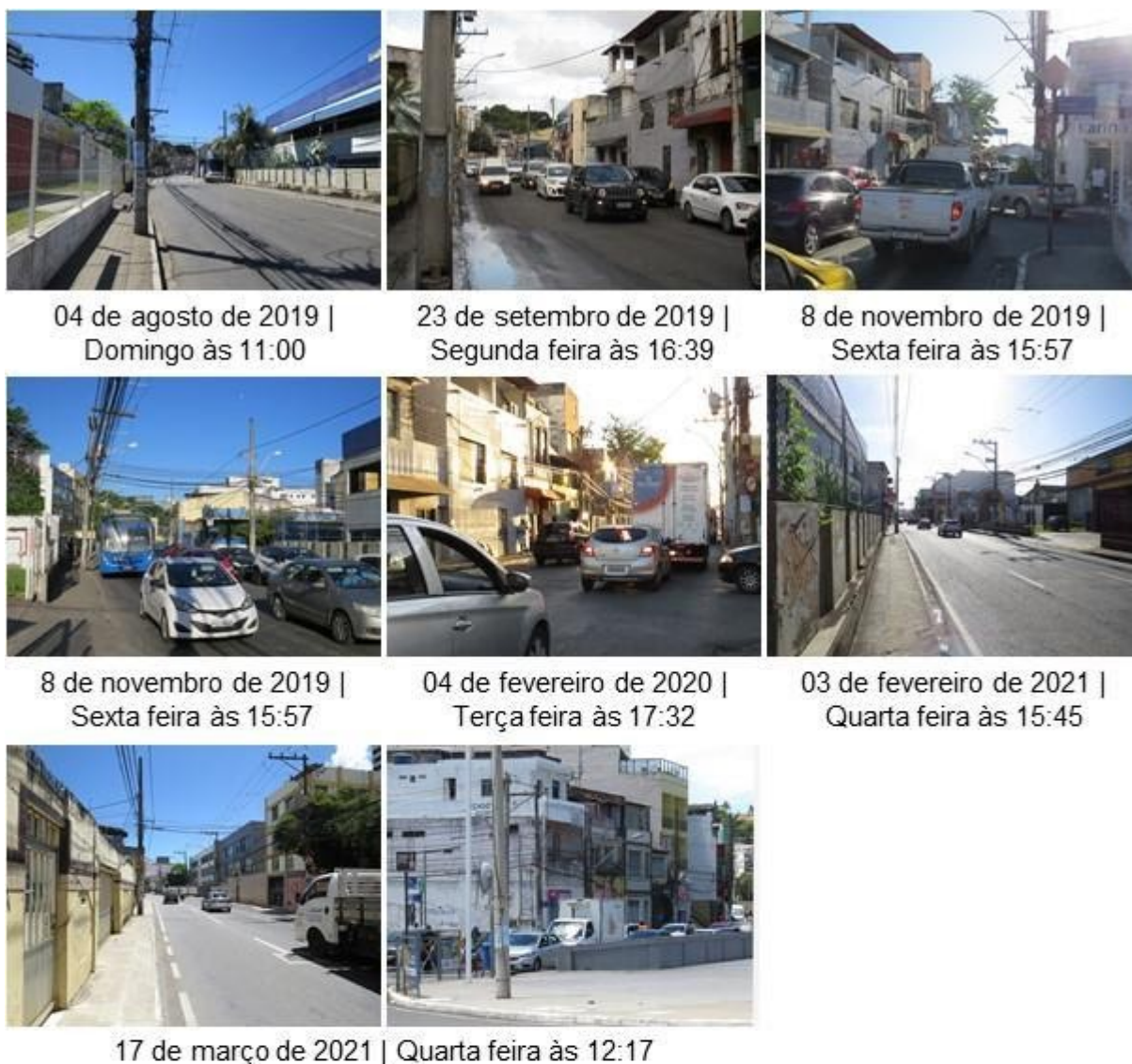


Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Rua Oswaldo Cruz - Praça Brigadeiro Faria Rocha (Figura 23 e 30): A análise desse trecho tem início na Rua Oswaldo Cruz, que compreende o trecho que vai do Largo da Mariquita, até a praça Brigadeiro Faria Rocha, que fica na direção onde sofre alteração significativa de participantes durante o festejo. Esse percurso que tem usos diversos, descreveremos melhor os usos do Largo da Mariquita, início do percurso,. Seguindo a rua, em direção a Praça Brigadeiro Faria Rocha, pode-se perceber calçadas estreitas, desuniformes, também com trechos deteriorados e fluxo de carro intenso ao longo do dia, não há ciclofaixas ou ciclovias. A ocupação dessa rua é variada, encontrando-se, colégios e comércios diversos, supermercado, uma agência do Banco do Brasil, encontra-se também edifícios residenciais, mas esse uso não é preponderante. As edificações são de tipologias variadas, mas os tipos em maioria são de padrão normal e de estética mais contemporânea.



Figura 30 - Rua Oswaldo Cruz - Praça Brigadeiro Faria Rocha



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Praça Brigadeiro Faria Rocha (Figura 23 e 31): É uma praça de tamanho mediano, se comparada às outras do Rio Vermelho, está localizada entre as ruas Oswaldo Cruz e Odilon Santos e atravessada pela rua do meio, a qual tem medidas de tráfego calmo (*traffic calming*) com vias elevadas à altura da calçada e de pavimentação diferenciada, piso intertravado. Pouca arborização e canteiros elevados com assentos previstos além de bancos públicos, é rodeada por restaurantes, tem alguns serviços diversos, estacionamento, quiosque de acarajé e banca de revista, nos horários de visitas não foi possível identificar grande ocupação, mas foi possível ver crianças brincando acompanhadas de adultos, pessoas sentadas no entorno dos canteiros e bancos existentes, ocupação de pessoas em restaurantes, nada fora do previsto pelo desenho do espaço e pelo serviços apresentados. A exceção do dia de Yemanjá, outro momento em que houve ocupação mais diversificada do



usual foi na festa dos palhaços, onde o fluxo de pessoas no espaço aumentou moderadamente. Não houve registro de usos informais durante a pesquisa.

Figura 31 - Praça Brigadeiro Faria Rocha



02 de agosto de 2019 | Sexta-feira às 11:17



04 de agosto de 2019 | Domingo às 11:05



04 de agosto de 2019 | Domingo às 11:05



8 de novembro de 2019 | Sexta-feira às 15:45



30 de janeiro de 2020 | Quinta-feira às 18:19



30 de janeiro de 2020 | Quinta-feira às 18:19



04 de fevereiro de 2020 | Terça-feira às 17:29



08 de fevereiro de 2020 | Sábado às 20:57



03 de fevereiro de 2021 | Quarta-feira às 15:40



17 de março de 2021 | Quarta-feira às 12:23



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Rua do meio (Figura 23 e 32): Tem início no Largo da Mariquita através da via que encontra a rua Odilon Santos, passa pela praça Brigadeiro Faria Rocha e encontra a rua Odilon Santos. É uma rua estreita, de calçada pequena, tem piso elevado que indica preferência para o pedestre, não há arborização. Quanto a ocupação é uma rua de pouco fluxo de carro, estão presentes serviços variados, hostel, restaurantes, colégio, residências, tanto edificações de padrão baixo, casas, quanto de padrão normal e alto, edifícios de gabarito baixo. Não houve registro de usos informais durante a pesquisa.

Figura 32 - Rua do Meio



23 de setembro de 2019 |  
Segunda feira às 16:43



8 de novembro de 2019 |  
Sexta feira às 16:02



30 de janeiro de 2020 |  
Quinta feira às 18:13



17 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:23

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Rua Fonte do Boi (Figura 23 e 33): Rua de duas vias, sem saída, com início na Rua Odilon Santos na mesma direção da praça Brigadeiro Faria Rocha. É uma rua bem estruturada, calçadas estreitas, o canteiro central é arborizado, possui equipamentos urbanos, como posto de aluguel de bicicletas, bancos, entre outros mobiliários. É uma rua que tem ocupação mais voltada pro setor turístico e de lazer, existindo grandes hotéis como o Hotel Mercuri e o Bahia Lodge, antigo Pestana, pousadas, restaurantes, livraria, entre outros serviços pontuais. Não houve registro de usos informais de grande impacto nos dias comuns, com grandes aglomerações, à exceção nos dias que acontecem a Festa dos Palhaços no Rio Vermelho, onde há grande concentração de pessoas na rua e carros com som alto, sendo este o último ponto de passagem do festejo, onde boa parte dos participantes se encontram em frente a livraria Midialouca, instalam som externo no espaço



para a calçada, há vendas de bebidas por ambulantes ao longo da rua e carros com aparelhagem de som incorporam à festa.

Figura 33 - Rua da Fonte do Boi



16 de fevereiro de 2019 |  
Sábado às 22:51



02 de agosto de 2019 |  
Sexta feira às 11:18



23 de setembro de 2019 |  
Segunda feira às 16:44



8 de novembro de 2019 |  
Sexta feira às 16:02



30 de janeiro de 2020 |  
Quinta feira às 18:16



04 de fevereiro de 2020 |  
Terça feira às 17:29



08 de fevereiro de 2020 | Sábado às 21:10



17 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:22

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Rua Odilon Santos (Figura 23 e 34): É uma rua de fluxo intenso nos horários e dias observados, calçadas estreitas, o trecho analisado não possui arborização, sua ocupação é composta por casas de variadas tipologias, algumas casas com fachadas ecléticas, neocoloniais, casas mais contemporâneas de frente estreita - muitas delas são utilizadas por algum tipo de serviço, não possui ciclovia, nessa via está o shopping center Rio Vermelho. Durante as visitas que foram feitas fora da Festa de Yemanjá o dia em que houve usos diferentes foi na Festa dos Palhaços, estando essa via entre o percurso da caminhada, além disso não houve registro de atividades informais e/ou ocupações efêmeras.

Figura 34 - Rua Odilon Santos



16 de fevereiro de 2019 |  
Sábado às 21:52



02 de agosto de 2019 |  
Sexta feira às 12:02



04 de agosto de 2019 |  
Domingo às 11:37



23 de setembro de 2019 |  
Segunda feira às 16:44



8 de novembro de 2019 |  
Sexta feira às 16:03



30 de janeiro de 2020 |  
Quinta feira às 18:37



04 de fevereiro de 2020 |  
Terça feira às 17:25



03 de fevereiro de 2021 |  
Quarta feira às 15:22



17 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:19

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Travessa Basílio de Magalhães (Figura 23 e 35): Faz ligação entre as ruas Odilon Santos, Rua do Meio e Oswaldo Cruz, está presente colégio, pub, algumas edificações têm características de garagem, outras parecem estar sem uso, há edificações residenciais. É uma via estreita e de calçadas curtas, sem arborização e ciclofaixa ou ciclovía. Não houve registro de nenhum uso diferente em dias rotineiros.



Figura 35 - Rua da Fonte do Boi



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Largo da Mariquita e Praça Colombo (Figura 23 e 36): Trataremos desses dois lugares juntos visto a proximidade e a intenção de demonstrar, nos registros da Festa de Yemanjá, esses dois lugares como um grande espaço, entenderemos melhor nas demonstrações. O Largo da Mariquita, importante praça do Rio Vermelho, é um espaço que concentra restaurantes, é o tipo de serviço preponderante nele, está próximo da Vila Caramuru, antigo Mercado do Peixe - o qual foi apresentado no capítulo anterior. No largo encontra-se estacionamento, pergolado, bancos, quiosques de acarajé - o famoso Acarajé da Cira - tapioca, cocadas, entre outros lanches. Possui uma grande área livre, durante a visita de campo do dia 08 de novembro de 2019 foi possível registrar a Feira de Cultura e Arte da Bahia, que acontece quinzenalmente de acordo com uma das transeuntes. Como passante, pude vivenciar alguns shows no Largo da Mariquita, é um espaço versátil e que cumpre a função de lugar de lazer e encontros. Durante as visitas é possível fazer uma distinção também em relação aos dias de semana e no período diurno, há mudança quanto ao uso diurno e noturno, por causa dos bares, sendo às noites e os fins de semana os momentos de maior fluxo de pessoas - Está presente no Largo da Mariquita uma estátua de Yemanjá. A praça Colombo não tem muita movimentação, é uma pequena praça, tem um bar/restaurante com funcionamento interno, é um espaço de passagem. O trecho que liga a rua Borges dos Reis à Odilon Santos possui piso intertravado na altura dos passeios.

Figura 36 - Largo da Mariquita e Praça Colombo



16 de fevereiro de 2019 | Sábado às 21:34

02 de agosto de 2019 |  
Sexta feira às 12:0704 de agosto de 2019 |  
Domingo às 11:51

23 de setembro de 2019 | Segunda feira às 16:47

8 de novembro de 2019 |  
Sexta feira às 15:52

30 de janeiro de 2020 | Quinta feira às 18:43

04 de fevereiro de 2020 |  
Terça feira às 17:2008 de fevereiro de 2020 |  
Sexta feira às 20:4717 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:22

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Praia da Mariquita (Figura 23 e 37): A praia da Mariquita - como identificou-se a área - está nas proximidades do largo da Mariquita e da Zona de Pescas da Mariquita, foi possível observar em todas as visitas diurnas, atividades pesqueiras - pescadores pescando

nas pedras - foi possível identificar também pessoas utilizando as pedras como espaços de estar/contemplação e de encontros. Ficam atracados alguns barcos de pesca na praia, que é limítrofe ao antigo Mercado do Peixe.

Figura 37 - Praia da Mariquita



02 de agosto de 2019 |  
Sexta feira às 12:14



04 de agosto de 2019 | Domingo às 11:43



23 de setembro de 2019 |  
Segunda feira às 16:50



04 de fevereiro de 2020 |  
Terça feira às 17:22



03 de fevereiro de 2021 |  
Quarta feira às 15:20



17 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:32

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

- Rua João Gomes (Figura 23 e 38): Pouco arborizada, não há ciclovias, calçadas estreitas, avenida de uma via, com fluxo de carros intermitente. É um trecho ocupado por diversos tipos de estabelecimentos, igreja, Shopping Center Free Shop, restaurantes, boate, residências, pousadas e bares. Não foi identificado nenhum uso diferente dos rotineiros, formais.



Figura 38 - Largo da Mariquita e Praça Colombo



02 de agosto de 2019 | Sexta feira às 12:31

04 de agosto de 2019 |  
Domingo às 11:5223 de setembro de 2019 |  
Segunda feira às 16:47

04 de fevereiro de 2020 | Terça feira às 17:41



03 de fevereiro de 2021 | Quarta feira às 15:16

17 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:32

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Avenida Cardeal da Silva (Figura 23 e 39): É uma avenida que começa estreita no largo de Santana, está ligada à Rua João Gomes, é uma rua de movimentação contínua, que leva a uma área do bairro mais residencial. Calçadas estreitas, e com pouca arborização, é uma rua onde o maior uso é residencial, encontrando-se a galeria RV Cultura e Arte - descrição refere-se ao trecho analisado (Figura 52).



Figura 39 - Avenida Cardeal da Silva



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Rua Borges dos Reis (Figura 23 e 40): É uma rua pequena, existem trechos de mesmo nome, mas ela está entre a região que definimos como Largo da Mariquita/ Praça Colombo e a rua Guedes Cabral, com a pavimentação de piso intertravado, na altura dos passeios, não é arborizada e não possui ciclofaixa/ciclovia. Sua ocupação é de bares e restaurantes. O trecho dois tem ocupação semelhante - bares, restaurantes e a biblioteca Juracy Magalhães Júnior. No geral não foram identificados durante a pesquisa usos informais ou diferentes nos dois trechos.

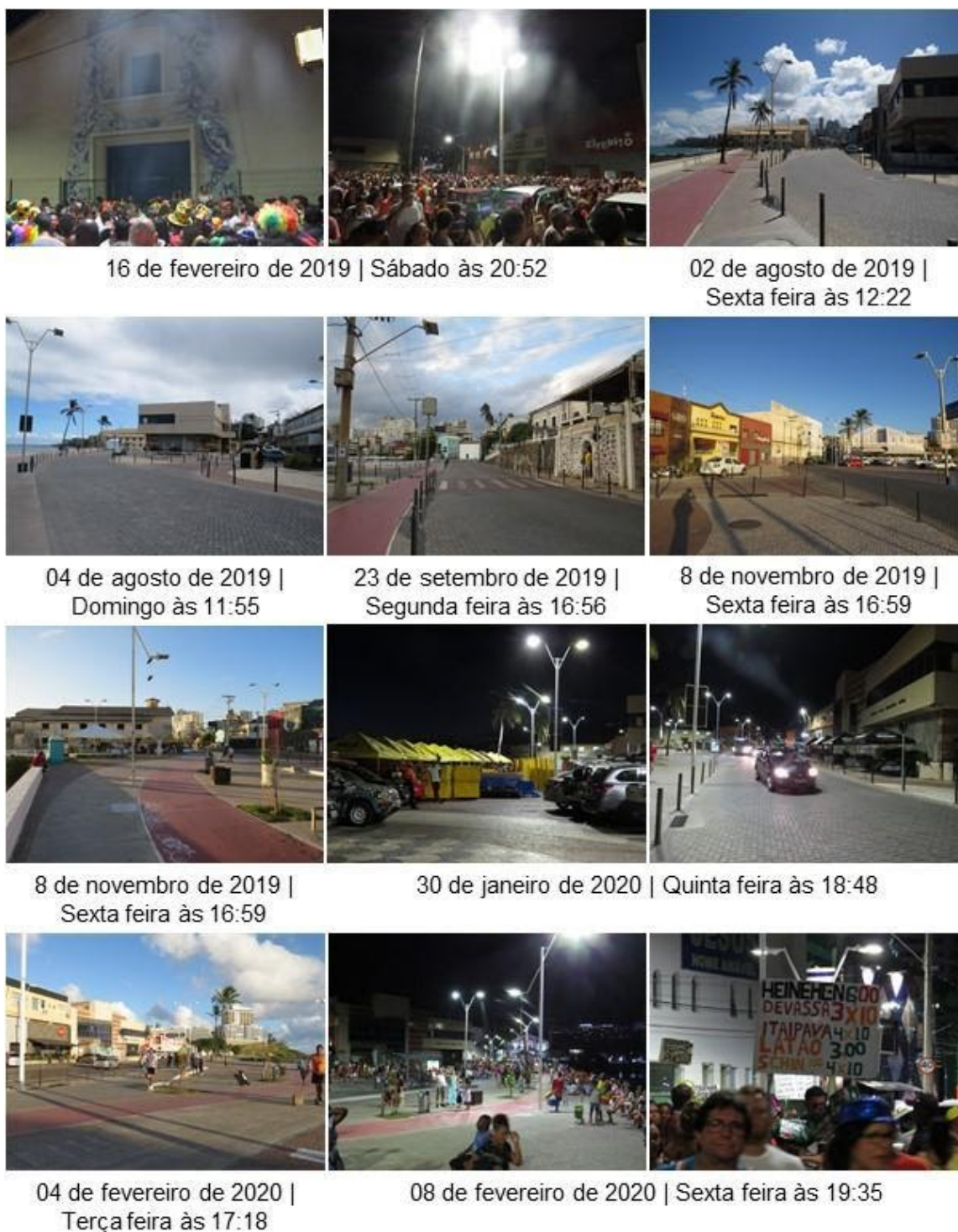
Figura 40 - Rua Borges dos Reis



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

- Empracamento/ Rua Guedes Cabral (Figura 23 e 41): A rua Guedes Cabral começa logo após a rua Borges dos Reis, é uma via onde está presente restaurantes, em grande maioria, residências, a nova Igreja de Santana e a Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, possui estacionamento e uma praça - no lado mais próximo do mar - nesse espaço tem presença considerável de pessoas andando de skate e patins, esses usos intensificam-se nos finais de dia e aos fins de semana, da mesma forma que pessoas sentadas nas muretas. Durante a visitação registrou-se uma feira de pluralidades ligada à Igreja de Santana, não houve informação da periodicidade do acontecimento. Outro momento de mudança na ocupação da via foi durante a Festa dos Palhaços, estando o trecho no perímetro do festejo. É um espaço de pouca arborização (coqueiros), possui ciclovia. Encontrou-se alguns ambulantes, mas não mais que dois por dia, nos horários noturnos - nos momentos da pesquisa.

Figura 41 - Empracamento/ Rua Guedes Cabral



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Praia nas proximidades da Rua Guedes Cabral (Figura 23 e 42): É uma praia que acaba não tendo um acesso previsto - a mureta que separa a calçada/orla da areia é contínua por toda Guedes Cabral - mas é uma mureta baixa, sendo possível para algumas pessoas a passagem. A praia tem pouca faixa de areia e conjunto de pedras que adentram o mar, uma espécie de platô natural, onde foi possível registrar entrega de oferendas à



entidades, pescadores em exercício, pessoas sentadas sem fins presumíveis (contemplação?), é uma praia que não costuma concentrar banhistas, não tem estruturas de barracas e toldos.

Figura 42 - Praia nas proximidades da rua Guedes Cabral



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

- Casa de Yemanjá (Figura 23 e 43): O espaço da casa de Yemanjá é acessado através da Rua Guedes Cabral, existe um grande espaço, parcialmente utilizado como estacionamento e rua, está localizada ao lado da nova igreja de Santana. A casa é administrada pelo presidente da associação de moradores, conhecido como “Nilinho” - está em exercício de forma “informal” devido ao afastamento do presidente anterior - até o momento da pesquisa. Atrás da casa de Yemanjá funciona o local de recebimento das pescas quando chegam nesse trecho do litoral, funciona também como lugar de venda, funciona todos os dias durante o horário comercial. Ao lado da casa de Yemanjá tem um espaço coberto, onde os pescadores utilizam como espaço de convivência – descanso e jogos. Também funciona nesse mesmo espaço a associação dos pescadores. O local onde ficam as várias imagens de Yemanjá e que costuma receber devotos que fazem depósito de presentes está na parte inicial da edificação, o partido da edificação é de uma casa popular que costuma-se ver muito em interiores e bairros/áreas populares/periféricas - a fachada

principal da casa está voltada em direção a rua Guedes Cabral. Encontravam-se no espaço durante os momentos de visita da pesquisa, pescadores e devotos. Existem também acessos para praia (em frente e atrás da casa) no platô onde se encontra o templo.

Figura 43 - Casa de Yemanjá



02 de agosto de 2019 | Sexta feira às 13:05



04 de agosto de 2019 |  
Domingo às 12:00

23 de setembro de 2019 |  
Segunda feira às 16:57

24 de setembro de 2019 |  
Terça feira às 14:02



8 de novembro de 2019 |  
Sexta feira às 17:03

30 de janeiro de 2020 |  
Quinta feira às 18:55

04 de fevereiro de 2020 |  
Terça feira às 17:00



04 de fevereiro de 2020 |  
Terça feira às 17:00

03 de fevereiro de 2021 |  
Quarta feira às 15:53

17 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:35

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Largo de Santana (Figura 23 e 44): Espaço de encontro, tem mudança perceptível nos horários e dias da semana, sendo mais movimentado pela noite e nos fins de semana.

Está presente no largo o Acarajé da Dinha, um ponto famoso da culinária do bairro e da cidade, barracas de beiju, artesanatos, bares (com utilização de parte da praça com mesas e cadeiras para atendimento de clientes no próprio largo), Gelateria, a antiga Igreja de Santana, Galeria de arte. No largo tem presença frequente de ambulantes nas noites e finais de semana, é um local de encontro, onde pessoas que não querem beber no bar, podem comprar com ambulantes e permanecer no largo. Na praça em alguns momentos foi possível encontrar rodas de capoeira e samba, houve grande concentração de pessoas também no dia da libertação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, onde as pessoas permaneceram até o amanhecer, no largo e em frente aos bares da rua Paciência. Outro momento de movimentação que foge do comum, é na Festa dos Palhaços, a concentração acontece nas proximidades do conjunto. É um dos pontos que apresentou maior versatilidade de usos durante a pesquisa em dias comuns, possui pouca arborização e alguns bancos de praça.



Figura 44 - Largo de Santana



16 de fevereiro de 2019 | Sábado às 17:56 - 20:19

02 de agosto de 2019 |  
Sexta feira às 16:4223 de setembro de 2019 |  
Segunda feira às 17:32

8 de novembro de 2019 | Sexta feira às 17:06



30 de janeiro de 2020 | Quinta feira às 18:55

04 de fevereiro de 2020 |  
Terça feira às 17:0208 de fevereiro de 2020 |  
Sexta feira às 18:2703 de fevereiro de 2021 |  
Quarta feira às 15:5517 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:40

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Praia do Rio Vermelho (Figura 23 e 45): Existe concentração das atividades pesqueiras, em todos os dias de visita, no turno diurno, vimos pescadores descarregando barcos, manuseando tarrafas, carregando baldes com os pescados, há também uma

concentração de barcos, houveram também algumas entregas e cerimônias religiosas afro brasileiras, apesar de ter presenciado algumas pessoas tomando banho e sentadas na praia de forma observativa, não é uma praia que costuma concentrar banhistas.

Figura 45 - Praia do Rio Vermelho



16 de fevereiro de 2019 |  
Sábado às 17:57



02 de agosto de 2019 | Sexta feira às 13:05



04 de agosto de 2019 |  
Domingo às 12:10



23 de setembro de 2019 |  
Segunda feira às 16:57



24 de setembro de 2019 |  
Terça feira às 14:03



8 de novembro de 2019 |  
Sexta feira às 17:04



30 de janeiro de 2020 |  
Quinta feira às 21:19



04 de fevereiro de 2020 |  
Terça feira às 18:00



08 de fevereiro de 2020 |  
Sexta feira às 19:14



17 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:35

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021



- Empracamento/ Rua da Paciência (Figura 23 e 46): Há grande concentração de bares, ofertas culturais, como casas de arte e casas de apresentação artística, boate, em um trecho da rua, num espaço que denota a ideia de praça está presente uma quadra de futebol. Em todo o perímetro da rua tem ciclovia - onde há uso frequente tanto de ciclistas quanto de skatistas - com pouca arborização (coqueiros), nesse perímetro do Rio Vermelho temos taludes gramados, onde as pessoas costumam sentar, praticar yoga, beber, passear com cachorro. O fluxo de carros na rua é intermitente, mesmo à noite. No turno noturno, e mais aos fins de semana, essa parte do Rio Vermelho fica bastante movimentada, com pessoas nas muretas, em pé em frente aos bares, tem um público diverso, muitos jovens - onde muitos que estão lá consomem bebidas, balas, entre outras coisas dos vendedores ambulantes (passantes e fixos), que nesses momentos tem uma concentração considerável desses trabalhadores. A quadra presente na praça é um espaço bastante utilizado, tanto na parte noturna quanto em alguns horários da parte diurna - relatos de acordo com os momentos de visita. Um dos momentos de usos fora dos considerados diários pela pesquisa, na visita do dia 30 de janeiro de 2020, pela noite, precedendo a Festa de Yemanjá houve a XII Lavagem de Odoyá 2020, que segundo um dos anunciantes, fala dita em microfone, é o marco do início das festas de Yemanjá e do Carnaval - o encontro aconteceu em frente ao monumento em metal em forma de barbatana de peixe, o qual fica no acesso para Praia de Santana. Outro momento foi na Festa dos Palhaços em 2019 e 2020, onde o ponto de concentração é no entorno da quadra de esportes.

Figura 46 - Empacotamento/ Rua da Paciência



16 de fevereiro de 2019 | Sábado às 17:59 - 20:07

02 de agosto de 2019 |  
Sexta feira às 13:1323 de setembro de 2019 |  
Segunda feira às 17:1424 de setembro de 2019 |  
Terça feira às 14:078 de novembro de 2019 |  
Sexta feira às 17:1430 de janeiro de 2020 |  
Quinta feira às 19:0604 de fevereiro de 2020 |  
Terça feira às 17:14

08 de fevereiro de 2020 | Sexta feira às 19:06

17 de março de 2021 |  
Quarta feira às 12:38

Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

• Praia da Paciência (Figura 23 e 47): O acesso à praia é feito pela rua da Paciência e pela avenida Oceânica, é a praia, dessas que foram faladas até então, de maior uso do bairro, há sempre frequentadores, o movimento se intensifica mais nos fins de semana, é

uma praia estruturada com barracas de bebida e comida, sombreros e cadeiras de praia (serviços privados). Não há atividade de pesca e pessoas a utilizam para exercício físico também. Não há arborização.

Figura 47 - Praia da Paciência



Fonte: Próprio autor, 2019 - 2021

Um dos momentos presenciados em uma das visitas, que movimentou o Rio Vermelho e que consequentemente trouxe outros usos foi a Festa dos Palhaços do Rio Vermelho (Figura 48 e 49), um movimento Cultural que acontece desde a década de 80, que se consolidou há 12 anos, como retrata Itana Alencar (2020) na reportagem “Com 11 anos de folia, Palhaços do Rio Vermelho vibram a liberdade carnavalesca democrática: 'Contagante' ” para o G1 Bahia. “Os Palhaços”, como também é chamado, é uma festa que ocorre no período carnavalesco, que não é privativo e acontece em ritmo itinerante por algumas ruas do Rio Vermelho, cujo percurso teve início na quadra da Rua da Paciência e finalização na Rua da Fonte do Boi, é uma festa que costuma agrupar diversas pessoas, moradoras do bairro, fantasiadas de diversas formas (ALENCAR, 2020). Foi possível acompanhar “Os Palhaços” em 2019 e 2020, o último festejo antes da pandemia do Covid-19, foi possível observar na festa variadas fantasias de palhaços, diversas máscaras, muitas cores, alguns blocos, como bloco das baianas - várias baianas juntas seguindo no meio da multidão, a concentração nos dois anos começou entorno das 17h e teve saída em direção a Rua da Fonte do Boi por volta das 19h, à meia noite o fluxo de carro nas avenidas



já tinha voltado ao normal, sem registro do momento exato da abertura das ruas. Foi possível observar também muitos ambulantes que transportavam bebidas no ritmo da caminhada, anunciando em voz alta, os produtos e valores do que estavam vendendo, pedindo licença para passar com sacolas de gelos e isopores.

Figura 48 - Festa dos Palhaços 2019



Fonte: Próprio autor, 2019

Figura 49 - Festa dos Palhaços 2020



Fonte: Próprio autor, 2020

Sobre as praias e ruas que não foram citadas e que estão nas proximidades da festa, optou-se por não relatá-las devido a extensão do trabalho e/ou porque não representam significativamente o comparativo que pretende-se tratar no trabalho, entende-se também que o trabalho funciona como uma pequena mostra, visto que os usos no espaço público podem ser diversos e inúmeros se acompanhado por mais tempo e em horários mais diversos. Sobre as praias que estão presentes no Rio Vermelho, que foram duas, a praia da Ponta do Conselho que fica na rua da Fonte do Boi, existem ocupações características, no espaço gerado pela pista que liga a rua ao antigo hotel Pestana, há moradores, também foi possível observar banhistas, pessoas sentadas nas pedras, na festa de 2020 foi possível observar a praia com mais pessoas, sentadas nas pedras e tomando banho de mar. A praia do Buracão, outra praia não citada nos relatos acima, é uma das movimentadas do Rio Vermelho, concentra mais pessoas nos fins de semana, horário diurnos e no verão, possui uma barraca voltada para o público LGBTQI+, costuma ter um público mais jovem, foi possível observar pessoas jogando frescobol, vôlei, futevôlei, pessoas bebendo, expostas ao sol, há barracas que vendem bebidas, comidas e sombreiros (serviços privados), há ambulantes que passam por toda a extensão oferecendo produtos e alimentos.

Durante a pesquisa foi possível conversar com algumas pessoas que participam e estavam à frente da festa, com a Entrevistada 1 (no dia 02/08/2019), esposa de um dos pescadores, que tem participado da festa há bastante tempo, os pescadores Entrevistado 2 (no dia 31/01/2020), que até então respondia pela Colônia de Pescadores Z1 do Rio Vermelho, onde se encontra a Casa de Yemanjá e com o Entrevistado 4 (no dia 04/02/2020), um dos pescadores mais antigos da Colônia, conversou-se também com Entrevistado 3 (no dia 31/01/2020) representante religioso do terreiro que organiza a festa junto com os pescadores.

A Entrevistada 1, é moradora do bairro Santa Cruz, esposa de pescador, no momento da pesquisa estava vendendo água e cerveja na balaustrada que antecede a Casa de Yemanjá, informou que na Festa de 2 de Fevereiro, trabalha vendendo feijoada, trabalha legalizada - paga licença para poder circular com isopor, além de trabalhar ela também participa das oferendas pois é adepta do axé. Durante o dia a dia trabalha, geralmente nesse mesmo lugar: “De noite eu vou lá pra frente”. Perguntada se ela se referia ao Largo da Dinha, como também é conhecido o Largo de Santana (em referência ao nome da baiana que fundou uma banca tradicional de acarajé no largo): “Não, lá não que o rapa não deixa. Que tem cooler e de noite não levo esse isopor” (informação verbal)<sup>22</sup>. Sobre a relação que tem com a Z1 e com Festa, a mesma se expressou com empolgação:

---

<sup>22</sup> Informação fornecida pela Entrevistada 1, trabalhadora do entorno e esposa de pescador da Z1, em 02 de agosto de 2019, Rio Vermelho - Salvador/BA. 5min

Ave maria a festa aqui é uma loucura, cê só vê cabeça, cê só vê o tapete aqui, cê não dá nem pra se mexer aqui” (...) Tenho 30 anos aqui, meu marido é pescador, barco dele tá até ali, ó lá, rosa, rosinha claro e azul, ó lá ó, tava reformando. Eu criei minha filha aqui, minha filha já tá com 25 anos (...) Ahh mas é bom demais, dia 2 (...) Carramanchão grande aqui, aqui pega uma fila vai lá, pra lá da quadra ó, pra quem quiser botar alguma coisa aí ó, fazer algum pedido. Quem não quer tem duas filas, tem a outra que entra pra botar no cesto, bom demais. (Entrevistada 1, trabalhadora do entorno e esposa de pescador da Z1 - 02 de agosto de 2019, Rio Vermelho - Salvador/BA)

Entrevistado 2, morador de Cajazeiras, é pescador há 35 anos nessa mesma Colônia de pesca, onde o filho também começou a pescar, informou que não costuma frequentar o bairro para outras atividades, não tem religião específica, mas participa da organização da festa desde que começou a pescar na Z1 (informação verbal)<sup>23</sup>. O Entrevistado 4 é morador do Engenho Velho da Federação, pescador que apesar de aposentado, ainda costuma praticar a atividade esporadicamente, sempre pescou na Z1 desde que mudou-se para Salvador (natural do Sítio do Conde, interior da Bahia) - começou a pescar nesse sítio em 1960 e participa da organização do presente desde então, sua religiosidade é diversa, informou ser católico, mas frequentador de Candomblé e de Umbanda (informação verbal)<sup>24</sup>. Sobre a relação com os moradores do bairro, ambos ponderaram de formas distintas, enquanto o Entrevistado 2 disse que muitos dos moradores não gostam dos pescadores, inclusive o presidente da Associação de Moradores do Rio Vermelho, que já houve momentos em que houve tratamentos depreciativos que partiram dele. O mesmo evidenciou que “pescador só tem valor nessa época” e que muitos que os procuraram para saber sobre a festa não os tratam com educação: “Ontem de manhã uma repórter chegou e nem me deu bom dia, perguntou quem era o presidente, disse que era Branco, ela saiu e me deixou falando sozinho” (informação verbal). O Entrevistado 4 informou que a relação tanto com moradores quanto com os padres que já passaram pela igreja de Santana, vizinha a Casa de Yemanjá, foram amistosas (informação verbal).

Quanto aos pescadores que trabalham na Colônia Z-1, o Entrevistado 2 informou que muitos residem em outros bairros de Salvador, muitos deles frequentam o candomblé, embora existam pescadores evangélicos, todos participam da organização da festa, trabalham tanto nos preparativos como no dia 2 - trabalham na arrumação dos balaies, no

<sup>23</sup> Informação fornecida pelo Entrevistado 2, pescador da Z1, em 31 de janeiro de 2020, Rio Vermelho - Salvador/BA. 16min01s

<sup>24</sup> Informação fornecida pelo Entrevistado 4, pescador aposentado da Z1, em 04 de fevereiro de 2020, Rio Vermelho - Salvador/BA. 16min21s

transporte deles da Casa até a praia, na colocação dos cestos nos barcos. O presente principal chega por volta das 4h da manhã e sai para o mar no barco Rio Vermelho, o mais tradicional, às 16h do dia 2 de fevereiro - os presentes que serão levados pelo barco, chegam até o dia 2, durante todo o dia, até pouco antes do horário de saída dos barcos com as oferendas. A organização é sempre comunicada e participada com lideranças religiosas candomblecistas, quando questionado (informação verbal).

O Entrevistado 4 contou um pouco da relação que tem com a festa, “sempre gostei disso aqui”, falou do sentimento de gratidão que tem pela entidade, que nunca deixou que faltasse nada nem a ele nem aos 7 filhos que conseguiu criar com a pesca:

(...) criei meus filhos tudo, educados, hoje em dia tenho duas filhas formadas (...) e nunca me faltou nada, graças a Deus e a Ela. E a gente fazendo essa festa pra pagar a Ela o que ela tem contribuído com a gente, pra ver se a metade da contribuição que a gente faz pra Ela, uma coisa que a gente faz com prazer (...) (Entrevistado 4, pescador aposentado da Z1 - 04 de fevereiro de 2020, Rio Vermelho - Salvador/BA)

Sobre a participação de mulheres como pescadoras, o Entrevistado 2 informou que são poucas na Z1, mas as poucas pescadoras também participam da festa, mas que é um ambiente de maioria masculina. Sobre a continuidade da festa e em como ele vem acompanhando durante o tempo, ele nos contou:

(...) antigamente esse presente daqui eram três balaios assim (faz gesto com as mãos). O cara que tomava conta disso aí, que era o mais velho, chamava Flaviano, ele pegava quando chegava perto da época do presente, ele fazia uma reunião uns três meses antes, ele fazia uma reunião com aqueles pescadores que já participavam do presente e dava uma lista a cada um, pra cada um adquirir dinheiro pra festa. Aí a gente saía por aí pela cidade com a lista na mão, o pessoal dava aquela contribuição e assinava (...) aqui no bairro mesmo... aí a gente tinha a festa. Aí depois passou a ter um presidente, que chamava Eulírio Menezes, daí veio outro, daí começou, começou, começou e eu sempre acompanhando, é tanto que eles aí me consideram, como eu ser o mais velho daqui do presente. (Entrevistado 4, Pescador da Z1 - 04 de fevereiro de 2020, Rio Vermelho - Salvador/BA)

No dia 31 de janeiro, no início da noite, antes de uma reunião entre pescadores e o representante religioso participante da organização, foi possível conversar com o Entrevistado 3, Pai Pequeno (Babaquequerê, Gitonã), a segunda pessoa depois da lalorixá, o qual tem quase 40 anos acompanhando a lalorixá Jacira Ferreira de Obaluaiê que rege o



terreiro Ilê Axé Jibayê localizado no Bairro de Itinga, regido pela lalorixá Jacira Ferreira de Obaluaê que tem estado na organização da Festa de Yemanjá, junto com os pescadores, há cinco anos, uma relação que o mesmo retratou como harmônica (informação verbal)<sup>25</sup>. O mesmo informou que o Presente principal é segredo para todos eles até a madrugada do dia 2, no dia primeiro tem também a construção do presente para Oxum, o qual é levado para Dique do Tororó, “uma tradição antiga”, à meia noite - oferecer o presente também à Oxum, é uma celebração baseada na relação que as duas têm de acordo com a história delas na religião, colocar o presente nas águas doce e salgada é uma maneira de celebrar e agradar as duas entidades rainhas das águas ao mesmo tempo, para que não haja descontentamento de ambas (informação verbal). Sobre essa relação o mesmo retrata:

Todo mundo tem a curiosidade de saber o porquê se oferece à entidade da água doce antes de se oferecer à da água salgada. Porque tem locais do mundo, até mesmo aqui na Bahia, aqui em Salvador, que água doce se encontra com água salgada (...) Então de qualquer forma elas estão unidas entre si, entendeu? (Entrevistado 3, Babaquequerê do terreiro Ilê Axé Jibayê - 31 de janeiro de 2020, Rio Vermelho - Salvador/BA)

O Entrevistado 3 faz uma estimativa de que 200 balaies são deslocados da Casa de Yemanjá para o barco Rio Vermelho, além do presente principal e que milhares de pessoas participam da Festa (informação verbal). Sobre a relação existente entre o terreiro, os pescadores e com os participantes do festejo à Rainha do Mar, o mesmo nos falou:

Os pescadores trabalham com a fé, porque eles não trabalham só o dia 2 de fevereiro, eles precisam do mar 365 dias, então há essa harmonia entre o terreiro, entre eles, entre a colônia e entre a comunidade que toda vem visitar esse momento, festejar. É momento de fé, tem pessoas que choram, que ficaram aleijadas e vêm agradecer no dia 2, pela fé que Yemanjá curou. Eu que tou ali nesse momento, eu ouço “eu posso entrar? Eu posso tocar? porque aconteceu isso e isso comigo”, eu mando arruinar e mando vim fazer isso porque esse presente não é nosso, esse presente é do povo e isso é a construção do presente. Existe também um jogo de búzios que diz qual o presente que Ela quer. A gente não constrói um presente aleatório (...) Ela quer um presente que Ela vai dizer o significado que vai ter para o ano de 2020. Ela veio homenageando, teve ano que Ela homenageou a maternidade, as mulheres estavam sendo muito assassinadas, então foi uma forma, ela pediu uma baleia, a baleia significa a maternidade do mar, é

<sup>25</sup> Informação fornecida pelo Entrevistado 3, Babaquequerê do terreiro Ilê Axé Jibayê, em 31 de janeiro de 2020, Rio Vermelho - Salvador/BA. 06min17s



a que pare... No ano passado foi a concha, a prosperidade, teve um ano que foi a estrela do mar, porque ela, a estrela do mar já homenageou eles (em relação aos pescadores) (...) (Entrevistado 3, Babaquequerê do terreiro Ilê Axé Jibayê - 31 de janeiro de 2020, Rio Vermelho - Salvador/BA)

No que diz respeito a participação da prefeitura na Festa, o Entrevistado 2 informou que há colaboração posteriormente, depois de apresentado os gastos que foram tidos, mas que nesse ano essa colaboração estava comprometido devido ao não comprometimento do antigo presidente da Colônia na participação das reuniões de planejamento, promovidas pela prefeitura bairro e pela SALTUR (Empresa Salvador Turismo S/A), e pelo mesmo não ter feito repasse da verba destinada ao festejo de 2019, a ponto de afetar por exemplo a confecção de camisas, sempre feitas em todos os anos para os pescadores (informação verbal).

Sobre os usos identificados durante a Festa de Yemanjá, para entender mais sobre os fluxos e retratarmos alterações, nos baseamos principalmente no campo feito durante a festa de 2020, entretanto, usaremos observações feitas durante a festa de 2019 e sobre como foi o dia 02 de Fevereiro de 2021, no período pandêmico, onde a cidade estava em quarentena. Em relação ao campo de 2020, no que se relaciona ao festejo, o recorte feito sobre as alterações abrange o de 31 de janeiro - por observar alterações significativas a partir desse dia - e os dias 01 e 02 de fevereiro. A Festa de Yemanjá consta no calendário oficial do município e através da Portaria Nº 054/2020, o Superintendente Fabrizzio M. Martinez, da Superintendência de trânsito de Salvador, publicou no Diário Oficial do Município no dia 29 de janeiro de 2020 alterações no tráfego de veículos do Rio Vermelho das 22h00min do dia 01 de fevereiro às 06h00min do dia 3 de fevereiro, ação que está sob competência da encarregado conferida pelas Leis nº 29.451 de 20 de janeiro de 2016 e pelo artigo 3º, Inciso X, do regimento interno aprovado pelo Decreto nº 29.451 de 2018 (SALVADOR, 2020). A Portaria em questão faz alterações no que diz respeito à proibição de estacionamento, interdição, desvio, determinação de sentido duplo e de inversão do sentido de tráfego de veículos em determinadas ruas do Rio Vermelho, assim como a instalação de barreiras fixas (BF) e semi fixas (BSF) - a partir das 22h do dia 01 de fevereiro e barreiras móveis (BM) - o detalhamento das medidas para as ruas submetidas às ações pode ser visualizado no Anexo - A e Anexo B (SALVADOR, 2020).

Em relação às alterações regulamentares, é interessante citar as alterações promovidas pela Portaria 054/2020 nesses trechos especificamente, foi **proibido estacionamento** de veículos nas vias: Travessa Basílio de Magalhães, Rua do Meio, Praça Brigadeiro Faria Rocha, Rua Oswaldo Cruz, Largo da Mariquita, Rua João Gomes, Rua Guedes Cabral, Largo de Santana, e na Rua da Paciência (lado direito, sentido Amaralina);

Houve **interdição de tráfego** de veículos: Rua da Paciência, Largo de Santana, Rua Guedes Cabral, Rua Borges dos Reis, Rua João Gomes, Praça Colombo, Rua Conselheiro Pedro Luiz, Largo da Mariquita, Av. Cardeal da Silva (trecho compreendido entre a Tv. Prudente de Moraes e a Rua José Taboada Vidal), Rua Vieira Lopes (trecho compreendido entre a Rua Conselheiro Pedro Luiz e a Rua Potiguares), Rua Odilon Santos, Rua do Meio, Tv. Basílio de Magalhães, Praça Brigadeiro Faria Rocha; Indicação de **desvio de tráfego de veículos**: Rua Oswaldo Cruz (na interseção com a Av. Juracy Magalhães Júnior), Rua Conselheiro Pedro Luiz (à altura do retorno para a Av. Vasco da Gama); Vias com **sentido duplo para tráfego de veículos**: Rua Odilon Santos (no trecho compreendido entre a Rua Marquês de Monte Santo e a Rua Monte Conselho); Instalações de **barreiras fixas**, a partir das 22h00min do dia 01 de fevereiro, nas ruas: Odilon Santos / Tv. Basílio de Magalhães (BF 01), Oswaldo Cruz / Tv. Basílio de Magalhães (BF 04), Oswaldo Cruz / Potiguares (BF 05), Oswaldo Cruz / Av. Juracy Magalhães Júnior (BF 06), Conselheiro Pedro Luiz / Vieira Lopes (BF 08), Conselheiro Pedro Luiz / Canaveiras (BF 09), Conselheiro Pedro Luiz / Itabuna (BF 10), Conselheiro Pedro Luiz / retorno Rua Lucaia (BF 11); Av. Cardeal da Silva / José Taboada Vidal (BF 13), Rua da Paciência / Tv. Prudente de Moraes (BF 14), Rua da Paciência / Tv. Lydio Mesquita (BF 15), Rua da Paciência / Almirante Barroso (BF 16), Av. Oceânica / Rua da Paciência (BF 18); Foi instalada **barreira semi fixa**, com horário previsto a partir das 22h00min do dia 01 de fevereiro, no encontro das ruas Odilon Santos / Monte Conselho (BSF 01); Em alguns trechos do estudo também foi prevista a instalação de **barreiras móveis**, a partir das 04h00min do dia 02 de fevereiro, nos encontros das ruas: Odilon Santos / Praça Brigadeiro Faria Rocha (BM 04), Av. Juracy Magalhães Júnior / Rua Vieira Lopes (BM 08), Rua Conselheiro Pedro Luiz / Rua Ilhéus (BM 09), Rua Conselheiro Pedro Luiz / Rua Lucaia (BM 10), Av. Vasco da Gama / Av. Anita Garibaldi (BM 12), Rua Conselheiro Pedro Luiz / retorno Praça Rios de Azevedo (BM 13), Rua da Paciência / Rua Eurycles de Matos (BM 16). As vias que deram acesso à Festa, que estão mais próximas da região interditada, foram: Av. Oceânica, Av. Anita Garibaldi, Av. Juracy Magalhães Jr., Av. Cardeal da Silva (até a interseção com a Rua Almirante Barroso), Rua Almirante Barroso (até a Rua Odorico Odilon), Av. Vasco da Gama, Rua Oswaldo Cruz (até o Bompreço). A Portaria em questão também especificou proibição de trios elétricos e carros de som na região do festejo, como a permissão para que veículos de moradores e para veículos do serviço público (Operação de Trânsito e Transporte, Bombeiros, Ambulâncias e Polícias), acessarem as vias interditadas. É importante citar que apesar das alterações estarem previstas até às 6h00min do dia 3 de fevereiro, a norma abre prerrogativa para a normalização dos fluxos a partir da finalização dos serviços de limpeza pela LIMPURB (Empresa de Limpeza Urbana de Salvador) (SALVADOR, 2020).

Nos direcionando à ocupação de pessoas e os usos identificados a partir da pesquisa de campo feita no período já citado, tentaremos nos aproximar através da descrição desses espaços de acordo com o que foi observado, entretanto existe uma lacuna de sensações que provavelmente não sejam alcançados pela escrita, visto a ausência das sensações corpo a corpo, com as musicalidades presentes, com as falas e interações trocadas, com os cheiros, gostos e arrepios sentidos - sobre a interação dessas sensações com o estar no espaço público, nas inspirações e evocações produzidas a partir dessas relações que acontecem concomitantemente e se atravessam. Falaremos das características ponto a ponto, como foi feito anteriormente sobre os dias pesquisados sem o festejo. Durante a primeira visita no percurso do dia 31 (12h39min - 13h50min), visita feita de bicicleta, optou-se por percorrer outras áreas, além das abordadas no trabalho como um todo, transitou-se pelo viaduto Cardeal da Silva, pela rua Almirante Barroso, conseguiu-se visualizar parte da Avenida Anita Garibaldi de cima, trecho que passa pelo Rio Vermelho, mas não foi identificado nenhuma alteração ou uso fora do previsto, o trânsito estava normal em todo o trecho. Os pontos identificados com alterações foram na rua Conselheiro Pedro Luiz (Figura 51), que apesar do trânsito normal e sem muitas alterações, presenciou-se atividade artística, onde dois artistas de rua pintavam um mural com a imagem de Yemanjá (a pintura estava sendo feita no muro que fica atrás do ponto de ônibus, no trecho próximo à rua Canavieiras).

Na rua Vieira Lopes (Figura 54) além do trânsito normal de veículos, haviam vendedores ambulantes, como de costume, mas no trecho entre a rua Conselheiro Pedro Luiz e a Rua João Gomes, já haviam banheiros químicos instalados, para dar suporte à Festa. Na Praça Brigadeiro Faria Rocha (Figura 55) o palanque, ao lado da praça que encontra a rua Odilon Santos, continuava em processo de construção desde o dia anterior. A estrutura para suporte a Polícia Militar na rua da Fonte do Boi (Figura 33) já havia sido construída. No Largo da Mariquita (Figura 57) já haviam barracas com toldos amarelos e marcação de lugares, com pessoas trabalhando na montagem das estruturas, já tinha sido construído também o local onde funcionaria o posto do corpo de bombeiros e da Polícia Militar.

Na rua Guedes Cabral (Figura 61), nas proximidades da Casa de Yemanjá, havia bancos, baldes e isopores espalhados ao longo da rua, próximos das calçadas a fim de marcar o lugar que os ambulantes ocupariam durante as horas de festejo, no empenhamento da rua, já havia ocupação de barracas da Skol de toldo amarelo, próximos a balaustrada assim como banheiros químicos na parte que mais se aproxima do mar. Em frente a Casa de Yemanjá (Figura 63) continuava-se a construção do Carramanchão (barracão para recebimento das oferendas à entidade), e já havia sido montado o posto de apoio da Polícia Militar - também havia maior movimentação do que a presenciada nos dias comuns, os

quiosques onde há venda de peixes ainda estavam em funcionamento, pescadores continuavam trabalhando, mas havia uma movimentação de arrumação do espaço e alguns visitantes.

No Largo de Santana (Figura 64) foi possível notar também a marcação de lugares com baldes, isopores, ao lado da antiga Igreja de Santana já havia barracas de vendas com brajás (colar de santo) e outros artigos expostos. Ao longo da Rua da Paciência (Figura 66) constavam marcação na calçada com nomes entre linhas que delimitavam os espaços dos ambulantes, assim como baldes e algumas pessoas já tomavam conta de carrinhos e isopores nas marcações existentes. No empraçamento onde está a quadra de esportes já havia banheiros químicos instalados, entre a quadra e a balaustrada, na lateral mais estreita (que fica no sentido para o Largo de Santana) já tinham sido construídas as estruturas das barracas que funcionariam para os apoios da polícia militar e para o corpo de bombeiros e no lado oposto, onde a praça é mais ampla, já tinham sido montadas barracas com toldos da Skol - barracas que geralmente vendem comidas. As alterações na praça da Mariquita, no empraçamento da rua Guedes Cabral, na Praça Brigadeiro Faria Rocha e em frente a Casa de Yemanjá começaram desde o dia 30.

Na segunda visita do 31 (17h20min - 19h40min) percebeu-se maior intensificação de trabalhadores preparando a estrutura da festa nos espaços já mencionados, além disso no fim da tarde, na praia do Rio vermelho (Figura 65) mulheres ensaiavam uma performance que seria feita na manhã do dia 2, o ensaio aconteceu por volta das 17:30 e mais tarde, por volta das 19h20min um grupo de 16 pessoas participavam de um momento religioso próximo do mar - pelas roupas brancas e pelos artigos que os mesmos tinham em mãos e na areia - entendeu-se que era uma prática religiosa afro-brasileira.

O campo do dia 1º de fevereiro de 2020 foi feito das 18h00 às 20h10min. No cruzamento entre as ruas Lucaia, Conselheiro Pedro Luiz, Avenida Garibaldi e Avenida Vasco da Gama (Figura 50), já não haviam trabalhadores, dado o horário de trabalho dos ambulantes nesses locais serem condicionados pelo horário comercial (percepção obtida através da pesquisa), na rua Pedro Conselheiro Rocha (Figura 51) o tráfego ainda não havia sido interrompido, mas o trânsito estava lento, com engarrafamento leve, essa visita também foi feita de bicicleta, enquanto ciclista foi sentida dificuldade de transitar na ciclovia, onde carros a ocupavam parcialmente e motos a utilizavam. Algumas edificações já estavam protegidas com tapumes de metal e as calçadas ao longo da rua começavam a ser ocupadas, não com totalidade, com bancas de flores e ambulantes com isopores posicionados para vendas de cervejas e outras bebidas frias começando a partir da proximidade da rua José Taboada Vidal (Figura 52), sendo a mesma ocupada nas bordas por banca de flores, haviam alguns movimentos de carga e descarga e na calçada próxima a academia Villa Forma, gradil separava a calçada da rua. Na rua Canavieiras (Figura 53),

havia movimentações em frente ao Bombar, onde já havia-se alterado a fachada com ornamentações feitas em painéis nas cores azul e branco.

No Largo da Mariquita/Praça Colombo (Figura 57) o trânsito estava congestionado e havia bastante movimentação de pessoas utilizando os serviços oferecidos tanto utilizando os bares fixos quanto os serviços provisórios - trailers de comida já ocupavam o espaço assim como a montagem de novas barracas, ambulantes em todo o contorno das duas praças, barracas de jogos e pessoas frequentando os bares e a estrutura de feira. Ambulantes já ocupavam as calçadas da rua Oswaldo Cruz, nas proximidades do Largo da Mariquita, ciclistas transitavam pelas calçadas ao longo da rua, havia fluxo intenso de veículos. A Travessa Basílio de Magalhães (Figura 56) já estava interditada às 18:22 e havia uma concentração de pessoas na rua, em frente ao bar Bardos, bebendo e ouvindo música, assim como alguns ambulantes no entorno. Na Praça Brigadeiro Faria Rocha (Figura 55) haviam pessoas sentadas nos restaurantes, apresentação de um grupo de fanfarra no espaço público, bancos plásticos espaçados ocupavam o entorno da Rua do Meio (no trecho que atravessa a praça) assim como ambulantes já posicionados na lateral da praça que margeia a rua Odilon Santos com isopores de cerveja - pessoas trabalhavam na montagem de barracas. Foi o momento que mais encontrou-se transeuntes na Rua do Meio até então, a qual estava parcialmente ocupada por veículos - havia um homem sentado com um banco na calçada (não era marcando lugar), concentração de motoboys que prestam serviços para deliveries. No canteiro da rua da Fonte do Boi havia alguns trailers de fast food estacionados na lateral, a medida que ambulantes ocupavam espaços com objetos demarcadores, havia ocupação também nas calçadas, por trailers e pontos de vendas, a livraria Mídia Louca, preparava estrutura no pátio que antecede a entrada.

À medida que vai se aproximando do Largo da Mariquita às calçadas da rua Odilon Santos estava parcialmente ocupada pela mesma estrutura, característica da festa, de comércio transitório, isopores e freezers. As duas calçadas da rua Borges dos Reis (Figura 60) estavam ocupadas por ambulantes e os transeuntes caminhavam no meio da rua, dividindo espaço com os carros que ainda passavam pelas vias. À medida que as horas passavam, a movimentação de ambulantes e pessoas se tornava maior enquanto o fluxo de carros diminuía. A esse ponto, por volta das 19h, as calçadas e contorno do empençamento da rua Guedes Cabral estavam ocupados por ambulantes, enquanto a rua era tomada por transeuntes - tanto pessoas visitantes, quanto vendedores passantes. O espaço que antecede a Casa de Yemanjá (Figura 63) estava bastante movimentado, com visitantes, mulheres e homens de axé, com vestes tradicionais do candomblé ofereciam passes, banhos de pipoca, venda de objetos, havia vendedores de colares, flores, pessoas que chegavam com pequenos balaies para depositar na carramachão. Caminhando para seguir o roteiro, em meio aos carros já no entorno do Largo de Santana, ativistas da *Anonymous*

*for the Voiceless* faziam performance, de máscaras brancas seguravam *notebooks* que exibiam documentário sobre o processo de abate de animais para consumo da carne, performance interativa onde os mesmos propunham às pessoas que abordavam a tentativa de um estilo de vida vegano. A Rua da Paciência (Figura 66) já estava bem movimentada, apesar de boa parte das calçadas já estarem ocupadas com ambulantes, muitos ainda estavam se alocando, movimento de entrada de automóveis descarregando produtos, estruturas sendo feitas no início da Rua da Paciência, próximo a Avenida Oceânica, muitas pessoas já estavam nas ruas, ouvia-se os bares fazendo testagem de som, pessoas de roupas de banhos e de roupas leves passavam pelo espaço.

Foi possível conversar com um funcionário da Setransp, Entrevistado 5 (Vídeo 3821) que informou que parte das ruas dentro do planejamento da Festa de Yemanjá já estavam fechadas, já havia barreira no encontro da Rua da Paciência com a Rua Eurycles de Mattos e Odorico Odilon, informou também que todos os anos segue-se o mesmo planejamento para o fechamento das ruas (informação verbal)<sup>26</sup>. No empraçamento da Rua da paciência haviam pessoas sentadas nos taludes e na praia do Rio Vermelho, onde eram montadas estruturas abertas cobertas com lona (toldos). Os outros pontos não tratados aqui e que estão na delimitação da pesquisa, não sofreram grandes alterações e o tráfego até a finalização desse momento, às 20h10min, não havia sido interrompida.

A partir de agora, será retratado o campo feito no dia 02 de fevereiro de 2020, sendo este dividido em dois momentos, no primeiro momento teve começo às 23h50min do dia 01 de fevereiro e encerrou-se às 09h30min do dia 02 de fevereiro, o segundo momento aconteceu das 14h40min do dia 02 às 00h10min do dia 03 de fevereiro. Pede-se licença neste momento para que o trabalho seja desenvolvido de forma menos formal, nesse recorte da Festa de Yemanjá de 2020, para que se possa seguir com maior fluidez e para se tentar transmitir de forma mais calorosa esse espaço de festejo.

### **Fotografias de alguns dos trechos acompanhados nos dias 31 de janeiro e 01 de fevereiro em 2020 e no dia 01 de fevereiro de 2021**

- Cruzamento - Rua Lucaia, Rua Conselheiro Pedro Luiz, Avenida Garibaldi e Avenida Vasco da Gama

---

<sup>26</sup> Informação fornecida pelo Entrevistado 5, funcionário do SETRANSP, em 01 de fevereiro de 2020, Rio Vermelho - Salvador/BA. 05min16s



Figura 50 - Cruzamento - Rua Lucaia, Rua Conselheiro Pedro Luiz, Avenida Garibaldi e Avenida Vasco da Gama



Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

• Rua Conselheiro Pedro Luiz

Figura 51 - Rua Conselheiro Pedro Luiz



Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Rua José Taboada Vidal

Figura 52 - Rua José Taboada Vidal



31 de janeiro de 2020 |  
Sexta feira às 12:52



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 18:13



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 23:35

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Rua Canavieiras

Figura 53 - Rua Canavieiras



31 de janeiro de 2020 |  
Sexta feira às 12:52



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 20:04



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 23:35

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Rua Vieira Lopes

Figura 54 - Rua Vieira Lopes



31 de janeiro de 2020 |  
Sexta feira às 12:55



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 18:14

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021



- Praça Brigadeiro Faria Rocha

Figura 55 - Praça Brigadeiro Faria Rocha



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 18:32

01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 18:57

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Travessa Basílio de Magalhães

Figura 56 - Travessa Basílio de Magalhães



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 18:35

01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 18:12

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Largo da Mariquita e Praça Colombo

Figura 57 - Largo da Mariquita e Praça Colombo



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 18:53



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 18:14 – 23:55

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Praia da Mariquita

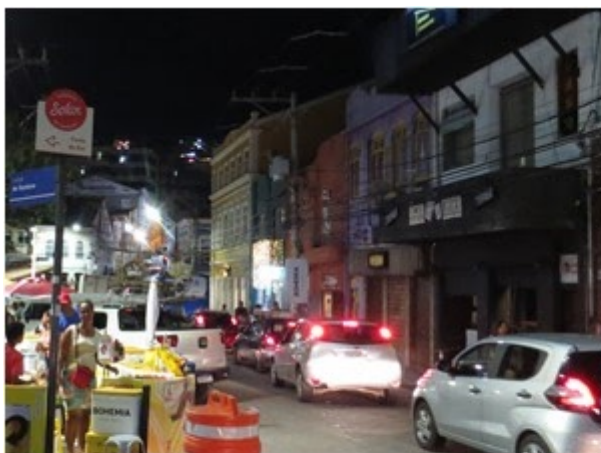
Figura 58 - Praia da Mariquita



Fonte: Próprio autor, 2021

- Avenida Cardeal da Silva

Figura 59 - Avenida Cardeal da Silva



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 19:49



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 17:26

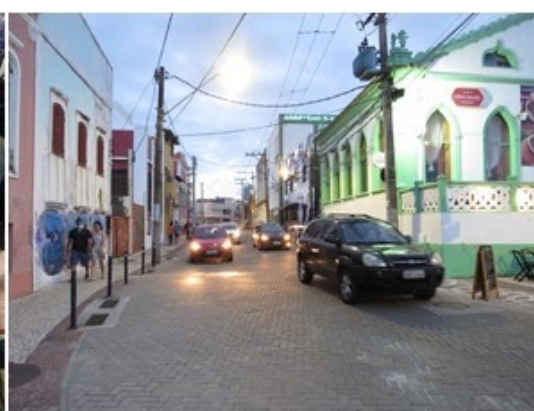
Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Rua Borges dos Reis

Figura 60 - Rua Borges dos Reis



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 18:52



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 18:06

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021



- Emprego/ Rua Guedes Cabral

Figura 61 - Emprego/ Rua Guedes Cabral



31 de janeiro de 2020 |  
Sexta-feira às 12:55



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 18:12



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda-feira às 17:54 - 23:49

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Praia nas proximidades da Rua Guedes Cabral

Figura 62 - Praia nas proximidades da Rua Guedes Cabral



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 17:55 - 23:56

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

• Casa de Yemanjá

Figura 63 - Casa de Yemanjá



31 de janeiro de 2020 |  
Sexta feira às 11:27 – 17:41



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 19:04



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 17:52 - 23:48

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021



• Largo de Santana

Figura 64 - Largo de Santana



31 de janeiro de 2020 |  
Sexta feira às 11:31 – 19:25



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 19:07 – 19:47



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 17:28 - 23:37

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Praia do Rio Vermelho

Figura 65 - Praia do Rio Vermelho



31 de janeiro de 2020 |  
Sexta feira às 11:33 – 19:14



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 19:43

01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 17:28



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 17:44 - 23:37

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

- Empaçamento/ Rua da Paciência

Figura 66 - Empaçamento/ Rua da Paciência



31 de janeiro de 2020 |  
Sexta feira às 11:53



01 de fevereiro de 2020 |  
Sábado às 19:31



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 23:43

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021



- Praia da Paciência

Figura 67 - Praia da Paciência



31 de janeiro de 2020 |  
Sexta feira às 11:42



01 de fevereiro de 2021 |  
Segunda feira às 17:37

Fonte: Próprio autor, 2020 - 2021

## 5 PESQUISA DE CAMPO: 02 de FEVEREIRO - DIA DE YEMANJÁ

A fim de continuarmos com os relatos sobre a Festa de Yemanjá gostaria de destacar a presença constante em todo o perímetro do festejo, mesmo que não seja relatado nos recortes que farei de ambulantes ocupando de forma fixa as laterais das vias, no espaço dos passeios, mas também transitando com carrinhos, varas preenchidas (com algodão doce, pipoca, brinquedos, etc), com sacos de gelos, isopores, vasilhas transparentes, recipientes com brasas, oferecendo produtos diversos (bebidas, balas, lanches, queijo etc) - se comunicavam com desinibição, amigavelmente, às vezes com certa insistência, anunciavam seus produtos através de placas escritas a mão com valores e nomes de produtos escritas à canetão, algumas impressas; De policiais em postos distribuídos ao longo da rua da paciência, Guedes Cabral, Mariquita, Fonte do Boi, além da passagem em grupos enfileirados, confesso que a presença deles era sempre algo inesperadamente desagradável e imposta, sem diálogos ou pedidos de licença, atravessavam em meio a multidão, que abriam espaço de forma abrupta - vi em alguns momentos pessoas que não percebiam a chegada serem surpreendidas por trás com empurrões e batidas de cassetetes, passei por isso lá também; De trabalhadores da limpeza pública, pela noite e logo cedo; De catadores de latinhas, em todo o tempo, transportando de sacos pequenos à de grandes volumes; De pessoas presentes no meio da rua, movidas pela fé (demonstrada de várias formas) e/ou pelo desejo do lúdico, dos prazeres, participavam coletivamente, todas, de um som infinito formado por diálogos sobrepostos. Os trabalhadores informais que encontrei durante minha passagem eram homens e mulheres de várias idades, a maioria eram negros e pardos (não brancos). Minha participação enquanto observador, mas também como corpo participativo, aconteceu em dois momentos, o primeiro entre 00h00 e 09h00 e o segundo entre 14h30 e 00h10 do dia 03. A partir daqui, falaremos dos lugares através dos recortes, onde apesar de certa ausência de impessoalidade, nesse capítulo achei melhor não ser, espero que por minha narrativa e pelos vídeos feitos, que tentarei descrever de forma breve, possa chegar para quem ler possibilidades de entendimentos das características desses momentos/lugares observados.

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **CONSELHEIRO PEDRO LUIZ** | Figura 68]

Passo pelo retorno que leva em direção a rua Lucaia, as pessoas que seguem em direção a festa caminham pela rua, até que se passe pelo encontro da Conselheiro Pedro Luiz com a rua Ilhéus, não há barracas, nem ambulantes, rua sem automóveis,

ciclovias sem ciclistas. Grupos de pessoas passam, entre conversas e meio objetivados a chegar nos espaços de maior concentração - essa é a impressão que se tem. Nesse ponto já caminhamos na Rua Conselheiro Pedro Luiz, próximo a rua José Taboada Vidal, é **de noite** pouco depois das 00:00. Trecho da cena que se vê:

**Barracas coloridas, toldos coloridos (azul, vermelho, amarelo), dois caminhões na via da esquerda estão parados, de passa um ônibus já com letreiro apagado, alguns pouco carros (passam devagar), uma moça sentada numa cadeira de plástico branca conversa com uma outra moça e um rapaz que estão em pé, com um objeto que dar suporte às caixas de balas dispostas para venda, no canteiro do meio mais pessoas sentadas vendendo coisas, na calçada da direita bancas de flores, de diversas cores, grupo concentrado do Bombar ao *Eco Square*, ocupando o ponto de ônibus que fica à esquerda (do sentido em que estamos: Pedro Conselheiro Luiz sentido Largo da Mariquita) da rua em que estamos - o ponto de ônibus da direita incorpora uma das bancas de flores da avenida. O que se ouve: mistura de conversas e de uma música, meio partido alto, misturas de instrumentos de sopro e percussão, parecendo momento de passagem de som.**

Figura 68 - Frame de Vídeo: Rua Conselheiro Pedro Luiz



Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA - **RUA NEIDE - CONSELHEIRO PEDRO LUIZ** | Figura 69 e 70] Volta-se para o início desse trecho no dia seguinte. Falarei sobre um pouco antes do ponto que costumo começar, numa rua do Engenho Velho da Federação, bairro vizinho:

**Começo as observações antes do trecho de costume, acompanhei o início de uma caminhada do alto, estava no Conjunto Santa Madalena, um grupo atravessava a Rua Neide, no Engenho Velho da Federação, encontrei o grupo no encontro da rua Deputado Newton Moura Costa com a avenida Vasco da Gama, era uma espécie de bloco, a maioria vestidos com uma mesma camisa, estampada com o nome “Samba do Sparro”, caminhamos entre os carros, numa via aberta para veículos, esperamos o sinal aberto para atravessar o**



cruzamento (engarrafado), alguns ambulantes vendiam bebidas no local de sempre, encontramos em seguida o trecho já interditado na Rua Conselheiro Pedro Luiz - o grupo estava sambando, bebendo, tocando pandeiro, empurrando uma tina térmica com bebida, havia isopor com espelho decorado de verde e amarelo. Esse grupo fez o mesmo trajeto na Festa de 2019, por volta do mesmo horário (14h30min).

Figura 69 - Frame de Vídeo: Rua Neide - Rua Conselheiro Pedro Luiz



Fonte: Próprio autor, 2020

Na Conselheiro Pedro Luiz, logo após o retorno sentido Lucaia, havia uma espécie de feira, com objetos exposto no chão, óculos, chapéus, faixas de cabelo, cangas, colares, usos que foram percebidos também pela manhã do mesmo dia, no final do campo do primeiro momento - o tipo de ocupação também foi o mesmo em 2019 nesse espaço - pela manhã menos cheio, pela tarde com maior concentração de pessoas. continuando na mesma rua, até encontrar o Largo da Mariquita, muitas pessoas ocupavam as ruas, muitos bares faziam festas para o espaço externo, havendo contato com diversos tipos de sons. Algumas varandas de apartamentos estavam enfeitadas com bandeirolas e balões nas cores azul e branco.

Figura 70 - Frame de Vídeo: Rua Conselheiro Pedro Luiz



Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **CONSELHEIRO PEDRO LUIZ | FIM DO PERCURSO** | Figura 71] Passei novamente pela avenida às 00:00 do dia 3.

As vias já abertas e sem lixo, com carros transitando, a minha esquerda uma senhora por volta dos 60 anos, sentada, próxima a um amontoado de latas. A dinâmica do espaço já era outra.

Figura 71 - Frame de Vídeo: Rua Conselheiro Pedro Luiz

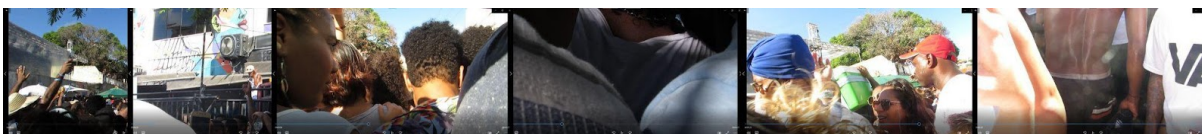


Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA - **CANAVIEIRAS** | Figura 72] Transitei pelo trecho de estudo da rua Canavieiras, onde apesar da movimentação, transitava-se tranquilamente no horário noturno, na visita **durante a tarde** foi quase impossível passar, em meio a um público parado e dançante, suado, era levado sem precisar me esforçar no fluxo que atravessa a concentração - ouvia, misturado com a música e o frenesi das pessoas, avisos de “cuidado com a câmera”, “passaram a mão no seu bolso, fique ligado”:

**Russo Passapusso cantava Duas Cidades “dividividir Salvador, em que cidade você se encaixa, cidade alta ou cidade baixa”, as pessoas cantavam juntos em uníssono, dançando freneticamente, passava por pessoas que vendiam cervejas em frente ao Bombar. Numa espécie de palco, no pátio do bar, havia uma performer dançando, com a festa acontecendo na rua. Dividia espaços milimétricos: uma moça de chapéu azul, um cara com chapéu de palha, um outro cara de turbante, roupas coloridas, braços suados, caras sem camisa, gente com roupa de praia. Caminhava de acordo com a movimentação com o grupo de corpos que dançava - dançava junto.**

Figura 72 - Frame de Vídeo: Rua Conselheiro Pedro Luiz



Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **TABOADA VIDAL** | Figura 73] Sigo pela rua José Taboada Vidal, com intuito de chegar na praça de Santana, à essa altura (00:03), já estava interditada para veículos no encontro com a Conselheiro Pedro

Luiz havia gradil limitando o acesso entre as vias, trabalhadores da prefeitura orientando e fiscalizando o acesso, na lateral à minha esquerda encontravam-se ambulantes ao longo da rua, no ano anterior essa concentração era maior no lado contrário:

**Assim que entro na Taboada Vidal, na esquina à minha esquerda, em frente ao casarão amarelo, onde funcionava até então o Taboada Bistrô, um rapaz de azul vendia flores, diversos tipos à amostra, armazenadas em baldes e latões, distribuídos na rua, na calçada, nas barreiras amarelas de trânsito, ainda no canto da rua, a disposição lembrava uma estrutura de banca, um mostruário. Atravesso a rua, pessoas de bermuda e camiseta, sandálias de dedo, roupas florais e de branco completo, bustiê de miçanga branca, camisa estampada com Yemanjá, tranças rosa, passo por bancas com alfazema, uma barraca de camping, vendedores de cerveja, barracas pequenas de acarajé e comidas típicas baianas, propaganda de cerveja escrita a mão “3 por 10”, vendedores anunciando produtos, passo por outra barreira com gradis, no outro extremo da rua. Das conversas cruzadas: “com certeza absoluta”, “já tenho colar, já tenho tudo, já fiz o cartão da C&A”, etc.**

Figura 73 - Frame de Vídeo: Rua Taboada Vidal



Fonte: Próprio autor, 2020

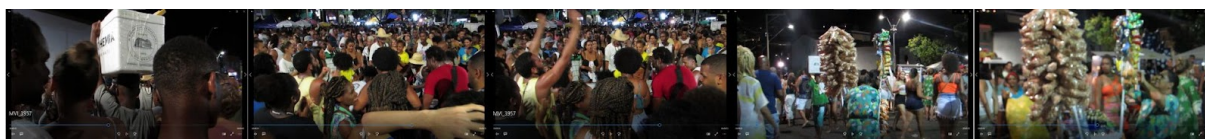
**Durante a tarde**, após passar pela Canavieiras, não consegui retornar por ela para alcançar a Taboada e seguir para o Largo de Santana, devido ao grande volume de pessoas, assim busquei outra alternativa para chegar a balaustrada da Praia do Rio Vermelho a tempo de alcançar a saída do Presente Principal, nesse “fora de roteiro” segui pela Ilhéus onde descobri também uma concentração de pessoas em frente a Tropos, com um público menor, alternativo e menos popular. Após isso, através da Rua Vieira Lopes, também interditada, alcancei a Pedro Conselheiro Rocha retornando para a Taboada (16:10), a qual estava consideravelmente mais ocupada, com fluxo mais concentrado do que quando passei durante a noite e pela manhã (09:05).

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **LARGO DE SANTANA** | Figura 74, 75, 76]

Pela noite, **no primeiro momento do trabalho de campo**, o Largo de Santana, diferente do habitual, onde nos demais dias é ocupado parcialmente pelas mesas dos bares que ficam na praça, estava tomado por pessoas de maneira significativa. Além das barracas com cobertura de toldo e o quiosque de Acarajé da Dinha que funcionam ali como de costume, a presença de ambulantes com caixas de cervejas, com tabuleiros fixos e transitando com eles era massiva, havia algumas barracas novas nessa região, com cobertura de toldo e bancas cobertas com sombreiros.

**Subo na estrutura erguida para a polícia para ter melhor campo de visão, vejo a igreja de Santana e entre mim e ela, inúmeras pessoas, entre todos os sons presentes, conseguia distinguir instrumentos de percussão, tipo fanfarra, que pelo volume parecia um pouco distante, várias misturas de som mecânico. Vejo também um caminhão com um guincho, que parecia ser para suporte de alguns serviços da festa, com tampas de isopor e sacos cheios de lata, no contorno do largo havia carros da Secretaria de Trânsito e uma viatura. O meio da via era dos passantes. Passava um balaio levado na cabeça (00:06), coberto de tecido branco, cheio de flores brancas e azuis. Um vendedor, à minha esquerda, estava parado, cercado de possíveis clientes e/ou amigos, seu instrumento de trabalho era uma caixa de isopor, com alguns espelhos, com luzes vermelha e azul. “Querido, cê pode tirar uma foto nossa?”, me abordou uma mulher da qual não lembro o nome, trocamos *whatsapp* para conseguir enviar a foto - era um grupo de 5 jovens. Pouco depois (00:18), caminho com a câmera baixa, ouço um moço gritar “cerveja gelada, ò! a cerveja gelada aê ó”, encontro uma roda de samba de roda, do tipo do Recôncavo, como é chamado o estilo, no centro duas meninas negras sambavam, ao redor rapazes negros, alguns com chapéu de palha faziam o som com tambor, caixa de guerra e repique - ao redor pessoas participavam com a voz, palmas, um cara com uma caixa de isopor na cabeça participava como espectador. Vejo outras coisas, carrinho de pipoca vermelho, entre o Largo de Santana e a Casa de Yemanjá uma senhora de camisa floral verde empurrava um carrinho de supermercado com um tabuleiro de balas e doces, duas varas preenchidas de pururuca e salgadinhos - parou em determinado momento para arrumar os produtos.**

Figura 74 - Frame de Vídeo: Largo de Santana



Fonte: Próprio autor, 2020

Pela manhã (08:40), numa dinâmica de ocupação constante, sem esvaziamento, o largo continuava com concentração de pessoas relevante, menor que a noite. Atravessava por ele a fila de pessoas que queriam depositar o presente no carramanchão. Policiais a postos no posto fixo e outros passavam enfileirados, caminhão e funcionários da LIMPURB, duas rodas de capoeira acontecendo com pouca distância uma da outra, uma na rua, a outra no largo, pessoas sentadas e de pé assistindo, outras transitando, novos vendedores de flor, água e comida. Alguns ciclistas, muita gente de branco, cestos com flores, catador de latinhas, ambulantes com variedades de objetos.

Figura 75 - Frame de Vídeo: Largo de Santana



Fonte: Próprio autor, 2020

À tarde (16:30), muitas pessoas: transeuntes entre às vias e a Praia do Rio Vermelho, onde o acesso à escada estava limitado por grade entre o passeio e a ciclovia. Pessoas observavam/participavam da festa das varandas dos apartamentos que ficam no largo, no espaço que se acessa a escada para a Praia do Rio Vermelho, nessa direção, havia gradil entre a via e o passeio.. Muitas conversas, o som preponderante, mas se ouvem batuques vindos da praia, fogos de artifício - no lado oposto do largo, no encontro com a Taboada, tocava um arrocha “antes de desistir do amor, tenta o meu por favor”. Peço licença para subir numa plataforma próxima a balaustrada, conheço dona Alderivan, uma senhora de 64 anos, negra, moradora do São Caetano, diz frequentar a festa desde criança “sou do axé, com certeza”, perguntei sobre a relação que ela tinha com a Festa e ela disse ser de “fé e gratidão”, me chamou para conhecer o Presente para Yemanjá que é feito em Cachoeira de São Félix, depositado no rio Paraguaçu, que aconteceria no sábado seguinte. Passavam balaies com frequência.



Figura 76 - Frame de Vídeo: Largo de Santana



Fonte: Próprio autor, 2020

Às 22h00min, embora ainda houvessem pessoas nas ruas, sentia-se o fluxo diminuindo, a polícia começou a dispersar o público, até às 00h as vias já estavam consideravelmente desocupadas, embora houvesse certa concentração nas calçadas e no largo.

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **CASA DE YEMANJÁ** | Figura 77, 78 e 79] onde funciona o estacionamento, que deu lugar ao carramanchão e um espaço aberto para acesso a casa esteve cheio em todo o tempo, homens e mulheres, ofereciam banhos de pipoca, de folhas, bênçãos, jogos de búzios, de tão cheio era difícil o acesso a casa ou a escadaria que fica em frente à ela, que leva a praia. **A Casa esteve fechada durante o festejo, o local de depósito de oferendas e de reverenciamento era no carramachão, no pátio e na praia. No trecho da via que passa pela frente da casa grupos de performance cantavam para a entidade, mulheres vestidas com roupas específicas, uma mulher dançava (01:33) em cima de pernas de pau (no ano anterior fiz um vídeo no mesmo lugar de uma mulher tocando pandeiro em cima de pernas de pau, no mesmo lugar). No amanhecer por volta das 4h30min, quando fogos de artifícios são queimados, o pátio da casa estava cheio, pessoas sentadas na balaustrada, e em pé, vendo de cima o candomblé acontecer na praia. A tarde, mesmo após a saída do presente principal a frente da casa continuava cheia. A última entrega que vi (22:13) uma mulher dançava em frente a estátua de Yemanjá, em sua casa, nesse momento havia poucas pessoas, após a dança, ela desceu as escadas e caminhou ao longo da praia do Rio Vermelho.**

Figura 77 - Frame de Vídeo: Casa de Yemanjá



Fonte: Próprio autor, 2020

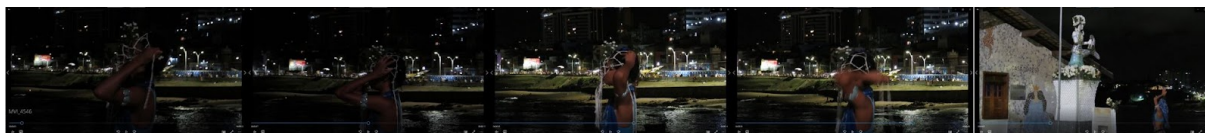


Figura 78 - Frame de Vídeo: Casa de Yemanjá



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 79 - Frame de Vídeo: Casa de Yemanjá



Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. GUEDES CABRAL | BORGES DOS REIS | Figura 80 e 81] **No início da rua, onde funcionava até então o bar Expedito, havia uma concentração com público mais alternativo e jovem ouvindo ritmos populares, dançando na rua, pessoas se encontrando entusiasmadas, troca de abraços, pessoas dançando pagodão baiano “deixa ela passar, maravilhosa, abaixa que é tiro”, ando um pouco mais, outro tipo de música, meio brega meio sertanejo.** Esse trecho estava um pouco mais vazio, com ambulantes nas bordas das vias, barracas tampavam a vista para o mar, deixando a faixa de areia sem muita movimentação. Embora tenha encontrado com algumas pessoas sentadas numa grande pedra que tem nesse trecho, no retorno por esse mesmo lugar fui avisado que ali era perigoso e que havia acabado de ter um assalto, de fato não tinha mais pessoas - é contrário ao que houve esse ano (2021). À tarde o clima era mais popular e havia mais pessoas. **Instrumental da música “Filha da Chiquita”, ouvia-se um público cantando alto “iê iê iê”, passo por algumas conversas “saí de casa uma hora, duas horas”. “ahh que linda”, “eu não acredito que junior veio pra cá não”, caras sem camisas, mulheres de turbante, vendedor com mostruário de óculos de sol feito de isopor, pessoas com cerveja na mão, “porra, mas é bom”, gesticulações com as mãos, pessoas rindo, vendendodora com saco de pipoca caseira, uma mulher com rosa amarela na altura do colo, “exu nunca nos desampara”, casal se beijando, adultos passam com crianças no colo.** Continuo o percurso pela Borges dos Reis, onde o movimento cotidiano é praticamente condicionado pelo público dos restaurantes da rua, **uma menina de mão dadas com a mãe segurando uma mochila pequena, movimento concentrado no entorno de uma banca de flores, a rua relativamente cheia, um**

moço com o colar dos Filhos de Gandhi, um outro usando uma camisa com a estampa “fé” que ficou bastante conhecida, no final da rua havia um gradil de limitação de acesso com fiscais.

Figura 80 - Frame de Vídeo: Guedes Cabral



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 81 - Frame de Vídeo: Guedes Cabral



Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **LARGO DA MARIQUITA | PRAÇA COLOMBO** | Figura 82, 83 e 84] Na primeira noite, haviam bares com festas privadas, mas com movimentação moderada, a concentração de pessoas era maior na área da Praça Colombo, haviam ambulantes em toda área com ocupação fixa semelhante aos outros espaços da festa, haviam cangas estiradas na praça com artes hippies sendo expostas, barracas de bebida e comida, região com banheiros nas proximidades do bar Fronteira, que fica no Largo. (1:07) Grupo de músicos passam com instrumentos de percussão, em caminhada, acompanhado por várias pessoas, uma moça enfeite em alusão a coroa de Yemanjá, turbante com estampa étnica, uma mulher do meu lado rir enquanto o grupo passa, risadas altas, um pouco mais distante passa um balaio levado no balanço do ritmo tocado. (1:10) Acompanho outro grupo, com maior participação feminina e negra, cantavam acompanhadas do som de um tambor, roupas claras, camisas azuis, iguais e customizadas, fitas azuis na cabeça, flores amarelas e brancas em cestos de palha e cipó atravessavam o largo. Pelo tarde a região estava muito mais cheia, havia dificuldade de andar rápido, (17:07) caminho entre as pessoas, com calma, pessoas ao mesmo tempo que andam acompanham o samba que tocava, alternando entre dançar e andar, “eu quero ver, eu quero ver sambar, eu quero ver”, uma assadeira no alto cheia de espetinhos de carne já assada, logo em frente uma mulher em pé cortava tomate e cebola em vasilhas apoiadas num tabuleiro que era base de uma churrasqueira pequena.

Figura 82 - Frame de Vídeo: Largo da Mariquita/ Praça Colombo



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 83 - Frame de Vídeo: Largo da Mariquita/ Praça Colombo



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 84 - Frame de Vídeo: Largo da Mariquita/ Praça Colombo



Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **ODILON SANTOS | PRAÇA BRIGADEIRO FARIA ROCHA | FONTE DO BOI** | Figura 85, 86 e 87] Caminho na Odilon Santos (00:50), pessoas passavam de forma tranquila, a via não estava cheia, estava funcionando mais como lugar de passagem, alguns espaços dos passeios ocupados com caixas de isopores. **Passa por mim uma mulher de vermelho puxando um carrinho de supermercado com uma caixa de isopor, rapidamente, toca Dj Guuga e Mc Pierre, pela tarde com muitas pessoas, muitas concentradas onde funcionava a Commons.** Chego na praça Brigadeiro Faria Rocha (00:52), na Fonte do Boi, os espaços estruturados, com trailers de comida, o palco que já estava sendo montado na praça, mas nenhuma movimentação com muitas pessoas, embora alguns bares da praça estivessem abertos. Durante a tarde os espaços estavam lotados, muitas pessoas concentradas, nas vias e na praça. (17:21) Artistas no palco, “Quebradeira total”, ouvi alguém falando enquanto gravava a cena, sombreiros da Itaipava, Skol, impresso na lona de uma das barracas “Aperitivos da Cleidinha”, vários anúncios de promoção de cerveja, a famosa 3x10, público era adulto, jovens e de meia idade, lembro de passar por poucas crianças num todo. Na Fonte do boi pessoas caminhavam entre os lugares, vendedor de queijo coalho e uma panela com brasa, próximo a ponto de sentir o calor, muitas outras paradas próximo a caixas de cervejas (que estavam em cima de um espécie de carrinho), dois caras dançavam

“piranha, tu quis o céu, tu tá no céu qual que vai ser?” em cima da estrutura que tinha um caixa de som, vendedores com pochete na cintura, ando mais um pouco mais trailers e isopores cobertos de fita aluminizada, em frente a livraria Midialouca haviam mais pessoas concentradas, o espaço era menos popular e tinham mais pessoas brancas, aproveitavam a estrutura de som e iluminação que o espaço tinha organizado, tocava algo parecido com Academia da Berlinda e Gilberto Gil, continuo caminhando, na direção contrária a minha um homem carrega uma criança no ombro, outro passa sem camisa, uma mulher põe as mãos nos joelhos em movimento dançante, um casal dança junto, mais isopores no meio da via e pessoas ao redor, me aproximo de um outro lugar tocando samba, som mecânica, uma menina pede que eu tire foto dela e da amiga, trocamos instagram, me perguntou sobre minha sexualidade. Caminho até a praia da Ponta do Conselho, a qual não acompanhei muito durante a pesquisa, mas pude perceber atividades de pesca, ainda que poucas, alguns banhistas e transeuntes embaixo da estrutura do antigo Pestana, estava cheia de gente em cima das pedras, em clima de encontro e contemplação. A noite a movimentação continua, em frente a Midialouca enquanto as pessoas dançam “eu fiz um pé, lá no meu quintal, tou vendendo a grama” passa um fiorino furgão, as pessoas continuam dançando interagindo com a passagem.

Figura 85 - Frame de Vídeo: Rua Odilon Santos



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 86 - Frame de Vídeo: Praça Brigadeiro Faria Rocha - Rua Fonte do Boi



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 87 - Frame de Vídeo: Rua Fonte do Boi



Fonte: Próprio autor, 2020



[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **RUA DA PACIÊNCIA** | Figura 88, 89 e 90 ] Se somava ao público do Largo de Santana as pessoas em toda a rua da paciência, conectados por espaços vazios centimétricos - essa conexão se dava em todo o percurso da Festa nas vias beira mar. Alguns bares e espaços de cultura da rua da Paciência, que costumam ter funcionamento privativo, faziam festas para fora (no início do dia 2 e no final da tarde), onde os sons se misturavam e demarcavam regiões, compunha também esse conjunto de sons as músicas tocadas em caixas de som independentes e de barracas que estavam no empenhamento próximo a quadra - nessas barracas era possível encontrar comidas e bebidas para comprar, em frente a elas achava-se mesas e cadeiras plásticas. **(01:51) Parado quase em frente a escola de línguas *Caballeros de Santiago*, passa um cortejo com oferendas ao som de instrumentos de percussão, um barco azul e balaies cheio de flores levados na cabeça, um alá (guarda chuva com tecido parecendo crochê) levado de forma ritmada. Um pouco depois, já estava em frente ao Lálá (02:04), quando passa o Cortejo Pernambaiano do grupo de maracatu Ventos de Ouro, um grupo de mulheres tocando alfaias, ganzás, xequerês (lembro e fiz um vídeo desse mesmo grupo passando no ano anterior, nesse mesmo itinerário) - Em dado momento há um estranhamento entre o pessoal do Lálá e as meninas do cortejo, onde um rapaz gesticula com as mãos para que elas caminhem, o pessoal do espaço estava com o som parado, em contrapartida uma das meninas gesticula com as mãos num gesto de incredulidade, após isso a banda e o cortejo começam a cantar juntos, entretanto o som das meninas se sobressai. Paramos um tempo em frente ao Lálá, danço um pouco com Thassya, uma amiga que me acompanha sempre nas andanças, (“pé de pato, mangalô, na fé e no flow, resistência do pai de santo contra o discurso do pastor, mandinga na rima”). Começa uma roda punk, todo mundo dançando de forma enérgica, com pulos e esbarramentos simultâneos, sem agressividade, como uma dança de par em grupo, risadas e expressões de felicidade e despreocupação. Sigo um pouco mais para frente, subo na balaustrada, ouço reggae tocado em uma das barracas, enquanto de longe o público do Lálá pula com as mãos para cima (outro som), à medida que me aproximo da balaustrada da praia da Paciência a concentração de pessoas diminui. Ambulantes nas vias, pessoas sentadas nos taludes verdes. **(04:45) O presente principal passa, Yemanjá em cima de um Golfinho, numa saveiro branca em direção a Casa de Yemanjá. (04:58) Ouve-se fogos de artifícios, as vias ainda cheias, mas começam a esvaziar conforme o dia vai ficando claro, muitas pessoas direcionam-se para a praia. Pela manhã, a via mais vazia, outros****

acontecimentos. (08:40) A fila para colocar presentes no carramanchão está quase na quadra, acontece na ciclovia, vendedores de flores, pochetes, contas, copos, atravessam pessoas com balaios, flores e frascos de alfazema na mão, grupo de mulheres com vestidos brancos, rodados, de turbante, manifestação contra reforma da presidência, grupo de músicos, pessoas fazendo coleta de latas, capoeiristas. O som dos locais com show pra rua, voltou a acontecer no início da tarde e se estendeu até umas 22h no máximo.

Figura 88 - Frame de Vídeo: Rua da Paciência



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 89 - Frame de Vídeo: Rua da Paciência



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 90 - Frame de Vídeo: Rua da Paciência



Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **PRAIA DA PACIÊNCIA** | Figura 91, 92 e 93] Durante a noite na praia da paciência a concentração era menor, mas diferente dos dias comuns onde percebeu-se poucas movimentações durante a noite, houve encontros de rodas de samba e maracatu. (03:30) **Busquei alguns espaços que participei no ano anterior, encontro um samba de roda acontecendo no mesmo lugar onde aconteceu uma outra roda em 2019, entre músicas cantadas em conjunto, ao som de palmas e tambores, mulheres de saias longas, rodadas dançavam no centro, “Maranhão, Maranhão, valei-me São Benedito que esse povo tão bonito, vem cantar em seu louvor, ô ô ô beira mar, beira mar beira”.** Barracas de camping nas proximidades, a ocupação era quase essa pela noite. Amanheceu, logo após sair da praia do Rio Vermelho, fui com Thassya



novamente para Paciência sabia que estava menos cheia e poderia acontecer manifestações menos concentradas, (06:50) algumas pessoas no mar, algumas em sombreros alugados, outras em cangas, muitos pareciam ter amanhecido na rua, como a gente, em pouco tempo um cortejo, seguido de pessoas de vários tipos e vestidos de diversas formas, de saia longa e calça a roupas de banho, algumas com rosto pintado de branco, tocando berimbau, pandeiro e alfaia, dois balaies cheios de flores. Pouco depois, (07:11) algumas mulheres descem as escadas para acessar a praia vestidas de branco, de mãos dadas, com o rosto coberto de folhas e flores, no ano anterior eu estava no mar e sem perceber fui surpreendido por elas lado a lado, na areia olhando pro mar, faziam sons estranhos e diferentes entre si, parecia uma espécie de mantra, em dado momento, ainda cantando, entraram pouco a pouco no mar, cada uma, com o rosto pra cima, boiavam, metade corpo, metade oferenda - esse ano aconteceu de forma parecida. Depois da performance, que esse ano assisti da areia, de um ponto de vista menos amplo, cai no mar, tomei um pouco de sol, continuei conversando com Thassya.

Figura 91 - Frame de Vídeo: Praia da Paciência



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 92 - Frame de Vídeo: Praia da Paciência



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 93 - Frame de Vídeo: Praia da Paciência



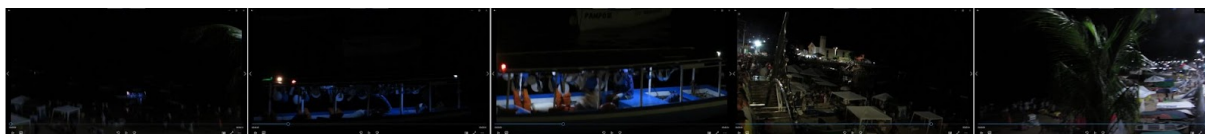
Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **PRAIA DO RIO VERMELHO** | Figura 94, 95 e 96] As manifestações na Praia do Rio Vermelho aconteciam a todo o tempo, não presenciei um momento em que a praia estivesse vazia, embora os momentos de maior movimentação tenham sido do início da manhã até o fim do dia. **(01:02) Pessoas na areia, movimentação mediana, barracas de toldos armadas, alguns isopores e objetos posicionados como se fosse marcação de lugares, com o zoom da câmera vejo dois homens num bar enfeitados com fitas e bolas azuis e brancas, pessoas mais concentradas, depositando presentes na parte da praia próxima a escada que dá acesso para Casa. (04:57) Praia mais cheia, pessoas do axé vestidas com roupas de culto, alguns com velas nas mãos, alguns lugares demarcados e reservados por estruturas de lona, fogos de artifício sendo estourados. Pouco a pouco a praia vai enchendo, cada vez mais, pessoas subindo e descendo as escadas, algumas sentadas nos taludes contemplando as várias coisas, algumas colocando flores na água, outras em silêncio como em oração, deitadas na areia, desacompanhadas e em grupos, subindo e descendo dos barcos, barcos parados, vários barcos com várias**

pessoas, venda de comidas e bebidas, rituais candomblecistas, crianças em várias partes, cheiro forte de flor e alfazema, as balaustradas todas lotadas, olho para os lados quase que só se ver gente, barco e mar. O som que se ouve são das pessoas e dos tambores. Pessoas tirando fotos de outras, de tudo, selfies. Balaio de palha com flores brancas, decorado com fitas azuis e brancas e estrelas em papel prata. Balaio decorado com renda e laço azul com flores amarelas. Balaio de palha com flores e rosas brancas e uma rosa rosa. Cesto coberto de tecido branco com folhas de palmeira e flores coloridas. Caminho entre oferendas depositadas na pedras, velas acesas, mães de santo, fotógrafo quase que com o rosto colado numa cerimônia que está acontecendo, no assentamento da oferenda. Flores boiando no mar. Uma família num barco mais chique observa a ocupação da festa, um rapaz tira foto do mar. Atrás da casa de Yemanjá, na areia, as pessoas continuam ocupando, se estende até a faixa de areia nas proximidades da Guedes Cabral. Duas velas azuis. Sacerdotisas e sacerdotes cantam em roda, no meio uma senhora de roupas e turbante branco parece conduzir um jovem num movimento que eles fazem juntos, segurando um buquê de flores brancas. Caminha-se entre músicas e fragmentos de conversas, “eu ouvi a mãe d’água dizer, caboclo forte é oxossi”, “eu vi uma estrela no céu, clareou, “eu não sou daqui, marinheiro só, eu não tenho amor, marinheiro só” “eu vou trabalhar vendendo, agora ele ta dizendo que não vai aguentar trabalhar andando não”, “os campos morfogenéticos são criados por meio de comportamentos acumulados, membro das espécies e agem como modelo dando forma a comportamentos, formação de uma egrégora, facilita entrada no campo morfogenéticos em vários estágios, assim como entrar e contato com nossos ancestrais ou com os espíritos da natureza para aprender com a sabedoria deles”, “eu tava rezando”, “e o mar devolveu”. Pela tarde a praia se mantém cheia, outros acontecimentos, fluxo contínuo de barcos e presentes, o presente principal saiu por volta das 16h do caramanchão para ser colocado no barco Rio Vermelho, levado num suporte carregado por homens, como em procissão, as pessoas abriam espaço para a passagem. Às 20h fogos de artifício ainda eram estourados e pessoas faziam oferendas e ocupavam a praia, embora em menor proporção. (20:02) **Em pedras, rodeadas de água, um grupo de quatro pessoas, um senhor de calça branca, chapéu de palha, sem camisa, participam de uma cerimônia, depositam oferendas. É difícil falar sobre a sensação de cada um, a minha era de estar vivendo algo fora do real, ao mesmo tempo reconhecer a realidade do momento era prazeroso, feliz demais. O conjunto era bonito, os detalhes individualmente, mas parte do todo, as conversas, músicas**

e orações entrecruzadas, as expressões de fé, alegria, insatisfação e afeto, era de se perder em contemplação.

Figura 94 - Frame de Vídeo: Praia do Rio Vermelho



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 95 - Frame de Vídeo: Praia do Rio Vermelho



Fonte: Próprio autor, 2020

Figura 96 - Frame de Vídeo: Praia do Rio Vermelho



Fonte: Próprio autor, 2020

[RECORTE DE VÍDEO E MEMÓRIA. **OUTRAS VIVÊNCIAS** | Figuras 97 a 104] Entre as ruas não citadas até então neste capítulo, a rua João Gomes tinha uso predominantemente de ambulantes, era possível encontrar várias ofertas de comida por exemplo, as outras, como a Oswaldo Cruz, a Travessa Basílio de Magalhães e a Rua do meio, embora tenha havido alteração do tráfego de veículos, não houve grandes fluxos presenciados nelas. Em dado momento, numa conversa com uma das pessoas presentes na festa, que conheci naquele momento, a partir de um diálogo cruzado, soube de lugares possíveis de venda de substâncias sintéticas ilícitas. Enquanto percorria os espaços, caminhando em deriva, passei caminhando por vários lugares da praia, onde pude observar em determinados pontos, mais afastados das luzes, dos sons das avenidas e dos locais com muita gente, protegidos pela distância e ausência de luz, alguns casais em práticas sexuais, em certa altura, havia uma espécie de orgia, homens em sua maioria, algumas mulheres e/ou travestis, não posso negar a sensação de curiosidade e erotismo - caminhei pelos mesmos lugares nas visitas seguintes e não presenciei outros momentos.

A partir das 22h do dia 02 o movimento nas ruas começam a ser dispersados, sem as pessoas, o volume de lixo fica bem mais evidente e encontra-se em alguns pontos concentração de latas ensacadas, volumes grandes, funcionários da limpeza pública continuam seu trabalho, estando presente em vários momentos da festa. A concentração de pessoas se dá em calçadas, frente de bares e alguns espaços de praça, na Fonte do Boi o movimento na rua dura mais um pouco. A Praça Caramuru acabou não fazendo parte dos registros porque sua ocupação se dá de forma muito mais privativa, nos dias comuns muito mais voltados para o público dos restaurantes e no dia de Yemanjá o estacionamento deu lugar a festa privada Canto de Yemanjá com ingressos que chegavam à R\$ 220,00.

Durante a Festa de Yemanjá em 2021 o percurso estava modificado pelo contexto pandêmico, onde as praias do Rio Vermelho e Paciência e a Casa de Yemanjá estavam interditadas para acesso, os pescadores se manifestaram sobre os óbitos causados pelo Covid-19 estendendo uma faixa preta em dos barcos. Pude ver alguns vendedores de flores com baldes, fixos e transitando entre espaços dos largos e ruas próximas a orla, presenciei devotos usando máscaras depositando suas oferendas no mar, a maior concentração de pessoas foi na faixa de areia da Guedes Cabral, na virada do dia 01 para o dia 02 e pelo dia, também houve movimentação na praia da Mariquita, de devotos depositando rosas da areia e das pedras, como saída de alguns barcos para colocação de presentes mais afastado do continente. Houveram cerimônias e presentes depositados por terreiros, de forma reservada no Rio Vermelho. Entrei em contato com o babaquequerê do terreiro Ilê Axé Jibayê, que participou da organização dos últimos anos, dois dias antes ao que me disse não terem entrado em contato com ele para organizar o presente desse ano. No dia seguinte soube que tinha tido a entrega, lendo a matéria Victor Rosa (2021) “Festa de Yemanjá celebra tradição em novo formato e fiéis acompanham de longe” para o Jornal à Tarde, o autor retrata o mesmo formato tradicional, onde houve a entrega do presente para Oxum no Dique do Tororó às 01h e às 7h o presente de Yemanjá foi recebido por 50 fiéis que acompanharam de longe, da balaustrada, a colocação do presente no barco Rio Vermelho, o presente desse ano foi organizado pelo Terreiro Ilê Axé Awa Ngy (ROSA, 2021).



Figura 97 - Oferendas para Yemanjá: 2021



Fonte: Próprio autor, 2021

Figura 98 - Oferendas para Yemanjá: 2021



Fonte: Próprio autor, 2021



Figura 99 - Oferendas para Yemanjá: 2021



Fonte: Próprio autor, 2021

Figura 100 - Oferendas para Yemanjá: 2021



Fonte: Próprio autor, 2021

Figura 101 - Oferendas para Yemanjá: 2021



Fonte: Próprio autor, 2021

Figura 102 - Oferendas para Yemanjá 2021



Fonte: Próprio autor, 2021



Figura 103 - Oferendas para Yemanjá 2021



Fonte: Próprio autor, 2021

Figura 104 - Protesto no dia de Yemanjá: 2021



Fonte: Próprio autor, 2021

## QUARTA PARTE

## 6 ANÁLISE A PARTIR DOS DADOS E NARRATIVAS

Em um primeiro momento serão avaliadas questões relacionadas aos campos dos dias comuns, vésperas e Festa dos Palhaços em comparação ao campos que aconteceram durante a festa de Yemanjá, numa segunda parte tentaremos esboçar às características percebidas entre o processo de acontecimento dos espaços/lugares da Festa de Yemanjá em contraste ao espaços formais urbanos onde eles acontecem e seus usos permanecem no dia-a-dia do bairro. Entende-se que o que a análise a ser apresentada representa uma narrativa e parte de recortes pequenos que não podem mensurar a totalidade dos eventos possíveis, mas que são parte de um processo maior, onde a possibilidade de dados e percepções podem ser infinitas.

O que pode ser dito sobre essa primeira relação traçada, é que de forma geral, durante as observações feitas em horários e dias diversos, que não englobam o dia 2 de fevereiro, foi possível observar nos trechos de delimitação da pesquisa, usos diversos, voltados ao lazer e entretenimento cultural/social, sendo esses usos característicos na maioria dos percursos, principalmente nas áreas que mais se aproximam da orla. Foi possível observar que o bairro possui equipamentos urbanos, atrativos da natureza e do setor turístico que possibilitam diferentes usos: Praças, áreas de gramado, praias, quadra de esportes, ciclovia e ciclofaixa, biblioteca, bares, restaurantes, boates, casas de cultura, galerias de exposição. Os usos formais estabelecidos configuram bastante o tipo de uso e movimentos dos espaços do Largo da Dinha (Largo de Santana), do Largo da Mariquita e da Praça Brigadeiro Faria Rocha - nesses espaços juntamente com os outros lugares e empraçamentos da orla têm o uso intensificado durante a noite e nos fins de semana. As feiras (Feira de Cultura e Arte da Bahia e a Feira de pluralidades ligada à Igreja de Santana) dinamizam, em sua frequência a partir dos registros, a praça da Mariquita e o empraçamento da Guedes Cabral.

Foi possível identificar contra-usos/usos informais, de acordo com discussão de Rogério Leite (2007), onde dividimos a partir da periodicidade, em fixas e em trânsito. Entre as **atividades informais fixas (contra-usos fixos)** estão: Vendedores de pano de chão, frutas, taboca, água e outras bebidas em áreas específicas próximas aos sinais de trânsito, em áreas mais internas do bairro; Nas praias, atividades de pesca (pescadores descarregando barcos e pescando beira-mar com anzóis e tarrafas) mais no trecho da praia do Rio Vermelho à praia da Mariquita - é uma atividade tradicional do bairro, mas entendeu-se que apesar de inserido no contexto em que estão, é um atividade que contrastam com as características preponderantes nesse espaço do bairro, de modo que os pescadores trabalham, mas a grande maioria reside em outros bairros. As **atividades informais em trânsito (contra-usos em trânsito)**, se intensificam de acordo com a

ocupação das pessoas nos espaços públicos, acontecendo em maior incidência pela noite e fins de semana, em maior parte no trecho que vai da Guedes Cabral a praça da Rua da Paciência, sendo as identificadas: ambulantes no geral, com carrinhos de pipoca, com isopores de cerveja e água (outras bebidas alcoólicas), algodão doce, vendedores de artesanato, brigadeiro (e outros doces), queijo assado; rituais de religiões afro-brasileiras em áreas diversas das praias. No percurso da visita pode-se perceber que em todo o trecho as avenidas e ruas estavam em funcionamento, sem atividades que contrapusessem seu uso comum. Outro momento de mudanças consideráveis em um dos trechos da pesquisa foi durante a Festa dos Palhaços, onde foi possível acompanhar em 2019 e 2020, nos dois anos a concentração começou entorno das 17h na quadra da rua da Paciência, saindo desse ponto à rua da Fonte do Boi, a duração de ocupação das ruas foi das 19h às 00h, entorno disso - ocupando e modificando praticamente só esse percurso. A Festa do Palhaços tem uma dinâmica bastante diferente da Festa de Yemanjá, acontecendo em trânsito, com espécies de blocos abertos, com pessoas fantasiadas, muitos de palhaços e com participação de muitos ambulantes que transportavam seus comércios à no meio da multidão, no ritmo da caminhada. No tocante percebeu-se uma área de uso bastante misto, onde se identificam: comércios, residências (onde quanto mais o padrão elevado, maior oferta de serviços e melhor e mais diversa às estruturas urbanas), bares/restaurantes (a grande maioria voltada para públicos de melhor poder aquisitivo - pela estética e partido arquitetônico do lugar, pelos valores dos serviços oferecidos, pela cobrança de ingresso de entrada, pelo público frequentador - o bairro oferece várias opções privadas de lazer e entretenimento. Pode-se inferir que nos espaços públicos, os contra-usos que se estabelecem nele, de forma independente, possibilitam a permanência no espaço e potencializam usos de pessoas que os preferem e/ou não têm acesso aos entretenimentos oferecidos pelos setores privados.

Durante os registros da Festa de Yemanjá, viu-se que os contra-usos são potencializados nos espaços geográficos que costumam existir nos dias normais, quando não, são incorporados em outros espaços que comunicam uma concentração para os determinados tipos de usos, havendo assim maiores fluxos e/ou a ascensão de ocupação em outros espaços e de atividades inesperadas. Durante o festejo as praias observadas foram ocupadas em grande parte por rituais das religiões de matriz afro-brasileira, com maior ocupação na praia do Rio Vermelho e mediações - onde também foi notado forte trânsito de barcos para atender demandas dos vários rituais, estruturas de suporte para as comunidades-terreiro, muitos fotógrafos - enquanto na praia da Paciência, pelo dia, havia tanto a presença de banhistas e dos serviços geralmente oferecidos pelas barracas fixas, quanto de ambulantes informais e de rituais. As ruas estabeleciam-se com caráter totalmente diferente dos dias comuns, dando lugar para a concentração de pessoas que a



utilizavam de diversas formas: cortejos, grupos de maracatu e de capoeira, ambulante com uma variedade muito maior de produtos, pessoas dançando em diversos lugares e de diversas formas, bebendo, festas feitas dos lugares privados para a rua. Nos largos, a ocupação era muito maior de pessoas e de novas barracas de produtos, com poucas mesas colocadas pelos bares privados (uso comum). Nas calçadas a ocupação maior era dos ambulantes, enquanto nas balaustradas da rua da Paciência (e nos taludes presentes nela) e da praia do Rio Vermelho havia grande concentração de pessoas sempre de olhos para praia, seja pela noite, mas principalmente no amanhecer e durante o dia, acompanhando de cima os festejos dos barracões. Outros aspectos encontrados como performances que aconteciam nas ruas e nas praias, atos sexuais em espaços tidos como público (longe das grandes concentrações, em lugares ermos) e o comércio de drogas, são contra-usos que não foram identificados nos dias comuns - embora as visitas e descrições não contemplem a temporalidade integral dos acontecimentos no Rio Vermelho, já que são recortes pontuais. À medida que os dias se aproximavam do dia do Festejo percebeu-se que em boa parte das áreas relatadas mudanças gradativas, no levantamento de estruturas que seriam fixas na festa, assim como um fluxo maior de trabalhadores, trabalhando nas montagens e na marcação de lugares a serem ocupados enquanto ambulantes no decorrer do dia 02 de fevereiro de 2020. Embora o festejo tenha ocorrido de forma bem diferente em 2021, devido ao contexto pandêmico, percebeu-se remanescências do que é intensificado em dias normais da Festa, principalmente com relação à venda de flores por ambulantes e às oferendas e rituais próximos ao mar dos devotos da Orixá.

É preciso retratar ainda o que se pensa sobre os lugares e existências a partir das subjetividades, das sensações e sentimentos, entretanto essa análise se faz complexa e desde já é preciso reconhecer um caráter infindo nesse sentido. Primeiramente, dentro do recorte, foi possível notar que de fato está presente, tanto nos dias comuns quanto nos dias de festa, a existência dessas outras formas de percepção de espaços e de contato com a emergência de lugares não convencionalizados, na primeira parte da pesquisa de campo ao retratar os contra-usos de forma mais objetiva nos dias comuns, sem perpassar muito por aspectos mais sensíveis teve-se como intuito demonstrar não uma ausência deles, mas direcionar essa impressão a partir das informações contidas nas imagens e a partir da descrição das conformações, condicionantes e estímulos, a partir do olhar do pesquisador/participante, e das caracterizações presentes em relatos de terceiros, os quais foram breves, de fato. Quanto às percepções sobre o que se presencia, foi vivido e é sentido nos dias da Festa, do mesmo modo é preciso levar em consideração os mesmos aspectos, embora na segunda parte que relata a pesquisa de campo durante a Festa, essa descrição tenha assumido uma tipologia menos formal, foi feita através do mesmo olhar pesquisador/observador, mas a partir de outros estímulos, de outras paisagens, com a

tentativa de aproximação com o estar nesses lugares - é preciso considerar que está contido na fala dos entrevistados que além de participantes, organizam a Festa.

Posto isso, o que pode ser caracterizado de forma mais pragmática são as características que formam o lugar Festa e diferenciá-las das características que formam o espaço formal a partir do planejamento urbano. Em consonância com as narrativas teóricas retratadas ao longo do trabalho, entende-se que o espaço formal/legal é condicionado a partir das determinações do Estado através das políticas públicas de planejamento urbano, sujeito à cooptação de atores hegemônicos (ARANTES, VAINER, MARICATO, 2002), no caso de Salvador, onde está situado o Rio Vermelho, esses planejamentos também têm sido empregados de forma questionável, onde vê-se determinações que intensificam processos de segregação e que contemplam interesses de grupos dominantes da sociedade ao longo do tempo (CARVALHO e CORSO, 2008; GOMES, SERRA e NUNES, 2019). No caso do Rio Vermelho percebe-se que sua política de ocupação está delimitada numa área de expansão do setor turístico e das classes privilegiadas, onde setores populares vêm perdendo espaço a partir de remoção e projetos de revitalização urbana, sendo intensificado ao longo dos tempos o caráter de bairro com usos predominantemente pensado para o setores de padrão social elevados (CARVALHO e CORSO, 2008; PORTO FILHO, 1991; GUSMÃO, 2017). Dadas essas condições que interferem diretamente no bairro do Rio Vermelho, percebe-se que o espaço legal tem características determinantes que interferem no seu uso, vê-se que esse espaço formal se mostra fechado, limitado e segregador. Enquanto as características que estão intrínsecas e formam o espaço e os lugares da Festa de Yemanjá, denotam à esse espaço maior imprevisibilidade de contra-usos e acontecimentos - muitos determinados por eles - mostra-se como sendo um espaço aberto, onde o que não é legal, está passível de acontecer através das subjetividades, sensações e vontades - obviamente com interferências de todo sistema que estruturam a sociedade, como por exemplo ambulantes, catadores de latinhas em maioria negra ocupando espaços onde a maioria residente é branca e de padrão econômico elevado, mas nesse sentido está presente o conflito e a negociação direta, existe possibilidade de coexistências e de visualização desse confronto de forma mais explícita por exemplo, nesse espaço - para além disso, muito desses contra-uso dialogam diretamente com a renda dessas pessoas excluídas dos ambientes de comércio dessa região. É preciso retratar principalmente que o Rio Vermelho, bairro de maioria branca e de classes privilegiadas é sobreposto pelo lugar Festa de Yemanjá, a qual é originária das religiões afro-brasileiras e que ocupam na cidade lugares populares e periféricos desde o início da vida urbana, onde a maioria de adeptos e líderes religiosos são negros e mulheres, que acontece a partir de influências de um movimento transatlântico de resistência negra, levando em consideração o que é falado por Matory (1998) - Festa que proporciona alterações significativas na organização e ocupação ordinárias do bairro. Sobre

a ideia anterior, para agregá-la a partir dos conceitos trabalhados, recorre-se ao que foi levantado sobre as concessões dentro de um sistema estruturalmente racista e de interesse das elites (ALMEIDA, 2021) e como através dessas concessões, que vêm através da pseudo tentativa de pacificar os conflitos e homogeneizar os corpos marginais através das políticas coordenadas pelos Estados, há construção e dissolução a partir de uma força bipotente das subjetividades, de forma dialética, que na coletividade se estabelecem com uma multidão, dispersa, que reivindica direitos de vida através de ações individuais, aproximando-se de uma democratização expandida de construção e uso da cidade (PELBART, 2011), onde a partir de ações das subjetividades marginalizadas alcançam de forma direta (legal) e indireta (informal e não prevista) o planejamento urbano formal e tradicional.

Dada essa outra condição de formação da cidade, onde os lugares que emergem (moldados na marginalidade, planejados sob motivações distintas, potente) de espaços legais existentes (reguladores e fechados) dialogam entre aspectos das necessidades contemporâneas das pessoas, da construção histórica/social/cultural em que as mesmas estão inseridas, de suas subjetividades, atribuindo características e qualidades à cidade de maneira participativa e autônoma ao estado – traçando trajetórias paralelas que ora perpassam o planejamento urbano e as políticas públicas de maneira legal ora são desconsideradas pelo Estado, se aproximando da invisibilidade nesse processo de construção e controle da cidade nessas diversas assimilações. Isto posto, a principal motivação do estudo se deu no ato de investigar essas alterações e tentar entendê-las como formadoras da cidade nos aproximando de um saber que tem como protagonista uma política de utilização contra hegemônica a partir de contra-usos no processo de construção do contexto urbano do bairro do Rio Vermelho em Salvador.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de forma geral teve como intuito investigar e perceber o espaço urbano através de narrativas que nos aproximam das construções e interferências no espaço formal a partir de contra-usos, os quais possibilitam formas diferentes de apropriação, com aspectos atravessados pelas subjetividades e que em certa medida são opostos às características que permeiam o processo de construção e ocupação dos espaços urbanos entendidos como formal e regular, estabelecendo assim caráter contra-hegemônico. Por achar importante o reconhecimento desses processos como também construtores da cidade, que são protagonizados por ações e atores que ocupam lugares marginais no espaço social e geográfico das cidades, a pesquisa se direcionou a percepção dessas transitoriedades e mudanças promovidas pela Festa de Yemanjá, que acontece anualmente em 02 de fevereiro, que estabelecem outros lugares e dinâmicas no bairro do Rio Vermelho em Salvador/BA.

Pode-se identificar de acordo com o objetivo geral da pesquisa, a emergência de lugares transitórios, que em suas transitoriedades compõem um cenário que se repete em alguns aspectos mais objetivos, se comparado a Festa de Yemanjá de 2020 e 2019, por exemplo, como performances nos mesmos espaços, o lugar dos shows, dos corpos dançantes, dos cultos, do comércio ambulante fixo, entretanto é somado à novos atores e às subjetividade que dão caráter de maior renovação, ao estabelecerem novas conexões, novas sensações, estímulos, emergência de lugares significativos, etc. Nesse sentido existem transitoriedades e mudanças que acontecem dentro da própria dinâmica da Festa, que se estabelece anualmente de formas diferentes e entre o espaço/lugar Festa, que é transitório, e o espaço formal, que é sobreposto pelas mudanças.

Desse modo, entende-se que o objetivo geral foi alcançado através: Das aproximações teóricas das características de formação do espaço através do apanhado histórico das relações socioespaciais que compõem o ambiente urbano brasileiro e também o de Salvador; E a partir das visitas de campo, onde às descrições e o registro de fotos, em diversos recortes de tempo, empreendeu a pesquisa reconhecimento dos usos e contra-usos e melhor visualização das mudanças, entretanto passível de melhora através de outros meios de comunicação - nesse sentido, esse ponto pode ser alcançado através da demonstração de vídeos de registro durante apresentação final da banca de TCC. Entende-se assim que os objetivos específicos foram atingidos, com possibilidade de melhorias com a exposição do material audiovisual.

Percebeu-se com o trabalho que Festa de Yemanjá promove mudanças substanciais na lógica formal do espaço do Rio Vermelho, possibilitando de forma transitória existências e subjetividades que o espaço comum, cotidiano, legal não só não comporta como repele. Há

emergência de lugares a partir de atores (trabalhadores ambulantes, cortejos, cultos, música, corpos em suas experiências individuais e coletiva diversas, etc) que produzem, a partir de contra-usos sentidos e lógicas de ocupação distintas, mais democráticas e reais, se pensarmos no sentido da maior possibilidade dos conflitos e negociações corpo a corpo - nesse sentido, ainda que de forma transitória, as mudanças acontecem a partir da subversão de uma lógica maior, não só do trecho pesquisado, mas de uma realidade estrutural soteropolitana e brasileira. Nesse sentido, conforme perguntado no início do trabalho, de forma sucinta pode-se concluir que há mudanças substanciais no bairro do Rio Vermelho a partir da existências possibilitadas pelo Dia de Yemanjá.

Quanto à metodologia, houve atendimento parcial do planejamento metodológico, conseguiu-se caminhar através das modalidades de pesquisa, entretanto houve dificuldades no que se refere às técnicas empregadas. Dado à limitações financeiras, geográficas e do contexto pandêmico não foi possível realizar de forma mais significativa entrevistas não diretivas, que tinham como intuito tornar mais diversa às narrativas, aproximando-se das impressões dos trabalhadores ambulantes, de participantes e adeptos - expandido assim características subjetivas e sensoriais.

Durante o processo de pesquisa, foi possível notar alguns pontos que teriam sido interessantes de abordar e transitar, que agregaria à pesquisa, entretanto fugiria do alcance desse processo de pesquisa, nesse sentido, cabe relatá-la somente a fim de recomendações para possíveis novas pesquisas que perpassem essa abordagem. Dado que as pessoas em suas subjetividades produzem lugares e sensações e que dentro dessas individualidades, alcança-se também aspectos coletivos, pensou-se na riqueza de detalhes que narrativas individuais teriam ao relatarem ou construírem derivas dentro do espaço Festa de Yemanjá (ou em outros espaços que apresentam características semelhantes) com pesquisadores, mas com pessoas somente participantes, expondo e reconhecendo referências pessoais sobre os mesmos espaços. Outro ponto interessante também seriam a construção de cartografias sensoriais desses espaços, através dos sons, cheiros, movimentos corpóreos, através do pré-reconhecimento de grupos (ambulantes, participantes, candomblecistas, pescadores, etc) e dos contra-usos que desenvolvem na temporalidade da Festa. Entende-se que existem possibilidades diversas de aprofundamento através de contra-narrativas sobre a formação de espaços urbanos através das subjetividades, das biopolíticas de contra-usos e de movimentos que fazem resistência às ideologias hegemônicas.

Sendo assim, espera-se com o trabalho, com o alcance de seus objetivos e considerações a partir deles, apresentar narrativas à comunidade acadêmica sobre processos de diluição do espaço fechado, planejado e estruturado por políticas públicas através de atores e vivências contra hegemônicos, que proporcionam acessos que tocam e



aproximam existências à ideia de acessos à cidade - espaços e movimentos informais, potentes, ligados às necessidades e experimentação do espaço de formas diversas, potencialidades urbanas conduzidas pelo que está à margem dos espaços geográficos tidos como legais, contra hegemônicas ao planejamentos urbanos contemporâneos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adolescente é retirada da mãe pelo Conselho Tutelar após participar de ritual do candomblé. **Fórum**, 7 de agosto de 2020. Disponível em <<https://revistaforum.com.br/brasil/adolescente-e-retirada-da-mae-pelo-conselho-tutelar-apos-participar-de-ritual-do-candomble/?fbclid=IwAR3XP3EYvib0ZAA0i3JBmwtsEFqkYSVcfQaZKRDLYKGJZa8BrbWA09NAvg4>>, acesso em 27 de março de 2021.

AGAMBEN, G. **Profanações**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo : Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

Apoiador faz gesto dos supremacistas brancos e Bolsonaro diz: "sei que é um gesto bacana, mas não pega bem pra mim" (VÍDEO). **Brasil 247**, 26 de março de 2021. Disponível em <<https://www.brasil247.com/brasil/apoiador-faz-gesto-dos-supremacistas-brancos-e-bolsonaro-diz-sei-que-e-um-gesto-bacana-mas-nao-pegas-bem-pra-mim-video>>, acesso em 27 de março de 2021.

ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARBUDA, A. P. **Salvador em Festa de Iemanjá: Análises da festa no planejamento estratégico**. 2015. 124 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

BRITO, G. Início de 2019 registra aumento da intolerância religiosa na Bahia. **Ministério Público da Bahia**, Salvador, 23 de janeiro de 2019. Disponível em <<https://www.mpba.mp.br/noticia/44989#:~:text=O%20in%C3%ADcio%20do%20ano%20de,13%20casos%20de%20intoler%C3%A2ncia%20religiosa>>, acesso em 27 de março de 2021.

BRITTO, L.; MELLO, M. & MATTA, R. O processo de transformação urbana de Salvador-BA. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**. Salvador, Ano XIX - V. 2 - N. 37, agosto de 2017.

CALABRESE, F. **Estudos de requalificação e de valorização urbana e paisagística do Rio Vermelho em Salvador**. 2013. 281 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos/MP-CECRE) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CONDER/INFORMS. **Painel de Informações – Dados Socioeconômicos do Município de Salvador por Bairros e Prefeituras-Bairro**. Disponível em: <[http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1\\_INFORMS\\_Painel\\_de\\_Informacoes\\_2016.pdf](http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf)>. Acesso em: 16 de agosto de 2019.

CORSO, G. P.; CARVALHO, I. **Como anda Salvador**. 2ª edição. Salvador: Editora da UFBA, 2008.

DEBORD, G. Teoria da deriva. **Internacional Situacionista**, N. 2. Dezembro, 1958. Segunda tradução (espanhol – português) por membros do Gunh Anopetil em 19 de março de 2006. Publicado em Protopia.

Festa de Iemanjá é reconhecida como Patrimônio Cultural de Salvador. **A Tarde**, 2020. Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2117769-festa-de-iemanja-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-de-salvador>>. Acesso em: 20 de março de 2020.

GOMES, H.; SERRA, O.; NUNES, D. (Coord.). **Salvador e os descaminhos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano: construindo novas possibilidades**. Salvador: EDUFBA, 2019.

GUSMÃO, R. Requalificação pela desqualificação: o discurso da reurbanização no “novo” Rio Vermelho. **Geusp – Espaço e Tempo** (Online), V. 21, N. 2, p. 531-549. Agosto, 2017. ISSN 2179-0892.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5ª Edição. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. - 2 ed. - Campinas: Ed. da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

LOURENÇO, B. Saiba o que foi e como aconteceu a Revolta dos Malês. **Galileu**, 25 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/01/saiba-o-que-foi-e-como-acontec>>

eu-revolta-dos-males.html#:~:text=Ocorrida%20entre%20os%20dias%2024,contra%20a%20escravid%C3%A3o%20no%20Brasil>, acesso em 02 de abril de 2021.

MARICATO, E. Para entender a crise urbana. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço**: Uma nova política da espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2008.

MATORY, J. L. Yorubá: as rotas e as raízes da nação transatlântica, 1830-1950. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, V. 4, N. 9, outubro de 1998.

MERCADO DO PEIXE. **SALVADOR**. Disponível em <<https://www.salvadorabahia.com/experiencias/mercado-do-peixe/>>, acesso em 09 de abril de 2021.

MUNIZ, T. No dia de Exu, ebó coletivo marca protesto contra navio no Porto de Salvador. **Correio**, Salvador, 04 de novembro de 2019. Disponível em <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/no-dia-de-exu-ebo-coletivo-marca-protesto-contra-navio-no-porto-de-salvador/>>, acesso em 27 de março de 2021.

Plano de desenvolvimento Urbano de Salvador, Mapa 09 - Prefeitura-Bairro. **Secretária de Desenvolvimento Urbano**, 01 de julho de 2016. Disponível em <[http://www.sucom.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/PDDU\\_MAPA\\_09\\_PREFEITURA\\_BAIRRO.pdf](http://www.sucom.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/PDDU_MAPA_09_PREFEITURA_BAIRRO.pdf)>. Acesso em 29 de março de 2021.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **100 anos da paróquia do Rio Vermelho**. Salvador: ACIRV, 2012. 184 p.

PELBART, P. P. **Vida Capital, Ensaios de Biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PERRONE-MOISÉS, B. **Festa e Guerra**. 2015. 126 p. Tese (Livre Docência) - Departamento de Antropologia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PORTO FILHO, U. M. **Rio Vermelho**. Salvador, BA: AMARV, 1991. 274 p.

REBOUÇAS, D. Rio Vermelho: Imagens e Histórias - Documentos e fotos antigas, além de histórias incríveis. Youtube, 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-\\_sOwfCgk8c&t=7s](https://www.youtube.com/watch?v=-_sOwfCgk8c&t=7s)>. Acesso em 01 de junho de 2021.

RIBEIRO, A. V. O comércio das almas e a obtenção de prestígio social: traficantes de escravos na Bahia ao longo do século XVIII. **Locus: Revista de História**, V. 12, N. 2, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20640>>. Acesso em 02 abril de 2021.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SALVADOR. Secretária Municipal de Mobilidade. Gabinete da Superintendência de Trânsito de Salvador. Portaria Nº 054/2020, 29 de Janeiro de 2020. Salvador - Bahia/Brasil, 2020.

SANTOS, J. T. (Coord.). **Mapeamento dos terreiros de Salvador**. Salvador, BA: CEAO, 2008. 159p.

SANTOS, J. T. **Produção e consumo cultural no bairro do Rio Vermelho - Salvador/BA**. 2013. 121 p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SENNETT, R. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, M. F. S. **A festa e a cidade: Experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano**. 2010. 133 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

UCHÔA, F. R. Espaços e Imagens da Gentrificação no Centro de São Paulo. **Revista Novos Olhares**. São Paulo, V. 3, N. 2, 2º semestre de 2014.


Val Marchiori ganha processo de Ludmilla por racismo: 'Cabelo bombрил'. **Catraca Livre**, 26 de março de 2021. Disponível em:



<<https://catracalivre.com.br/entretenimento/val-marchiori-ganha-processo-de-ludmilla-por-racismo-cabelo-bombril/>>. Acesso em 27 de março de 2021.

VERGER, P. F. **Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. Tradução Maria Aparecida da Nóbrega. São Paulo: Corrupio Comércio Ltda, 1981.

**ANEXO A - Portaria nº 054/2020, página 25 do Diário Oficial do Município, Salvador, 29 de Janeiro de 2020.**



DIÁRIO OFICIAL DO  
**MUNICÍPIO**

SALVADOR-BAHIA  
QUARTA-FEIRA  
29 DE JANEIRO DE 2020  
ANO XXXIII | N.º 7.559

25

RAIMUNDO SODRÉ RAP NOVA ERA  
RAS MATEUS  
RASTA GROOVE  
RBF RAPAZIADA DA BAIXA FRIA  
REBECA TARIQUE  
REGGAE DE CACHOEIRA  
REI MOMO DE SALVADOR 2020 RESTGATE BLUES  
RICK RALLEY  
RITA BRAZ RJ2  
ROBERTINHO DE RECIFE  
ROBINHO E BANDA  
ROCA SOUND  
RODE TORRES  
ROQUE BENTEQUÊ  
ROQUE CARVALHO  
ROSA BAHIANA  
RUAN BAGANO - MUSICO  
SABOR DO ARROCHA SAIDDY BAMBA  
SAMBA DA LADAINHA  
SAMBA D' MARA  
SAMBA ESTACOS  
SAMBA 1000 GRAUS  
SAMBA COMUNIDADE  
SAMBA D+  
SAMBA DA MINHA TERRA  
SAMBA DE FAROFA  
SAMBA DE OYA  
SAMBA DE RAIZ  
SAMBA DE RODA URBANO  
SAMBA DE TAMANCO  
SAMBA DO PRETINHO  
SAMBA DO VAI KEM KE  
SAMBA FAMA  
SAMBA FOGUEIRÃO  
SAMBA FUTUKA  
SAMBA MOCIDADE  
SAMBA TRATOR  
SAMBA.COM  
SAMBOLEIRO  
SANBONE PAGODE ORQUESTRA  
SANDRO COUTTO  
SARAJANE PROJETO A MÃE DO AXÉ SAUL CALMON  
SEGUIDORES ROOTS  
SEULSON  
SIMONE RAYOS E BANDA VEM Q SAMBA  
SINE CALMON  
SKANIBAIS  
SÓ SAMBA DE RODA  
SOM DE PRAIA  
SOMOS CINCO  
SDTAKE BRASILEIRO  
SOU DO SAMBA  
SOU LOVE  
SUBAFRICA  
SWING DO LUIH  
SWING DO RAGHA  
TAIS ANDRADE  
TAIS NADER  
TAMBORES DE RUZIO  
TAMBORES SANTA TANIA LIZ  
TELEFUNKSOUL  
THIACUNHO E BANDA  
THOME VIANA  
TIERRY  
TIKÃO E BANDA SANTUARIO  
TIME PUNANNY  
TK SURPESINHA  
TOM BROWN  
TONHO MATÉRIA  
TONY BAIANO e Banda Cabeça de Gelo  
TONY CZ  
TOPS DA BALADA  
TOTE GIRA  
TREZMATIC  
TRIBO BAIANA  
TRIBO AGANDANIA  
TRIBO SAMBA  
TRIBUNA LIVRE DO SAMBA  
TRIO DO SAMBA DE EDIL PACHECO  
TRIO DO SAMBA JUMINO  
TRIO ELETRICO DO ARROCHA  
TRIO POP ROCK  
TRIO SALVADOR RAP

UJ SISTEMA  
UNHA VORAZ  
VAL MACAMBIRA  
VAN VAN  
VANESSA PINHEIRO  
VANESSA BORGES  
VEM SAMBAR NO CARNAVAL DE SALVADOR  
VENERA E BANDA  
VERONICA COSTA  
VETÉRA  
VIA BRAZIL  
VINNICIUS  
VINNY NOGUEIRA  
VINY BRASIL  
VIOLA DE DOZA  
VIOLA DE MARUJO  
VITINHO FORRO  
VITROLA BAIANA  
VITROLA DE LUXO  
VIVIANE TRIPODI  
VOZES QUILOMBOLAS  
WELINGTON PACHECO  
WIL CARVALHO  
WILSON CAFE  
WILTON PITTA  
XINELO DE COURO  
XINELO DE MOÇA  
ZAVAN LIV  
ZE HONÓRIO  
ZÉ DE TONHA ZÉ PAULO  
ZECA FREITAS E ORQUESTRA  
ZEFA DE ZECA  
ZELITO MIRANDA  
ZU RWAN

Salvador, 23 de janeiro de 2020

**JAIRO DA MATA**  
Presidente

**CASSINI ROSSELLO BLOHEM MONTEIRO**  
Secretário Gera

**REGINALDO SANTOS**  
Vice-Presidente

**CLÓVES CARNEIRO RAMOS**  
2º Secretário

**SIDNEI BONFIM**  
2º Vice-presidente

**SECRETARIA MUNICIPAL DE MOBILIDADE - SEMOB**

**Superintendência do Trânsito de Salvador - TRANSALVADOR**

**PORTARIA Nº054/2020**

**O SUPERINTENDENTE DE TRÂNSITO DO SALVADOR** no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pela Lei nº 9.186 de 29 de dezembro de 2016, e com fundamento no Art. 3º, Inciso X, do regimento Interno aprovado pelo Decreto nº 29.451 de 24 de janeiro de 2018, publicado no Diário Oficial do Município de 25 de janeiro de 2018.

Considerando a necessidade de ordenar, disciplinar e otimizar o tráfego de veículos e a circulação de pedestre, quando da realização da **"FESTA DE YEMANJÁ"**, evento pertencente ao Calendário Oficial do Município, promovida pela Prefeitura Municipal do Salvador - PMS, sob a coordenação da Empresa Salvador Turismo S/A - SALTUR.

**RESOLVE:**


**Art. 1º Promover as seguintes alterações no tráfego de veículos do Bairro Rio Vermelho, das 22:00 do dia 01 de fevereiro de 2020 às 06:00 do dia 03 de fevereiro de 2020:**

**§ 1º - Proibição do estacionamento de veículos** nas seguintes vias: Rua Bartholomeu de Gusmão (lado direito), Rua Theodomiro Baptista, Rua Rogerio de Faria, Rua Macaúbas (lado direito), Rua Dr. Antônio Queiroz Muniz, Rua Archibaldo Baleeiro, Rua Professor Francisco da Conceição Menezes, **Tv Basílio de Magalhães, Rua do Mein, Praça Brigadeiro Faria Rocha, Rua Osvaldo Cruz, Rua Nelson Gallo** (até a divisa com a Rua Carijó), **Largo da Mariquita, Rua Monte Conselho** (entre o Largo da Mariquita e a 7ª DFI), **Rua João Gomes, Rua Guedes Cabral, Rua Professora Almerinda Dutra, Largo de Santana, Tv. Prudente de Moraes, Tv. Lydio de Mesquita, Rua Alexandre de Gusmão** (lado direito), **Tv. Miguel Arcaño de Saniana, Rua da Paciência** (lado direito, sentido Amaralina), Rua Eurycles de Matos (lado direito), Rua Odorico Odilon.

## ANEXO B - Portaria nº 054/2020, página 26 do Diário Oficial do Município, Salvador, 29 de Janeiro de 2020

**26**

SALVADOR-BAHIA  
QUARTA-FEIRA  
29 DE JANEIRO DE 2020  
ANO XXXIII | N.º 7.559



**DIÁRIO OFICIAL DO  
MUNICÍPIO**

**§ 2º - Interdição do tráfego de veículos nas seguintes vias:** Rua da Paciência, Tv. Prudente de Moraes, Largo de Santana, Rua Guedes Cabral, Rua Borges dos Reis, Rua Almerinda Dutra, Rua João Gomes, Praça Colombo, Rua Conselheiro Pedro Luiz, Largo da Mariquita, Av. Cardeal da Silva (trecho compreendido entre a Tv. Prudente de Moraes e a Rua José Taboada Vidal), Rua Vieira Lopes (trecho compreendido entre a Rua Conselheiro Pedro Luiz e a Rua Potigüares), Rua Odilon Santos, Rua do Meio, Rua Potigüares, Tv. Basílio de Magalhães, Praça Brigadeiro Faria Rocha, Rua Marquês de Monte Santo, Rua Dr. Antônio Queiroz Muniz, Rua do Barro Vermelho, Rua do Mirante, Av. Juracy Magalhães (trecho compreendido entre a Rua Oswaldo Cruz e a Rua Potigüares), Praça Marechal Aristóteles de Souza Dantas (Rua Alexandre de Gusmão).

**§ 3º - Desvio do tráfego de veículos nas seguintes vias:** Av. Oceânica (à altura da Rua da Paciência, na interseção com a Rua Eurycles de Mattos); Av. Cardeal da Silva (à altura da Rua Almirante Barroso), Rua Oswaldo Cruz (na interseção com a Av. Juracy Magalhães Junior), Rua Conselheiro Pedro Luiz (à altura do retorno para a Av. Vasco da Gama).

**§ 4º - Sentido duplo do tráfego de veículos nas seguintes vias:** Rua Nelson Galo, Rua Archibaldo Baleeiro, Rua Marquês de Monte Santo (no trecho compreendido entre a Rua Doutor Antônio Queiroz Muniz e a Rua Odilon Santos), Rua Odilon Santos (no trecho compreendido entre a Rua Marquês de Monte Santo e a Rua Monte Conselheiro).

**§ 5º - Inversão do sentido do tráfego de veículos na Av. Anita Garibaldi,** via marginal (entre a Tv. Bartholomeu de Gusmão e a Rua Eurycles de Mattos).

**§ 6º - Permitir o estacionamento de veículos na Av. Juracy Magalhães Junior / Rua do Canal,** nos seguintes trechos:

I - A partir da rua Caeté (Pontilhão), sentido Iguaçu, em ambos os lados;  
II - Após o restaurante da Ana até a Academia Momento Fitness, no lado direito da via, sentido Rua Vieira Lopes;  
III - Entre a rua Potigüares e a rua Caeté, sentido Ship da Bahia, em ambos os lados.

**§ 7º - Instalação de Barreiras Fixas (BF), a partir das 22:00 do dia 01**

**BF 01 - Rua Odilon Santos / Tv. Basílio de Magalhães;**  
BF 02 - Rua Oswaldo Cruz / Rua Nelson Galo / entrada Rua Archibaldo Baleeiro;  
BF 03 - Rua Oswaldo Cruz / Saída Rua Archibaldo Baleeiro;  
**BF 04 - Rua Oswaldo Cruz / Tv. Basílio de Magalhães;**  
**BF 05 - Rua Oswaldo Cruz / Rua Potigüares;**  
**BF 06 - Rua Oswaldo Cruz / Av. Juracy Magalhães Junior;**  
BF 07 - Rua Ilheus / Rua Vieira Lopes;  
**BF 08 - Rua Conselheiro Pedro Luiz / Rua Vieira Lopes;**  
**BF 09 - Rua Conselheiro Pedro Luiz / Rua Canaveiras;**  
BF 10 - Rua Conselheiro Pedro Luiz / Rua Itabuna;  
**BF 11 - Rua Conselheiro Pedro Luiz / retorno Rua Luclia;**  
BF 12 - Retorno da Rua Luclia (Embasa);  
**BF 13 - Av. Cardeal da Silva / Rua José Taboada Vidal;**  
**BF 14 - Rua da Paciência / Tv. Prudente de Moraes;**  
**BF 15 - Rua da Paciência / Tv. Lydio Mesquita;**  
**BF 16 - Rua da Paciência / Rua Almirante Barroso;**  
BF 17 - Praça Marechal Aristóteles de Souza Dantas / Rua Alexandre de Gusmão / Rua Almirante Barroso;  
**BF 18 - Av. Oceânica / Rua da Paciência;**

**§ 8º - Instalação de Barreiras Semi Fixas (BSF), a partir das 22:00 do dia 01**

**BSF 01 - Rua Odilon Santos / Rua Monte Conselheiro;**  
BSF 02 - Av. Cardeal da Silva / Tv. Prudente de Moraes;  
BSF 03 - Rua Almirante Barroso / Rua Odorico Odilon.

**§ 9º - Instalação de Barreiras Móveis (BM), a partir das 04:00 do dia 02:**

BM 01 - Rua Oswaldo Cruz / Praça dos Capoeiristas;  
BM 02 - Rua Oswaldo Cruz / Rua Doutor Antônio Queiroz Muniz;  
BM 03 - Rua Marquês de Monte Santo (início da mão dupla);  
**BM 04 - Rua Odilon Santos / Praça Brigadeiro Faria Rocha;**  
BM 05 - Rua Oswaldo Cruz / Rua Professor Francisco da Conceição Menezes;  
BM 06 - Av. Juracy Magalhães Junior / Rua Potigüares;  
BM 07 - Av. Juracy Magalhães Junior (1º retorno);  
**BM 08 - Av. Juracy Magalhães Junior / Rua Vieira Lopes;**  
**BM 09 - Rua Conselheiro Pedro Luiz / Rua Ilheus;**  
**BM 10 - Rua Conselheiro Pedro Luiz / Rua Luclia;**  
BM 11 - Retorno Rua Luclia (Embasa);  
**BM 12 - Av. Vasco da Gama / Av. Anita Garibaldi;**  
**BM 13 - Rua Conselheiro Pedro Luiz / retorno Praça Rios de Azevedo;**  
BM 14 - Av. Cardeal da Silva / Rua Almirante Barroso;  
BM 15 - Av. Cardeal da Silva / Rua Cel. José Galdino de Souza (SEMOB);  
**BM 16 - Rua da Paciência / Rua Eurycles de Mattos.**

**Art. 2º** Os veículos com destino a festa, terão como opção de tráfego: Av. Oceânica, Av. Anita Garibaldi, Av. Juracy Magalhães Jr, Av. Cardeal da Silva (até a interseção com a Rua Almirante Barroso), Rua Almirante Barroso (até a Rua Odorico Odilon), Av. Vasco da Gama, Rua Oswaldo Cruz (até o Bompreço).

**Art. 3º** Proibição da circulação de Troncos Elétricos e Carros de Som no sítio da festa.

**Art. 4º** Assegurar o acesso aos residentes e/ou domiciliados nas vias interditadas, mediante comprovação de endereço através de documento do veículo e/ou listas de telefone, água, energia elétrica, etc.

**Art. 5º** Estabelecer o horário para a Operação Carga / Descarga até às 23:00 do dia 01, nas vias citadas no Art. 1º §2º.

**Art. 6º** Os veículos destinados aos serviços públicos (Operação de Trânsito e Transporte, Bombeiros, Ambulâncias e Polícia), além de prioridade gozarão do livre trânsito e estacionamento, quando devidamente identificados e estiverem em serviço, conforme artigo 29, inciso VII do CTB.

**Parágrafo Único** - Os veículos não relacionados neste artigo, só terão acesso ao sítio das festividades mediante autorização fornecida pelo órgão competente, desde que as condições de segurança das vias permitam.

**Art. 7º** O tráfego voltará à normalidade tão logo a LIMPURB conclua os serviços de limpeza.

**GABINETE DA SUPERINTENDÊNCIA DE TRÂNSITO DO SALVADOR, em 24 de janeiro de 2020.**

**FABRIZIO MULLER MARTINEZ**  
Superintendente Executivo

**PORTARIA Nº 048/2020**

**Publicada no Diário Oficial do Município de nº 7.557, de 25 a 27/01/2020.**

**Replicado Por ter saído com incorreção.**

O SUPERINTENDENTE DA TRANSALVADOR, no uso de suas atribuições e tendo em vista o que consta no processo nº 63912/2017.

**RESOLVE:**

Conceder aposentadoria a servidora **LUCIA CONCEIÇÃO LEÃO FIGUEIREDO**, matrícula nº 3067736, titular do cargo de provimento efetivo de Agente de Trânsito e Transporte, na Área de Qualificação de Agente de Trânsito e Transporte, com fundamento no Artigo 40, Parágrafo 1º Inciso III, Alínea "b", da Constituição Federal do Brasil, cabendo a DPREV/SEMGE, a fixação de sua renda mensal na inatividade, na forma da Lei Complementar nº 05, de 06 de julho de 1992.

**GABINETE DA SUPERINTENDÊNCIA DE TRÂNSITO DO SALVADOR, em 21 de janeiro de 2020.**

**FABRIZIO M. MARTINEZ**  
Superintendente

**SECRETARIA MUNICIPAL DO TRABALHO, ESPORTES E LAZER  
- SEMTEL**

**PORTARIA Nº 03/2020**

O Secretário Municipal do Trabalho, Esportes e Lazer, no uso de suas atribuições legais, que lhe são conferidas pelo Regimento Interno da SEMTEL, de 19 de setembro de 2017, publicado no DOM de 20/09/2017, republicado pelo DOM de 21/09/2017.

**RESOLVE:**

Designar, a partir de 01/02/2020 a 18/02/2020, o servidor **EDMILSON MACHADO DA SILVA**, matrícula nº 3155495, Coordenador II, para cumulativamente, responder pelo Cargo em Comissão de Diretor Geral, Grau 58, da Diretoria de Esportes e Lazer desta SEMTEL, por motivo de férias regulamentares, por 18 (dezoito) dias, em substituição ao titular **DANIEL ALVES DA SILVA**, matrícula nº 3150922.

**GABINETE DO SECRETARIO MUNICIPAL DO TRABALHO, ESPORTES E LAZER, em 28 de janeiro de 2020.**

**ALBERTO PIMENTEL**  
Secretário

**PORTARIA Nº 04/2020**

O Secretário Municipal do Trabalho, Esportes e Lazer, no uso de suas atribuições legais, que lhe são conferidas pelo Regimento Interno da SEMTEL, de 19 de setembro de 2017, publicado no DOM de 20/09/2017, republicado pelo DOM de 21/09/2017.

**RESOLVE:**

Dispensar a pedido, a partir de 05/02/2020, a servidora **TÂNIA MARIA OLIVEIRA REIS**, matrícula nº 3017356, da Função de Confiança de Chefe de Setor "B", Grau 43, da Unidade Descentralizada de Produção Trabalho e Atendimento desta SEMTEL, fazendo retornar ao seu órgão de origem.

**GABINETE DO SECRETARIO MUNICIPAL DO TRABALHO, ESPORTES E LAZER, em 28 de janeiro de 2020.**

**ALBERTO PIMENTEL**  
Secretário